

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA - INHIS

Mickely Gomes Barrotti

**Torre das Sobreviventes: ensinar história da Ditadura Civil-Militar por meio da
literatura**

UBERLÂNDIA/MG

2026

MICKELY GOMES BARROTTI

**Torre das Sobreviventes: ensinar história da Ditadura Civil-Militar por meio da
literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciatura em História

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

Uberlândia/MG

2026

MICKELY GOMES BARROTTI

Torre das Sobreviventes: ensinar história da Ditadura Civil-Militar por meio da literatura

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito à obtenção do título de
Licenciatura em História.

Uberlândia, 16 de março de 2026.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (orientador)

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar – INHIS/UFU (examinador)

Profa. Dra. Keides Batista Vicente - UEG (examinadora)

O golpe é contra o povo e contra a Nação. O golpe é misógino. O golpe é homofóbico. O golpe é racista. É a imposição da cultura da intolerância, do preconceito e da violência.

Dilma Rousseff, 2016.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria sido feito sem ter muito bem consolidado três principais pares na minha vida. O primeiro e o primordial é Deus, que com bondade e amor por mim me sustentou cada dia da minha vida, me trazendo até aqui. E com certeza eu não teria escrito nem uma linha desta monografia sem a misericórdia Dele. O segundo pilar é a minha família, não sei o que seria de mim sem eles na minha vida, com certeza eu não iria muito longe. João Fábio, meu pai, me ensinou que eu consigo fazer qualquer coisa que eu tiver vontade, me ensinou a lutar pelos meus sonhos e a nunca duvidar da minha capacidade. Ele, que desde tão jovem, começou a trabalhar e se formou adulto enfrentando tantas dificuldades, me deu todo o suporte para estar aqui hoje, defendendo esse trabalho. Sou grata pela vida da minha avó paterna, Leia, que com tanta sabedoria criou o homem que hoje é a minha referência para tudo. Ela, uma mulher jovem e batalhadora, se formou na faculdade de História, foi professora dos meus pais e, mesmo sem conseguir ter tido a honra de conhecê-la, sinto que sigo essa profissão em seu nome. Sei que ela estaria feliz nesse momento.

Pai, agradeço por cada dia que o senhor apoiou os meus sonhos, as minhas vontades, por cada lágrima minha que foi enxugada com suas palavras e abraços e por cada ligação de vídeo que foi o meu verdadeiro sustento durante a graduação. Agradeço eternamente à minha mãe, Andreia Luciana, que com amor e cuidado me tornou a mulher forte que soube cuidar de si mesma. Com sabedoria, ela me ensinou a cada dia seguir em frente, passando por cima de qualquer adversidade, me ensinou que tenho capacidade de ser e fazer o que eu quiser. Ela, desde a infância, lutou muito para trabalhar e cuidar dos oito irmãos mais novos, batalhando para conseguir ter uma vida melhor e hoje, se eu posso dizer que tive condições de estar aqui, foi porque tive o apoio dela. Nicolý, minha irmã, que é uma verdadeira inspiração para mim, aquela em que eu me inspirava na hora de escolher alguma coisa, de vestir alguma roupa ou até mesmo, na hora de sair de casa para ir fazer faculdade. Nós sabemos o quanto é difícil sair do conforto da casa dos nossos pais para enfrentar a vida difícil de morar sozinha, mas você se tornou a pessoa da qual eu tenho o orgulho de dizer que é minha irmã, essa mulher forte, determinada e corajosa com a qual a Mickely de cinco anos sempre sonhou em ser. Obrigada por ser o meu norte. À minha avó materna e aos meus tios, que mesmo de longe sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e mostrando o quanto sentem orgulho de mim. Eu amo vocês eternamente e nenhum título seria capaz de demonstrar minha gratidão.

O terceiro pilar pelo qual tenho a agradecer é ao profissional que fez tudo isso acontecer. Gilberto Cezar de Noronha é o orientador que acreditou no meu potencial desde a

nossa primeira reunião. Lá em 2024, quando eu nem sabia direito o que seria o Torre das Donzelas, sem nunca ter estudado memória e mulheres, exceto em uma disciplina do primeiro período da faculdade, “História e Memória”, ministrada pelo professor Alexandre Avelar. Levei uma proposta de iniciação científica sem embasamento algum, com um documentário assistido e as curiosidades à flor da pele. Gilberto se interessou e viu potencial em desmembrar aquilo em uma pesquisa digna de financiamento. Eu não sei se teria me tornado a pesquisadora que está escrevendo esse texto, sem todas as correções e atenções que ele me deu.

Quero dedicar um espaço para destacar a Chronos Empresa Júnior que, ao longo de três anos, foi meu acalento na graduação. Ocupando a diretoria de Gestão de Pessoas, com grandes amigos de curso, eu me desenvolvi como profissional e pessoa, me aproximando daqueles que se tornaram tão especiais para mim. Levo comigo cada aprendizado, cada momento e reunião que tornou a EJ o que é. Aos amigos que conheci na graduação, saibam que vocês foram essenciais para que eu não desistisse, muitas das vezes. Nos encontrando em RU, CC, academia e sala de aula, cada risada, confissões e desilusões com o curso foram fundamentais para chegarmos até aqui. Vocês tornaram o processo de me acostumar com Uberlândia mais leve, mais confortável e gostoso. Muito obrigada por cada ajuda em trabalhos, atividades, por cada parceria em estágios e provas, vocês foram essenciais.

Não poderia deixar de lado o ser mais especial da minha vida que, sem falar uma palavra, esteve ao meu lado quando precisei de acalento, chorar, ficar desesperada, de carinho, a minha cachorrinha Meg, que, sendo tão inocente, é minha parceira todos os dias, esteve no meu colo em cada página escrita desta monografia. Nas reuniões, ela participava aconchegando a cabeça no meu braço e já sabia que eu teria muita coisa para reescrever, mas ela estaria comigo. Ela me ensinou a superar traumas e me ensinou o que é um amor puro. Eu te amo mais do que consigo suportar, Meg.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo central analisar os processos de rememoração da violência contra presas políticas durante a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), examinando as formas pelas quais essas memórias são construídas e articuladas. A pesquisa adota como perspectiva metodológica a análise das técnicas documentais e a identificação dos relatos de memória, considerando a natureza frequentemente fragmentada e lacunar das lembranças dessas mulheres. Constituem corpus documental desta investigação o documentário “Torre das Donzelas” (2018), dirigido por Susanna Lira, e o Relatório IPM CRUSP, fontes que possibilitam a compreensão das distintas perspectivas sobre as violências: os testemunhos das prisioneiras políticas, por um lado, e os registros oficiais dos agentes repressores, por outro. A partir do diálogo estabelecido com essas fontes primárias e com a literatura especializada sobre o tema, propõe-se a elaboração de uma obra literária de caráter didático, voltada para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, visando facilitar a compreensão histórica desse período. A relevância desta pesquisa reside na articulação entre memória, ditadura e gênero, com ênfase nas trajetórias de estudantes universitárias, estabelecendo conexões significativas com o contexto educacional contemporâneo e contribuindo para a formação crítica dos educandos sobre esse capítulo da história brasileira.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar, mulheres, obra literária.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze the remembrance processes of violence against female political prisoners during Brazil's Civil-Military Dictatorship (1964-1985), examining the ways in which these memories are constructed and articulated. The research adopts as its methodological perspective the analysis of documentary techniques and the identification of memory accounts, considering the often fragmented and lacunary nature of these women's recollections. The documentary corpus of this investigation consists of the documentary "Torre das Donzelas" (2018), directed by Susanna Lira, and the IPM CRUSP Report, sources that enable the understanding of different perspectives on violence: the testimonies of political prisoners, on one hand, and the official records of repressive agents, on the other. Based on the dialogue established with these primary sources and the specialized literature on the subject, this study proposes the development of a didactic literary work aimed at students in the final years of elementary school and high school, seeking to facilitate historical understanding of this period. The relevance of this research lies in the articulation between memory, dictatorship, and gender, with emphasis on the trajectories of female university students, establishing meaningful connections with the contemporary educational context and contributing to students' critical formation regarding this chapter of Brazilian history.

Keywords: Civil-Military Dictatorship, women, literary work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM UM CENÁRIO REPRESSIVO DITATORIAL.....	17
1.1 A produção bibliográfica a respeito dos estudos feitos sobre o documentário.....	24
1.2 O Presídio Tiradentes e as lembranças da Torre das Donzelas.....	28
2. OS SUJEITOS POLÍTICOS EM TORRE DAS DONZELAS.....	36
2.1 As aspirações para o documentário.....	49
2.2 Narrativas de memória e a cultura do esquecimento.....	51
3. TORRE DAS SOBREVIVENTES: VOZES QUE PRECISAM ECOAR.....	54
3.1 Como a literatura contribui para ensinar a história da Ditadura Civil-Militar?.....	55
3.2 As personagens na obra literária.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXO: Obra literária - Torre das Sobreviventes: as vozes que nunca foram ouvidas	66

INTRODUÇÃO

A temática da Ditadura Civil-Militar no Brasil me chamava a atenção desde o Ensino Médio, por pontos característicos de sua época, movimentações políticas, transformações sociais e manifestações populares contra uma autoridade governamental. Todavia, a graduação em História abriu meus olhos e pensamentos para âmbitos que ainda desconhecia. O primeiro semestre do curso foi uma virada de chave para compreender minhas perspectivas a respeito da memória e seus usos no campo dos governos autoritários. Matriculada na disciplina História e Memória, cuja ementa se refere às

[...] relações entre História e Memória, tendo em vista os aspectos conceituais, teóricos e metodológicos envolvidos nesta relação. Refletir sobre o conceito e os fenômenos de Memória, seus processos de formação, os campos de disputas em sua construção e, por fim, seus significados culturais, políticos e identitários. A atenção se desdobrará também sobre os debates acerca da preservação da memória e do processo de “monumentalização” no qual se inserem a formação do patrimônio histórico material e imaterial e a organização de acervos documentais¹.

Tal disciplina legitimou meus interesses acadêmicos na área abordada, de modo a ampliar as articulações entre Ensino, Pesquisa e Extensão, proposta feita no presente trabalho de modo a pretender à produção de uma obra literária com função didática, que resultou de curiosidades, necessidades e conhecimentos advindos do primeiro semestre. Desse modo, a trajetória feita durante os anos de graduação perpassa pelo interesse em comum que norteia esta pesquisa: o regime ditatorial no Brasil. Experiências extracurriculares e de estágio, longe de me afastarem da temática, permitem aprofundar e experimentar outras formas de abordagens da questão que contribuiu para a minha formação como graduanda em História.

Entre os anos de 2022 e 2024, participei do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no qual foram desenvolvidas atividades e projetos relacionados à sala de aula e à formação docente, abrindo possibilidades de inserção cultural e social na rede pública de educação. As atividades de tal projeto foram desenvolvidas de modo interdisciplinar com a disciplina de Geografia, na instituição de ensino Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - ESEBA/UFU, com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II. Minha atuação no projeto permitiu um entendimento quanto à dimensão social da importância da pesquisa para a formação de professores de ensino básico.

¹ Ementa da disciplina História e Memória do curso de História, ofertada pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

Durante os 18 meses de duração do projeto, foram desenvolvidas atividades que demandavam intensa base teórica de leitura e pesquisa, para que as experiências individuais dos alunos fossem validadas nas atividades propostas.

Posterior às atividades desenvolvidas no PIBID, ingressei no projeto de iniciação científica - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC, cujo tema de pesquisa foi fruto dos meus interesses iniciais na graduação. Intitulada “Memórias da violência contra as mulheres no contexto da Ditadura Civil-Miliar do Brasil (1964-1985)”, esta pesquisa fez parte de um projeto de pesquisa intitulado “Do fascismo à ditadura: evocações da violência política no Brasil contemporâneo”, no qual foi proposto como meu plano de trabalho específico fazer uma leitura analítica e bibliográfica a respeito do documentário Torre das Donzelas (2018).

Durante as pesquisas iniciais relacionadas ao tema, havia encontrado o documentário Torre das Donzelas em uma plataforma de vídeos da internet (YouTube) e me interessado despretensiosamente por ele, o que posteriormente, na Iniciação científica, me instigou a estudar a respeito da violência acometida por aquelas prisioneiras retratadas no filme. Após as primeiras buscas sobre a produção, o filme saiu do ar de forma pública, o que não se tornou um empecilho para a pesquisa, todavia pôde levantar discussões a respeito do ambiente político negacionista em que vivíamos e as dificuldades de acesso a informações sobre a ditadura militar públicas, gratuitas e acessíveis.²

Enquanto vivenciava esta experiência de pesquisa, cursava outro componente curricular da Licenciatura, o PROINTER (Projeto Interdisciplinar), que tem como proposta,

A formação do docente em História [que] não deve desconsiderar o espaço escolar como ambiente formativo. Nesse sentido, a disciplina contribui para a interação entre pesquisa e extensão associada ao ensino de história por meio da análise e avaliação dos projetos interdisciplinares que foram desenvolvidos nas escolas públicas de Uberlândia ou em outros espaços. A disciplina preza pela interação e pela construção conjunta de ações que permitam a troca de saberes entre os envolvidos³.

² Embora o documentário não esteja mais disponível no YouTube, ainda está disponível no TV Brasil para acesso.

https://play.ebc.com.br/programas/466/episodios/7530/torre-das-donzelas?_gl=1*1ym8wzn*_ga*MTY4ODIwMDY0OC4xNzU5NjI4MDY2*_ga_TGW7R30M20*czE3NjQ1OTAzMDIkbzgkZzAkDE3NjQ1OTAzMDIkaJYwJGwwJGgxMzU5NTgzOTk0.

³ Justificativa da disciplina de PROINTER IV, ofertada no sexto período pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Disciplina feita com a doutora em História pela Universidade Federal de Goiás, Patrícia Emanuelle Nascimento.

Este componente curricular foi também espaço que me possibilitou a atuação e desenvolvimento das pesquisas a respeito da ditadura militar no Brasil, por meio do projeto “O Quarto Poder; manipulação dos depoimentos da Comissão Nacional da Verdade pela imprensa”, desenvolvido com os objetivos de evidenciar o poder da manipulação da mídia com sutileza e sagacidade, presente no cotidiano, para os alunos compreenderem o papel da imprensa nas possibilidades de articular cenários e opiniões consistentes, tendo como alvo os testemunhos da Comissão Nacional da Verdade. Essa atividade realizada ao longo de quatro semestres teve como público-alvo os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Messias Pedreiro, localizada na cidade de Uberlândia.

A retomada de minha trajetória acadêmica, perpassada pelos meus interesses pelo tema que aqui se desenvolve, não apenas visa defender a importância da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, mas reconhecer que efetivamente este trabalho configura-se como legítimo estágio final de um percurso. A intenção desse trabalho é articular as aprendizagens obtidas ao longo de minha formação inicial como professora de história e propagá-las em forma de obra literária para a educação básica de forma dialogável com a idade adequada e com o ensinamento sobre valores, sociedade e preservação memorial e histórica que a temática requer.

Este trabalho objetiva disponibilizar aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, uma obra literária que dialogue com as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cuja habilidade preterida para o Ensino Médio EM13CHS503 pretende

“Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos”⁴.

Destinada a estudantes dos Anos Finais e Ensino Médio, as habilidades abrangem também alunos no último ano do Ensino Fundamental II, com as habilidades EF09HI19 e EF09HI20, os quais são descritos, respectivamente, como “identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos”⁵ e

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Competências específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2018. Habilidade EM13CHS503.

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: componente curricular História – Ensino Fundamental (Anos Finais)*. Brasília: MEC, 2017. Habilidades EF09HI19.

“discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar”⁶.

O que se pretende com a articulação entre o campo de pesquisa sobre Ditadura, violência e mulheres na década de 1960 é observar, refletir e compreender que as violências praticadas durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) não se restringem à brutalidade física. Embora a tortura corporal seja frequentemente lembrada, houve também formas de violência menos visíveis, mas igualmente devastadoras para a história de vida das vítimas. O silêncio imposto, a repressão psicológica, a limitação de espaços e liberdades e a constante presença do medo marcaram profundamente a vida daqueles que foram perseguidos pelo regime. Compreender essas dimensões é essencial, pois os efeitos desse período não se encerraram com o fim da ditadura. As marcas psicológicas e emocionais — especialmente nas mulheres — atravessaram o tempo, transformando-se em memórias traumáticas que ainda hoje se fazem presentes no cotidiano das vítimas.

Assim, o objetivo desse trabalho é evidenciar a relevância de olhar para e (re)conhecer essas experiências por muitos anos silenciadas, tendo como intenção compreender as memórias da violência contra as mulheres no contexto da Ditadura Civil-Militar do Brasil (1964-1985), por meio do documentário “Torre das Donzelas”.

Este trabalho é guiado por atividades de pesquisa e análise bibliográfica, estudos históricos e documentais para a elaboração de uma obra literária. Para tanto, avançamos em três frentes metodológicas para se recorrer às memórias e esquecimentos das vítimas. A análise do documentário “Torre das Donzelas” permite compreender e identificar os relatos e as rememorações das mulheres presas e as emoções carregadas em suas falas durante a produção. Além disso, fizemos levantamento bibliográfico de obras construídas a partir das palavras-chave para esse trabalho: Torre das Donzelas, Presídio Tiradentes, Ditadura Militar. Fomos levados a autoras como Vanda Lúcia Praxedes e Haydenée Gomes Soares Manso, Lara Lucena Zacchi, Cayo Renan Alves Mateus e César Alessandro Sagrillo que, a partir da obra cinematográfica de Susanna Lira, contribuem com suas perspectivas acerca da memória, dos governos autoritários e da representação geográfica do Presídio Tiradentes e como esse se faz relevante para a análise aqui apresentada.

Para fins didáticos, o terceiro eixo metodológico deste trabalho é a produção de uma obra literária que busca fazer uma releitura da vida das reais mulheres presas durante a ditadura que participaram do documentário de Susanna Lira, por meio de uma linguagem

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: componente curricular História – Ensino Fundamental (Anos Finais)*. Brasília: MEC, 2017. Habilidades EF09HI20.

adaptada e aproximada aos estudantes entre 15 e 18 anos, abrangendo o último ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para se trabalhar com essa produção, foi necessário revisitar as demarcações entre História e Literatura. A contextualização do espaço-tempo, das sociedades, do ambiente sociocultural do leitor e das personagens da obra literária. De acordo com as considerações de Barros a esse respeito, essas características estabelecem uma conexão textual e de escrita, que necessita de práticas de funcionamento de comunicação entre as visões de mundo e socioculturais⁷. Contribuindo para essas perspectivas, Antônio Candido, em sua obra “Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária”, aponta a necessidade de fazer as devidas articulações da obra com suas temáticas, traumas e dimensões estéticas e contextuais, englobando a temporalidade, o espaço, as pessoas e o cenário inserido⁸.

A partir disso, conhecendo a trajetória das trinta e uma mulheres entrevistadas pela produção fílmica de Susanna Lira, inspirei-me livremente na vida militante de Maria Aparecida Costa Cantal, nascida em abril de 1945. Cidinha, como será referenciada na obra. Evocando os elementos históricos e factuais, a narrativa literária pretende retratar a vida como estudante universitária e militante na Universidade de São Paulo, bem como seu relacionamento com amigos que estiveram com ela nessa luta pela democracia e pelos ideais que defendia. Os desdobramentos da narrativa foram baseados nos acontecimentos históricos reais vividos durante a Ditadura Civil-Militar. Respeitando os limites da narrativa real (do acontecido), também exercemos a liberdade criativa da narrativa ficcional, enquanto verossimilhança.

É por meio desses relatos e emoções transparecidas nas falas que o interesse em recontar essa história surgiu. Com uma proposta motivada em se aproximar da educação básica, para alunos do Ensino Médio, que tiverem a curiosidade de conhecê-las por meio da história ficcional baseada em fatos.

O documentário *Torre das Donzelas*, 2018, é o ponto de início para esse trabalho. Com a duração de uma hora e trinta e sete minutos, o filme é um suporte para compreender os aspectos de rememoração e resgate das lembranças daquelas mulheres encarceradas. Retrata os acontecimentos desde a passagem daquelas mulheres pelo DOI-Codi até a chegada delas à Torre, bem como suas vivências e experiências nesse lugar.

⁷ BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, capítulo 6. 2004.

⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, capítulo 1. 1985.

Junto ao documentário, o “IPM — Crusp-Relatório - 1968–1969” foi um corpus documental essencial para o entendimento acerca da presença militar no combate aos movimentos militantes estudantis na Universidade de São Paulo e a reação destes perante as forças policiais. Para isso, o documento pontua as respectivas ocupações, invasões e evacuações em cada espaço da universidade, informações importantes para o conhecimento dos estudantes e determinadas greves que tiveram papel relevante no processo. As primeiras páginas de apresentação formal do IPM pontuam características dos moradores daquele espaço, de modo a descrever os atos estudantis, segundo a visão oficial, como propícios à desordem,

Grande parte dos residentes no CRUSP eram procedentes do interior afastados de suas famílias, e o fato de o CRUSP ter-se tornado local de contato de estudantes de várias Faculdades, fácil foi a sua doutrinação dentro dos princípios marxistas-leninistas pela liderança esquerdista do Movimento Estudantil, explorando as suas reivindicações e propondo soluções pelo incitamento à desordem, e ao desacato às autoridades⁹.

Nomeados pelas autoridades como “agitadores”, os alunos que lideravam os movimentos militantes foram colocados como os responsáveis pelas manifestações grevistas ocorridas naquele momento. Com detalhes, o documento descreve as invasões de blocos principais da faculdade, contendo nomes de estudantes, crimes, uso propagandístico para propagação dos ideais do CRUSP e, como nomeado no capítulo XI do documento, os “agentes da subversão”¹⁰. Diante desses pilares, essa pesquisa se constrói em torno do documentário Torre das Donzelas com a articulação do Relatório IPM — Crusp no entendimento e conhecimento dos fatos, personagens e lugares do contexto com o qual é proposto.

Para a apresentação dos resultados dessa experiência de pesquisa e de ensino, organizamos o trabalho em três capítulos: No primeiro capítulo, “Memória da violência contra as mulheres em um cenário repressivo ditatorial”, busquei identificar, por meio de um levantamento bibliográfico, as compreensões das memórias da violência num contexto de repressão estatal, especialmente contra as mulheres em luta e manifestação social. Dentro desse contexto, uma análise da estrutura prisional onde foram encarceradas, no Presídio Tiradentes, foi de muita importância para a construção desse trabalho. Com isso, a reconstrução do espaço a partir das lembranças da Torre das Donzelas é uma segunda mão

⁹IPM do CRUSP: relatório do Inquérito Policial Militar instaurado no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo em 1968. São Paulo: Edusp, p. 9, 2009.

¹⁰ Idem, p. 78

para essa escrita, visto que nessas lembranças é possível identificar o quanto e como se lembram daquele momento quando se fala em espaço físico e vivências. Para isso, a presença de autores como Marcelo Godoy, Laiz Lima e Fernanda Prince Antunes norteia essa perspectiva sobre o Presídio Tiradentes, e em específico a cela Torre das Donzelas, com base nas perspectivas das mulheres encarceradas nesse espaço.

O contexto ditatorial é apresentado e interpretado no segundo capítulo, intitulado “Ditadura civil-militar e as presas políticas no Torre das Donzelas”, de modo a interpretar, com o suporte de bibliografia, a questão da participação dessas mulheres na ditadura, como militantes e participativas de movimentos sociais contra o período, de modo que, de certa forma, foi uma motivação para estarem presentes no documentário de Lira. Com isso, por meio dos depoimentos e narrativas apresentadas no filme, percebe-se a presença da cultura do esquecimento como ferramenta de sobrevivência para a consolidação de algumas narrativas de memória e para a permanência na sociedade pós-repressão militar. E, para isso, se fazem necessárias as contribuições de Enrique Serra Padrós¹¹, Janaína de Almeida¹² e Michel Pollak¹³.

No capítulo três, “Torre das Sobreviventes: as vozes que precisam ecoar”, apresento a necessidade de reconhecimento da história de vida de brasileiras como essas mulheres, e de sobreviventes não só da ditadura civil-militar, mas de outros movimentos repressivos, precisa ser transposta do meio acadêmico. É dessa necessidade que surgiu a possibilidade da criação de uma narrativa literária que busca fazer uma releitura dessas narrativas, sendo uma produção autoral que possui como base as informações contidas no Relatório IPM Crusp (1968–1969). Tal documento contém o relatório feito pelo Exército sobre a invasão do CRUSP e a respeito das “atividades subversivas” a qual se referia às manifestações e ações populares de estudantes contra o regime repressivo. Dentro desse relatório, constam informações pessoais de Leslie Denise Beloque, a qual foi fundamental para a construção e entendimento da estrutura da obra literária. Junto a esse relatório, informações gerais sobre a moradia universitária da USP — Universidade de São Paulo — e sobre os blocos invadidos da mesma foram importantes para compreender datas e localizações em diversos momentos ao longo da narrativa.

¹¹ PADRÓS, Enrique Serra. *Usos da memória e do esquecimento na história*. – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² TELES, Janaina de Almeida. *Tempos de dizer, tempos de escutar: as memórias das mulheres que resistiram à Ditadura Militar. Entrevista com Danielle Tega*. *Revista Histórias Públicas*, ano 1, n. 2, 2023.

¹³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Por fim, é necessário informar ao leitor que embora eu tenha tido a oportunidade de abordar a temática da obra em situação de aula, em atividades do PIBID e estágios, *Torre das sobreviventes: as vozes que nunca ouvimos* se desenvolveu, até o momento, como uma produção experimental e que ainda não foi submetida aos contextos de sala de aula, seja pública quanto privada, todavia foi roteirizada para se enquadrar nos aspectos quanto às habilidades e competências exigidas nos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da educação básica, as quais foram citadas anteriormente. O recurso literário foi um caminho escolhido para remeter os alunos ao cenário real da Torre das Donzelas, às dinâmicas das perseguições autoritárias registradas no relatório, sem a necessidade de estarem atentos à duração do filme documentário propriamente dito, mas que, com o formato visual atrativo, pudesse atraí-los mais ao tema proposto.

Para enriquecer as compreensões acerca dos entendimentos dessa temática e fortalecer o encontro entre pesquisa, memória e testemunho, convido o leitor a assistir ao documentário *Torre das Donzelas*. Muito mais do que fazer uma análise das falas e lembranças das personagens, o documentário permite compreender a narrativa dessas mulheres por meio das entrevistas, observando as consequências da repressão e do trauma pela voz de quem os sofreu.

1. MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM UM CENÁRIO REPRESSIVO DITATORIAL

Os brasileiros que viveram o século XX vivenciaram transformações governamentais, políticas e ideológicas que impactaram diretamente no seu modo de vida. Marilena Chauí argumenta que, até 1980, a nacionalidade cria um espaço de disputas econômicas, sociopolíticas e ideológicas, de modo que, a partir dessa data, o político-ideológico ganha forma para legitimar o poder autoritário¹⁴. A ascensão do militarismo no cargo de poder estatal abalou ideais, valores e comportamentos em prol dos lemas militares defendidos.

Os discursos proferidos a partir da marcante data de 1964 eram embasados na ideia de crise e desestabilização moral da sociedade, para que fossem consolidadas as perspectivas de combate à corrupção e ao comunismo para levar o corpo social a um favorecimento e melhor funcionamento político. Nesse sentido, Carlos Fico¹⁵ — historiador e pesquisador da ditadura militar, bem como a respeito da propaganda e estruturação de espionagem no período — é um autor fundamental no entendimento do período entre 1964 e 1985 com a obra que irá permear os estudos do trabalho *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar*, de 2001¹⁶. Em tal obra, o autor permite compreender como a violência da repressão militar foi instaurada por meio dos Atos Institucionais e discursos de perseguição e repressão contra aqueles que ousavam resistir ao movimento. Com isso, o esquema autoritário - que desde o AI-1 se caracterizava como tal, mas se intensificou no Ato Institucional 5 -, no qual atribuía ao presidente Arthur da Costa e Silva poderes excepcionais, dentre eles a suspensão de direitos políticos, censura à imprensa e às artes, fechamento do Congresso, entre outras medidas que resultaram em violência e enfraquecimento da força social.

Desse modo, no dia 13 de dezembro de 1968, decretou-se tal Ato com base na asseguuração da “[...] ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições do nosso povo, na luta contra a corrupção [...]”¹⁷, com o objetivo de reconstrução da economia, da

¹⁴ CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 24, 2000

¹⁵ Em sua obra mais recente, publicada em 2025 “Utopia autoritária brasileira: como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje”, Fico traça um raciocínio a respeito da posição dos militares em detrimento do poder estatal de repressão, nesse sentido, vale destacar que, segundo o autor, nas falas do brigadeiro Eduardo Gomes, a intenção militar era de lutar pelo propósito de regeneração dos costumes políticos, com uma ideologia de salvação nacional que seria de responsabilidade da nação. FICO, Carlos. *Utopia autoritária brasileira: como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje*. São Paulo: Crítica/Planeta, 2025.

¹⁶ FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁷ BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

política e da moral do Brasil. Todavia, esse mesmo discurso de liberdade, respeito e dignidade humana considerava poder para fazer alterações no funcionamento do Congresso Nacional, possibilidade de intervenção ilimitada nos Municípios e Estados, confisco de bens em decorrência ao enriquecimento considerado ilegal, censura prévia das obras produzidas aos meios culturais e de imprensa e a rigidez nos processos repressivos¹⁸.

Essas ponderações ocorridas permitiram criar um sistema de controle de bens, como a Comissão Geral de Investigações (CGI) para promover a análise da origem das riquezas consideradas pelo Estado ilegais no âmbito de cargo público, o qual passava por um grupo de membros que realizava a análise [ou produzia a justificativa] e relatava em uma ficha a ser registrada com a presença suspeita ou não de tal prática. A perseguição aos brasileiros não se restringia somente a esse fator, pelo contrário, abrangia ainda mais setores da vida social com intenções de fiscalizar e controlar as ações e crenças públicas. Em consequência a essa postura governamental, Fico vai se debruçar no que chama de “O Estado contra o povo”, no posicionamento dos investigadores do governo com atuação na vida da comunidade brasileira em detrimento do funcionamento do Regime Militar¹⁹. O bom funcionamento desse regime tinha como pilares a censura dos meios de comunicação e acesso à cultura, professores e instituições de ensino. Assim, os meios de comunicação, a exemplo da televisão, cinema, teatro, músicas e rádio, possuíam, e ainda possuem, a função de conectar o corpo social com as percepções sociopolíticas, culturais e econômicas.

Por meio desse aspecto, os ideais foram propagados e posicionados contrários aos comunistas e subversivos, partindo do princípio da censura e controle das ações de expressão no contexto educacional. A prática de manifestação em espaços públicos e universitários do período em questão retratava as insatisfações dos estudantes do ensino superior frente à situação política vigente, visto que as práticas que tendiam a ser contrárias ao tradicionalismo pregado pelo governo eram vistas como perigosas para a manutenção e continuidade do governo. Bruna Ferreira Lopes entende essa relação como conciliadora entre o meio acadêmico e a política, todavia, Lopes aponta a busca dos jovens por novas oportunidades atreladas à independência política do país, com o posicionamento de uma politização no meio acadêmico²⁰.

¹⁸ BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

¹⁹ FICO, Carlos. Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, p. 165. 2001.

²⁰ LOPES, Bruna Ferreira. Luta e resistência: As universidades e o movimento estudantil durante a década de 1960. *Revista Histórias Públicas*, p. 153, nº 2, 2023.

Essa politização originou diversos movimentos acadêmicos de manifestação dos estudantes contra o modelo vigente de governo, como a Juventude Universitária Católica (JUC), a Organização Revolucionária Marxista, Política Operária (ORM-PO), o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em decorrência desses movimentos, estudantes manifestavam suas opiniões políticas e sociais que, mesmo recebendo respostas agressivas por parte do Estado, permaneciam na luta por direitos sociais e estudantis.

Partindo desse princípio, a intenção deste capítulo é compreender a participação de estudantes mulheres no processo de manifestação no contexto universitário frente à repressão militar de um governo autoritário, usando-se do movimento Aliança Nacional Libertadora. A vida militante de universitários se deu antes mesmo da data de início da ditadura, organizada na explosão participativa da sociedade civil com o final do período populista de 1946 até 1964. A atuação dos estudantes se deu principalmente em regiões de centros urbanos, como Belo Horizonte e Salvador, mas não deixamos de ter presença em outras localidades. A população que lutava contra o regime em 1964 tinha o propósito de conseguir o fim do período militar e a luta das mulheres era guiada, também, pela necessidade de ruptura do tradicionalismo imposto pelos ideais sociais da época, como pontuam Faria, Trindade e Santos:

“A participação feminina nas organizações de militância política e luta armada, no Brasil dos anos 1960 e 1970, pode ser tomada como um indicador das “rupturas iniciais” que estavam ocorrendo no que era designado, à época, como próprio das mulheres, colocando em questão a tradicional hierarquia de gênero²¹”,

Essas necessidades de mulheres permitiram discutir sua participação na postura de comando das organizações de manifestação contra o governo, no papel de derrubar os estereótipos estipulados frente à figura feminina, no seu dever de dona de casa, esposa e mãe que relega suas necessidades, vontades e ideais em prol de outra pessoa do gênero masculino. Ideais estes que eram defendidos pelo regime: da figura feminina, prezar pela família tradicional e pelos valores morais defendidos pelos apoiadores do militarismo.

Na perspectiva de crescimento e expansão do movimento feminino em decorrência dos atos realizados pela repressão, convém discutir a formação dos grupos militantes por meio de vínculos acadêmicos. É nesse sentido que Pollack vai abordar a formação da noção de pertencimento e a construção identitária de um grupo. Segundo o autor, diferentes

²¹ FARIA, Ingrid Gianordoli-Nascimento; TRINDADE, Zeide Araújo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Mulheres brasileiras e militância política durante a ditadura militar: uma dinâmica complexa dos processos identitários. *Revista Interamericana de Psicologia/Revista Interamericana de Psicologia*. p. 360. 2007.

elementos constituem um indivíduo efetivamente unificado com outros que se conectam, no qual cabe à noção de memória sustentar o sentimento de identidade em relação a algo, alguém ou a um grupo. Isso acontece com a formação de uma organização militante que se une em um determinado contexto social para agir em prol da defesa de seus pensamentos. A união de mulheres que lutaram contra o regime mostra o fortalecimento e a sustentação da identidade, criando o pertencimento necessário no grupo para seguir contra as ações do presidente vigente²².

Entre os movimentos militantes desse momento, a Ação Libertadora Nacional (ALN)²³ é o principal movimento analisado neste trabalho, entretanto, o Comando de Libertação Nacional (COLINA)²⁴, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)²⁵, tiveram participações durante o período ditatorial que representaram a participação dos estudantes e da população brasileira contra o regime. Diante disso, a ALN foi um movimento de frente ampla com a união de diversas camadas sociais (trabalhadores, universitários, profissionais liberais), que daria início a ações armadas. Bem estruturada, flexível, móvel, contrária ao PCB e ao profissionalismo político gerador de corrupção, e adotando como princípio fundamental o lema de Guevara “O dever de todo revolucionário é fazer a revolução”, a nova organização seria a origem da ALN²⁶. O Comando de Libertação Nacional, conhecido como COLINA, foi um grupo baseado na resistência ao regime militar, inserido na concepção

²² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1989.

²³ Formado após o golpe militar de 1964, a denominação deste grupo é uma homenagem à Carlos Marighella, fundador. Com traços de uma organização comunista, a ALN tentou destituir a ditadura no Brasil ao longo de todo o período do Regime Militar. Suas táticas estavam, em grande parte, ligadas a estratégias de guerrilha urbana, incluindo assaltos a instituições financeiras, sequestros de líderes políticos e ações classificadas como terroristas. CURSO SAPIENTIA. Dicionário de sociologia para o CACD: “ANL” e “ALN”. Disponível em: <https://www.cursosapientia.com.br/conteudo/noticias/dicionario-de-sociologia-para-o-cacd-undefinedanlundefined-e-undefinedalundefined>. Acesso em: 22 fev. 2026.

²⁴ Nascida em 1968, essa organização foi o destino de jovens estudantes e ex-militares que decidiram não aceitar o silêncio imposto pelo golpe de 1964. O grupo surgiu da união de pessoas que haviam deixado outros movimentos (como a Polop e o MNR) em busca de uma ação mais direta. Sob a liderança do capitão Carlos Lamarca, eles transformaram sua indignação com a queda do governo João Goulart em um projeto de resistência ativa contra a ditadura.

²⁵ A Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) surgiu em 1968 como um grito de resistência de estudantes e militares que, sob a liderança do capitão Carlos Lamarca, decidiram enfrentar diretamente a ditadura iniciada em 1964. Para sobreviver à perseguição policial, o grupo operava em um sistema rígido e silencioso de “células” de três pessoas, onde o isolamento era a regra: um trio raramente conhecia o outro, e as ordens subiam degrau por degrau até o comando. Na prática, esses militantes viviam uma rotina de tensão constante, escondendo-se em bairros insuspeitos de classe média para planejar suas ações. No entanto, a organização enfrentava um dilema interno profundo que dividia seus integrantes: de um lado, o setor militar acreditava que o impacto das armas era o único caminho para despertar o povo; do outro, o setor intelectual defendia que a mudança só viria através de uma conscientização lenta e profunda das massas. Esse choque de visões e as crises que dele surgiram acabaram levando o grupo a se fundir com o Colina em 1969, dando origem à VAR-Palmares.

²⁶ FGV — Atlas Histórico do Brasil. *Ação Libertadora Nacional (ALN)*. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5708>. Acesso em: 02 dez de 2025.

socialista e envolto na cultura política e violência²⁷. Para além desses movimentos, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foi um “salto na organização política da classe trabalhadora [...] que trouxe consigo o legado da jornada social e política, do período histórico precedente, que enfrentou o escravismo e o colonialismo. [...] emergiu a demanda por uma organização política de perfil classista que buscasse transformações estruturais, confrontando o capitalismo e o imperialismo”²⁸. Desse modo, o partido se estruturou na organização política com base em demandas sociais voltadas à classe trabalhadora e à população. Por fim, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) se caracterizou como um movimento que integrava, em sua maioria, estudantes e ex-militares, formado pelo principal líder Carlos Lacerda e tinha o objetivo de lutar contra o regime de 1964 com ações armadas, como assaltos a bancos para a obtenção de recursos financeiros²⁹.

A década de 1960 foi um período em que as mulheres tinham um engajamento crescente no âmbito educacional e econômico. Em um momento, elas se encontravam como donas de casa, a serviço do lar e da família, e portando-se bem perante os papéis esperados delas na sociedade, e em determinado momento, elas ocupavam um lugar de combate, resistência e participação ativa nas demais estruturas sociais. Segundo Ribeiro, a representação da mulher como soldado em um ambiente de guerra contrastava com a figura masculina, de modo a convertê-las em mulheres masculinizadas³⁰.

Com isso, as ações militantes do período militar no Brasil colocaram em questão pautas da época que se estruturavam em um modelo militarizado e rigidamente tradicional. A participação feminina na luta política ia de encontro ao pensamento moral do regime, que tratava a mulher como uma figura exclusivamente destinada à casa³¹. Partindo dessa premissa, a formação da ALN derivou dessa quebra de barreiras a respeito da herança tradicional do país, dado o acesso de muitas mulheres à universidade, seus ideais e pensamentos as levaram ao ingresso em algum movimento militante, perante o cenário do Brasil nessa década. Essa aliança influenciou os pensamentos contra o capitalismo e seu crescimento, buscando uma estrutura horizontal de formação, da qual permitiu que mulheres participantes se sentissem mais protagonistas e pertencentes ao partido.

²⁷ LEITE, Isabel Cristina. *Comandos de Libertação Nacional: oposição armada à ditadura em Minas Gerais (1967-1969)*. 2009. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁸ PCdoB. *Apresentação*. Disponível em: <https://pcdob.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

²⁹ FGV — Atlas Histórico do Brasil. Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6424>. Acesso em: 02 dez de 2025.

³⁰ Mulheres e Militância política: A Ação Libertadora Nacional (ALN), Maria Claudia Badan Ribeiro

³¹ Pode-se fazer um paralelo com a reportagem da revista VEJA, feita em 2016, que retoma o termo “recatada do lar”, para se referir à esposa do vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, na valorização dos valores conservadores da época ditatorial,

Estabelecendo a autonomia de ação como sua linha estratégica, a organização impulsionou a participação política da mulher quando a militância passou a ocupar todos os espaços de sua vida. Atuando em rede, estas mulheres realizavam uma variedade de atividades revolucionárias que não estavam a priori, definidas como funções femininas ou masculinas e nem expressavam divisões sexistas no interior do grupo³².

O reconhecimento de seu papel e responsabilidade na sociedade era uma motivação para que mulheres e universitárias persistissem nas crenças contra o regime militar, em prol do que defendiam e do espaço que ocupavam. As atividades que faziam parte do movimento estavam ligadas à cultura, arte, literatura, política, sociedade. Assim como afirma Ribeiro, muitas mulheres que atuavam na ALN faziam parte da Liga Feminina da Guanabara, que defendia as reformas de base do último presidente antes do golpe militar, João Goulart. Esse espaço de compartilhamento, parceria, pertencimento, identificação e memória gerou uma cumplicidade entre as integrantes que era decisiva na luta revolucionária contra os ideais militares.

Nesse sentido, essas atividades contrárias ao regime e a crescente participação e presença feminina nas questões políticas desagradaram às autoridades que responderam agressivamente e sem escrúpulos às manifestações das mulheres. Como pontua Maria Amélia de Almeida Teles, em seu artigo “Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura”, a década de 1960 foi um ano em que o feminismo lutava por igualdade, reivindicava direitos e espaço político. Pode-se analisar as repressões do governo desde a instauração do BemFam — Sociedade do Bem-Estar da Família — prática em que se procurava o controle de natalidade, posicionando a mulher às práticas de esterilizações e procedimentos inadequados para a sustentação do governo³³.

Somado a isso, a censura é um dos pilares responsáveis por alimentar a repressão, sendo efetuada desde o início do período militar. Segundo a autora, a misoginia andava ao lado da censura, pois esta, direcionada para as mulheres, referia-se a assuntos de defesa da família e dos bons costumes. Revistas, jornais, meios televisivos eram censurados por tratar a

³²RIBEIRO, Maria Claudia Badan. *Mulheres e militância política: a Ação Libertadora Nacional (ALN)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, p. 5.

³³ TELES, Maria Amélia de Almeida. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 1001-1022. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p1001>. Acesso em: 9 nov. 2025.

mulher sem a estrutura permitida pelo governo, em especial aos assuntos que abordavam maternidade, religiosidade, sexualidade e política³⁴.

Essas organizações políticas foram duramente atingidas pela repressão, tiveram suas direções eliminadas pela ditadura, até aquelas que não participaram da luta armada sofreram o extermínio de suas direções. Houve mulheres sequestradas, torturadas, estupradas, assassinadas e desaparecidas. [...] As torturas praticadas nas mulheres, assim como nos homens, faziam parte da estratégia política de Estado. Ainda sob a ditadura militar, homens e mulheres denunciaram perante a Justiça Militar as torturas sofridas, mesmo que isso representasse um sério risco que elas voltassem a acontecer³⁵.

A clandestinidade era uma realidade comum para as mulheres no mundo da política, escondiam seus verdadeiros nomes para poderem usar as armas e lutarem contra o regime, denunciavam por meio de manifestações e protestavam com passeatas universitárias, com greves e manifestações verbais. As respostas militares para essas atitudes eram de forma verbal, física e sexual, com agressões a respeito da sexualidade, do feminino e da menstruação. O estupro era um mecanismo de chantagem e uso de castigo para as presas políticas que militavam contra o governo. O uso cruel de animais para submetê-los à tortura era realizado com rigorosa metodologia para se ter eficácia nas sessões de interrogatório.

É nesse sentido que as mulheres entrevistadas por Susanna Lira, no documentário *Torre das Donzelas*, 2018, denunciam o tratamento por parte dos militares ao manterem como presas políticas no Presídio Tiradentes, em São Paulo. Em um formato de confessionalário, a direção do documentário propiciou um espaço livre de testemunho para as sobreviventes do regime.

Quando fui presa sequestrada, na avenida São João em São Paulo, eu fui levada diretamente para lá e logo me despiram de todas as roupas. E assim eu tive muitas sessões de choques intensos, etc, algumas pancadas, queimaduras com pontas de cigarro ou seja, um monte uma caixa de maldades. (TORRE DAS DONZELAS, 12min37seg.)

³⁴TELES, Maria Amélia de Almeida. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 1006. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p1001>. Acesso em: 9 nov. 2025.

³⁵ Idem, p. 1008

1.1 A produção bibliográfica a respeito dos estudos feitos sobre o documentário

Esse trabalho é oriundo de um projeto de Iniciação Científica realizado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, nos anos de 2024–2025. Com isso, o levantamento bibliográfico foi realizado e derivado da pesquisa inicial que abrange autores com publicações desde 2020 e se estende até 2024³⁶. Logo, as obras utilizadas que analisam o documentário estudado neste trabalho marcam uma temporalidade de quatro anos, com o total de quatro obras referências para essa pesquisa que tratam do documentário em questão.

O documentário "Torre das Donzelas" aborda a questão da memória de mulheres vítimas do regime militar brasileiro, encarceradas em uma ala do Presídio Tiradentes, em São Paulo, conhecida como "Torre das Donzelas". Lançado em 15 de setembro de 2018 durante a mostra competitiva do "51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro", o documentário propõe uma rememoração dos momentos críticos da Ditadura Militar, num período agitado da vida política brasileira. O documentário foi um dos nove longas apresentados no festival realizado na capital federal entre os dias 14 e 23 de setembro de 2018 e levou o prêmio Especial do Júri. A análise do filme, por sua vez, nos convida a problematizar não somente a memória das violências políticas praticadas pela ditadura de outrora, mas os desdobramentos da campanha política do então candidato à presidência que ascendia nas pesquisas.

A produção do documentário durou sete anos, enquanto a gravação das entrevistas foi realizada em 2016. Ao todo, foram entrevistadas 31 mulheres, dentre elas, a ex-presidenta Dilma Rousseff, que, à época, passava pelo processo de *impeachment*. A intenção da cineasta — Susanna Lira — era reconstituir a rotina das presas por meio das suas lembranças acerca do encarceramento: o longa-metragem é um espaço de manifestação, testemunho e insatisfação com a situação política brasileira do passado, mas também do presente, ao evocar os atos de violência cometidos pelos militares contra a população civil. O foco de Lira são as mulheres. Os relatos de memória da violência enunciados no documentário, lacunares, como toda evocação da lembrança, são uma crítica à Ditadura, entendidos como um dever de memória, um “‘dever cívico’ em compartilhar uma história dolorosa do país”. Nesse sentido, o filme não só tem a ambição de evocar o passado pelo passado, mas é uma memória interessada. Nas palavras da cineasta, “é um filme para a frente, para ver como posso, no momento atual político que vivo, ainda assim conseguir sobreviver. (...) Não é um filme só

³⁶O resultado desse trabalho foi submetido a revista científica (em forma de artigo intitulado “Do fascismo à ditadura: evocações da violência política no Brasil contemporâneo”. Escrito a seis mãos pelo professor orientador Gilberto César de Noronha e o graduando Miguel Rodrigues de Camargo Paladino e a graduanda Mickely Gomes Barrotti.

sobre dor, é um filme sobre força, e sobre como resistir a momentos como esse que a gente está vivendo hoje de extrema repressão”³⁷.

O primeiro trabalho acadêmico estudado que aborda a Torre das Donzelas sob a perspectiva do documentário foi o artigo da historiadora Vanda Lúcia Praxedes e Haydenée Gomes Soares Manso, intitulado “Torre das Donzelas: memórias das experiências de liberdade e resistência no cárcere”, publicado em 2020. O artigo discute as relações entre cinema, história e memória de mulheres presas políticas, compreendendo o cinema como uma “imagem-objeto” e a possibilidade de se apresentar como uma fonte e também um sujeito, de modo que as autoras têm o cuidado de listar cada uma das vítimas e participantes desse documentário. Sendo assim, é um artigo mais abrangente, quando comparado aos posteriores, no quesito de apresentar questões técnicas e próprias de uma análise de produção da obra, bem como o contexto no qual o documentário se insere. Ao abordarem o processo criativo da obra, observam que:

“embora conste o nome da Susanna como autora do roteiro, ela fez questão de enfatizar, nas várias entrevistas concedidas, que ele foi construído com as “mulheres da Torre” em uma parceria de experiências configuradas em “vidas pulsantes”, em cada um dos depoimentos ou “testemunhos”, como a diretora prefere nomear.”³⁸

O anonimato das entrevistadas até os momentos finais do filme permite olhar para essas mulheres como pessoas que sofreram por um governo, independente de partido, de posição política ou de ocupação social, mas como mulheres que lutaram pela própria vida em um contexto propício à morte.

Em sua dissertação de Mestrado, defendida em 2021, intitulada “Memórias no cárcere na Torre das Donzelas: gênero e emoções em relatos de mulheres sobre a Ditadura Militar brasileira”³⁹, a historiadora Lara Lucena Zacchi se propôs a interpelar “as memórias de mulheres (...) sobre as prisões políticas (...) durante a ditadura militar brasileira na Torre das

³⁷ TORRE DAS DONZELAS: resiliência feminina em tempos de repressão da ditadura. Brasil de Fato, Porto Alegre, 28 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/28/torre-das-donzelas-resiliencia-feminina-em-tempos-de-repressao-da-ditadura/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

³⁸ Idem, p.. 327.

³⁹ ZACCHI, LARA LUCENA. Memórias no cárcere na torre das donzelas: gênero e emoções em relatos de mulheres sobre a ditadura civil-militar brasileira. Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2021.

Donzelas entre 1968 e 1972”.⁴⁰ Aborda as relações de gênero e as emoções, sob a perspectiva da história do tempo presente, a partir da análise do livro de memórias “Tiradentes, um presídio da ditadura”, organizado por Alípio Freire, Izaías Almada e J.A. de Granville e publicado em 1997; e do filme-documentário “Torre das Donzelas”, de Susanna Lira.

Estabelecendo um diálogo com o texto de Praxedes e Manso, ao tratar da relação entre amizade e resistência, a autora comenta as questões de identificação e características das vítimas e participantes do documentário, detalhes de suas vidas, bem como relatos do momento repressivo e o significado social para a demolição do prédio do presídio Tiradentes. Discute as memórias e os silêncios, as representações do passado no Presídio Tiradentes e as questões emocionais daquelas mulheres na luta pela sobrevivência.

“Suas memórias demonstram as possibilidades de luta coletiva, mesmo nos momentos mais adversos. Demonstram, também, a possibilidade do exercício de coletividade entre mulheres cujas trajetórias se divergem em muitos sentidos, mas que, por possuírem sonhos, amores, lutas e esperanças em comum, puderam gerar transformações. Talvez seja no intuito de manter essas experiências vivas que essas mulheres continuam, até hoje, narrando suas histórias sobre o passado na Torre. Ou, ainda, o fazem pelas constantes iniciativas de apagamento das histórias que significam luta contra o poder hegemônico”⁴¹

Além disso, a autora aborda também a figura do presídio Tiradentes e sua importância na transição entre DOI-CODI e Torre das Donzelas, que marcou a chegada no “paraíso” após muitos dias de violência e medo. A noção de “paraíso” se consolida no imaginário das presas a partir do momento em que saem do DOI-CODI e são levadas para a Torre das Donzelas, visto que ali encontram suporte emocional com outras companheiras e marca o encerramento de um lugar designado às torturas, violências e desumanização ocorridas no lugar anterior. Às falas da ex-presidente Dilma Rousseff, ela explica que era conhecido o inferno, o purgatório e o céu, o qual seria o Presídio Tiradentes, considerado uma gradação, ou seja, o presídio era um momento diferente daquele em que as mulheres se encontravam quando foram presas⁴².

Sua demolição é tratada como foco na investigação de como o passado desse espaço trabalha as memórias orais e escritas das vítimas desse período. Utilizando o livro de Alípio Freire, Izaías Almada e J.A. de Granvdiss, Zacchi se fundamenta na história do tempo presente, nos estudos de gênero e na história das emoções, articulando os traumas com o

⁴⁰ZACCHI, LARA LUCENA. Memórias no cárcere na torre das donzelas: gênero e emoções em relatos de mulheres sobre a ditadura civil-militar brasileira. Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Santa Catarina, pag. 14, 2021.

⁴¹ Ibidem..

⁴² Torre das Donzelas. Susanna Lira, 17min 55seg

tempo histórico e levando em consideração sua subjetividade e empatia. Nesse sentido, o trauma desenvolvido no decorrer dos anos a partir do aprisionamento dessas mulheres se torna campo de debate discutido no trabalho de Cayo Renan Alves Mateus, que aborda a demolição do presídio Tiradentes e seus significados no contexto social inserido e o valor da memória e do esquecimento no processo de rememoração histórica e social.

O Presídio Tiradentes, localizado no centro da cidade de São Paulo, é um espaço a ser analisado e discutido em obras como “Memórias de uma prisão: o Presídio Tiradentes entre a tênue linha do lembrar e do esquecer”, do autor abordado acima, que busca compreender por meio do valor arquitetônico do lugar os significados anterior e posterior à destruição do prédio. Segundo Mateus, as dependências do presídio estavam comprometidas devido às condições temporais e climáticas que interferiram na preservação do ambiente⁴³.

A análise feita pelo autor permite compreender que, ao lado do presídio, teve a construção de uma estação de metrô, que tinha o objetivo de progresso e modernização da cidade no final da década de 1970 e, nesse sentido, “[...] a demolição do prédio era mais do que a construção de uma estação para a melhoria da mobilidade urbana, mas a narrativa de progresso trazida pelo metrô seria a superação de um passado sombrio”. É interessante pensar, segundo a proposta do autor, como esse feito foi reportado pela imprensa da época, permitindo abordar os jornais como a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, no qual o primeiro retratou como um ato desumano que apresentava uma afronta ao Estado. Ao contrário das duas obras anteriores apresentadas e analisadas neste trabalho, a obra de Cayo Renan Alves Mateus não concentra seus esforços em relacionar o presídio com a situação das mulheres na Torre das Donzelas, mas compreender como os estudos sobre o presídio impactaram no pensamento e nos estudos sobre memória e trauma.

Partindo dessa premissa, outra obra relevante é a análise feita por César Alessandro Sagrillo Figueiredo em “A memória política e o cárcere: uma leitura cinematográfica dos testemunhos a partir do filme: a torre das donzelas”. Sua obra realiza um parâmetro bibliográfico a respeito da memória coletiva evocada pelas mulheres no documentário A Torre das Donzelas, partindo de uma análise cinematográfica. Nesse sentido, aborda a questão do testemunho político presente na obra, abarcando o uso da memória individual e coletiva das personagens e, para isso, se apoia em Pierre Nora, Halbwachs e Pollak, que tratam essa questão das lembranças. A memória coletiva seria um ato no qual excluiria a

⁴³ MATEUS, Cayo Renan Alves. Memórias de uma prisão: o Presídio Tiradentes entre a tênue linha do lembrar e do esquecer. *Revista Discente Offícios de Clio*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 141. 2021.

existência de uma memória individual, visto que permite abranger os acontecimentos de diversos pontos de vista, atribuindo uma maior veracidade aos acontecimentos.

[...] por isso, na acepção de Halbwachs, a memória seria eminentemente um construto social coletivo. As lembranças, sendo elas boas ou más, tornar-se-iam um passaporte para o acesso a um grupo específico e que vivenciaram determinadas situações, logo, possuindo algo em comum para relembrar e testemunha⁴⁴

Sagrillo conclui em seu artigo que ainda não foi solucionado o modo em que foram mortos os aprisionados da ditadura e nem onde estão enterrados os desaparecidos políticos, possibilitando-se pensar na justiça não realizada dos torturadores responsáveis pela violência brutal deste momento.

1.2 O Presídio Tiradentes e as lembranças da Torre das Donzelas

O Presídio Tiradentes, localizado no centro de São Paulo, na esquina da Avenida Tiradentes com a Praça Coronel Fernando Prestes, foi criado em 1825 para ser a Casa de Correição, espaço que se tornaria uma cadeia pública que tinha como alvo arruaceiros e escravizados fugitivos. Para esse público, o local servia como correção e punição para as más condutas perante a sociedade e para os padrões da época, bem como um certo lugar de depósito de escravos⁴⁵.

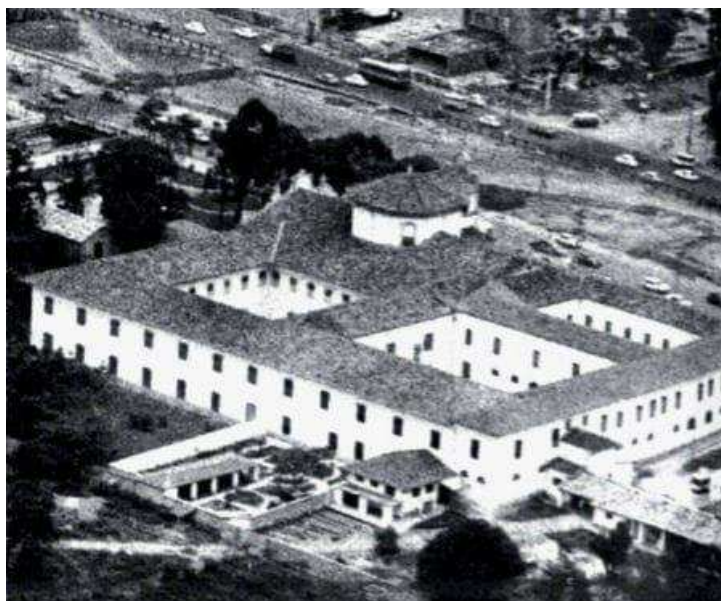
Embora seu papel de maior visibilidade tenha sido como presídio para presos políticos do período militar, o Presídio Tiradentes teve atuação no período do Estado Novo, com a chegada dos presos políticos daquele período. Monteiro Lobato foi um dos nomes mais conhecidos que passaram pelo presídio nesses anos do governo Getúlio Vargas, o qual ficou aprisionado na cela n.º 1, que levou o nome de “cela Monteiro Lobato”. Com o início da ditadura militar, o espaço foi destinado às pessoas que tinham sido encaminhadas pelo DEOPS e pelo DOI-CODI, lugares onde eram realizadas as principais sessões de torturas e violências para a retirada de informações e confissões. É nesse contexto que, após serem transferidos para o presídio, os presos sentiam alívio por serem designados a um espaço com a sensação de sobrevivência.

⁴⁴ FIGUEREDO, César Alessandro Sagrillo, A memória política e o cárcere: uma leitura cinematográfica dos testemunhos a partir do filme: a torre das donzelas. Letras em Revista, Teresina, v. 14, n. 02. p. 155. 2023.

⁴⁵ CONDEPHAAT. Portal de Pedra do Antigo Presídio Tiradentes. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/portal-de-pedra-do-antigo-presidio-tiradentes/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Como descreve a autora Janaína Teles de Almeida: “As celas eram compartilhadas em regime fechado, exigindo muita organização para estabelecer uma rotina capaz de mitigar a repetição e a monotonia”⁴⁶. Embora estivessem inseridos em um cenário de violência, os prisioneiros estabeleciam cuidados rotineiros para entreter-se com atividades culturais e físicas, lazer, entretenimento, conversas, mostrando-se resistentes aos atos repressivos contra eles.

Figura 1: Presídio Tiradentes (Torre das Donzelas)



Fonte. Prisão Tiradentes.1970. A Torre das donzelas é o edifício redondo no centro.

A imagem ilustra o edifício no qual consiste o Presídio Tiradentes, envolvendo o prédio denominado pelos integrantes prisioneiros como Torre das Donzelas, área destinada às presas políticas presentes no documentário de Susanna Lira. Sua estrutura era composta por dois pavilhões: o Pavilhão I, mais recente; já o Pavilhão II, sendo uma construção mais antiga, construída sobre o espaço do “depósito de escravos”⁴⁷, se dividia em dois níveis, abrigando presos políticos no térreo e detentos comuns no pavimento superior.

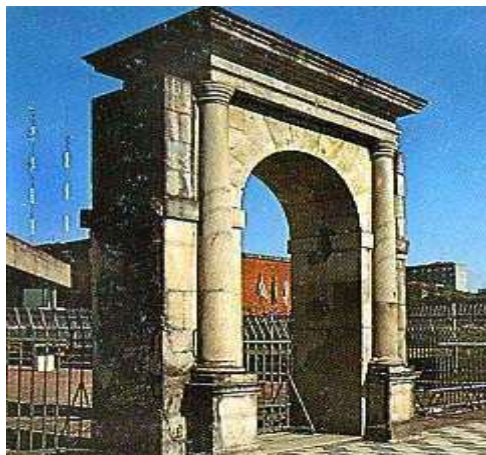
A desativação em 1973 e posterior demolição do presídio foi, como já citado por Cayo Renan Alves Mateus, um ato de redefinição do significado dado àquele espaço, com a

⁴⁶ Ditadura e repressão: locais de recordação e memória social na cidade de São Paulo, p. 8

⁴⁷ *Estudo de tombamento – Processo 23345/85 (Arco/Portal de pedra do antigo Presídio Tiradentes, SP)*. São Paulo: CONDEPHAAT, p. 35, 1985. Acesso em: [24 de nov de 2025]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Ipatrimonio-Processo-23345-85-Antigo-Presidio-Tiradentes.pdf>.

construção da estação de metrô e da Caixa Econômica Federal ao lado, atribuindo-lhe novos sentidos e funções⁴⁸.

Figura II: Arco do Presídio Tiradentes



Fonte. Arco do Presídio Tiradentes. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Após sua demolição, o que restou de sua arquitetura foi o arco frontal do presídio que simboliza o passado memorialístico do espaço desde o período de sua construção, perpassando pelo Estado Novo nos anos de 1937 e 1945, sua significância na ditadura. De modo a evocar um incômodo ao lembrar do passado vivenciado por presos políticos que passaram anos de sua vida ali. A fachada arquitetônica que restou da sua destruição atua como um símbolo memorial, que se mostra resistente ao desaparecimento de seus significados e de suas funções anteriores, não permitindo ser levado ao esquecimento totalmente, embora grande parte de sua composição tenha sido apagada fisicamente.

O Presídio Tiradentes foi um espaço que, durante todo seu funcionamento, foi um local característico de violência institucionalizada, tanto na época em que atuava como destino de escravizados, quanto como lugar para presos políticos da ditadura. As práticas de tortura e agressões verbais foram características importantes para a luta da resistência e para o processo historiográfico.

Nesse sentido, a estrutura arquitetônica atua como um lugar de memória, visto que, no decorrer de seus anos de funcionamento, o presídio passou por significados diferentes. Antes como Casa de Correção para escravos fugitivos, que apesar de possuírem o intuito de corrigir e doutrinar as ações de um grupo, bem como no contexto ditatorial, no cenário da Torre das

⁴⁸ Nesse cenário, a redefinição do espaço pontua a transferência dos presos encarcerados para o presídio do Carandiru, localizado na zona norte de São Paulo,

Donzelas, esse público-alvo modificou-se para estudantes militantes enquadrados no movimento estudantil. A diferenciação dos presos destinados àquele local possibilita diferentes estratégias de dominação e controle por parte das autoridades, o modo como se respondiam com a resistência e as consequências das manifestações contra o movimento repressivo. A forma em que esse momento é lembrado pelas presas, segundo Maurice Halbwachs,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum⁴⁹.

Nesse sentido, as lembranças se conectam por meio da história de vida daquelas pessoas, permitindo que essa lembrança seja coletiva e sentida pelos demais. Nora conceitua memória como “carregada por grupos vividos e, assim, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações”⁵⁰. Pode-se pensar, sendo assim, na intenção perante a demolição do Presídio Tiradentes, o qual foi alvo de intervenções externas na tentativa de deixar os acontecimentos antidemocráticos da ditadura no passado e dar espaço a uma nova realidade progressista e moderna.

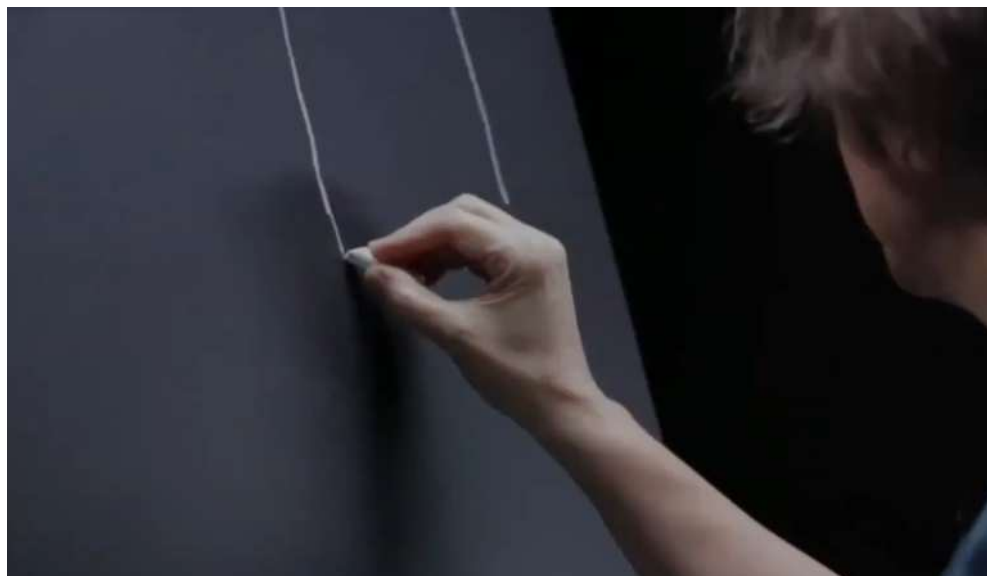
1.3 A recriação das celas pela direção do documentário

Sob direção de Lira, Torre das Donzelas é caracterizado pela proposta de recriação dos espaços nos quais as mulheres presas passaram seus dias de prisioneiras políticas para reativar lembranças e emoções vividas por elas naquele momento. Buscando lembrar da estrutura física do lugar, foi dado a elas um quadro e um giz para desenharem como elas se recordam do espaço em que haviam ficado, algumas com dificuldade e outras com a clareza marcante do que viveram.

⁴⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, p. 22. 2006.

⁵⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 9, dez. 1993.

Figura III: Desenho a giz da estrutura de entrada da Torre das Donzelas



Fonte: Torre das Donzelas. Susanna Lira, 2min 49seg

Baseado no que lembravam e nos desenhos compartilhados por elas, a produção do documentário se encarregou de construir um cenário que representasse os desenhos, com objetos parecidos e seguindo as estruturas de uma cela. Ao entrar na construção, as mulheres, que agora possuem uma idade avançada em relação aos dias de cárcere, se emocionam e revivem aqueles momentos. Curioso são as falas das personagens: “...aqui tinha um corredor bem grande, e aqui tinha várias celas de presas comuns. E era uma coisa muito assustadora” (TORRE DAS DONZELAS, 3min19seg), que revela como as lembranças obtidas ao longo da trajetória de vida delas ainda possuem marcas de vivências que exemplificam o medo e a angústia no processo. Assim como outra participante que relembra a localização das escadarias que “...tinha uma escada que ia entrecruzando, e cada, na minha cabeça isso... Cada lugar, cada lance da escada dava para uma cela e daqui para cá dava para outra cela.” (TORRE DAS DONZELAS, 3min45seg).

Figura IV: Desenho a giz das celas



Fonte: Torre das Donzelas. Susanna Lira, 3min 19seg.

As cenas nas quais as mulheres são colocadas para desenhar os lugares em que moravam naquele tempo evidenciam as dificuldades e as tentativas de lembrar daquilo que, por tanto tempo, tentaram esquecer. Após capturar as percepções das protagonistas e inseri-las em um processo de rememoração de um capítulo conturbado de suas vidas, a produção do documentário se dedicou a transformar essas memórias em espaços físicos de modo a representar a prisão em que estiveram por anos.

Alguns detalhes são deixados de lado, sem presença ou maiores características do espaço, mas com referências suficientes para emocionar as mulheres com o impacto causado pelas recordações. Como mostrado na cena, a cama, a mesa, o espaço e os elementos que compõem a cela mostram como a limitação de espaço é predominante e fundamental para pontuar a noção de liberdade de locomoção e adaptabilidade do local.

A entrada de Dulce Maia no cenário emociona o espectador com seu choro e hesitação, assim como outras mulheres tiveram reações parecidas, possivelmente por se lembrarem de momentos, traumas e preocupações que vivenciaram ali.

Figura V: entrada e reconhecimento do cenário reconstruído



Fonte: Torre das Donzelas. Susanna Lira, 7min 33seg

Utilizando-se da conceituação de memória por Pierre Nora, como aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, assim como ela se “emerge de um grupo que ela une”, a história se diferencia da memória, visto que a primeira se coloca como “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”⁵¹.

Diante disso, o papel da produção fílmica é problematizar e fazer-se refletir a respeito da ambientação proporcionada e das condições insalubres de tratamento com as mulheres, bem como as expressões e atitudes machistas e agressivas dos militares. Embora estes agressores estivessem prendendo mulheres de todas as idades, jovens, mães, avós, esposas, não cabiam em seu entendimento as necessidades que elas tinham, fisiológicas, sentimentais e físicas. Em testemunho, Leslie Belloque - estudante do curso de Estudos Orientais na Universidade de São Paulo, participava ativamente das questões propagandísticas do CRUSP, Conjunto Residencial da USP⁵² - conta que “quando começam os treinamentos, mulher não vai porque menstrua. Quando começam a instalar as guerrilhas, mulher não vai porque pode ficar grávida e menstrua. Ou seja, não era simples, era ainda coisa de homem”, do mesmo modo, Dilma Rousseff depõe sua perspectiva sobre a exposição da mulher frente ao cenário que estava inserida

⁵¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 9, dez. 1993.

⁵² IPM do CRUSP: relatório do Inquérito Policial Militar instaurado no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo em 1968. São Paulo: Edusp, p. 144, 2009.

A nudez é muito pior para a mulher que para o homem, principalmente porque o torturador era só homem. Eu nunca tive uma torturadora mulher. Eu acho também o uso de toda aquela terminologia machista, sexualizada, filha da puta, puta, essas coisas... baixo calão. O uso da condição feminina como uma coisa degradada. A tortura feminina deveria ser adaptada aos preconceitos que eles tinham⁵³

A linguagem utilizada pelos oficiais militares no processo de repressão e tortura de mulheres não era igualmente utilizada nas referências aos homens presos políticos, visto que, como mesmo declarou Dilma Rousseff, a linguagem utilizada objetivava ofender o corpo da mulher, proferindo xingamentos e desrespeito com suas condições. Além de ser violentada e machucada fisicamente, a mulher saía dali agredida psicológica e moralmente, reduzindo-a como ser humano sociável.

⁵³ Torre das Donzelas, Susanna Lira. 13 min 05 seg

2. OS SUJEITOS POLÍTICOS EM TORRE DAS DONZELAS

O segundo capítulo deste trabalho se dedica à apresentação das mulheres envolvidas no documentário *Torre das Donzelas*, tomando-se como fonte o site Memorial da Resistência, o qual abriga informações a respeito da vida política e a prisão dessas mulheres. A produção do filme não se compromete a inserir caracteres indicando seus nomes durante as falas; a produção opta por identificá-las apenas nos créditos finais. Pode-se pensar, assim, nos quadros de memória social, partindo da noção de Halbwachs, no qual norteia o documentário ao grupo e enfatiza suas memórias coletivas, sobrepondo-as à individual, embora os testemunhos sejam pelas experiências de cada uma, é em detrimento da construção do coletivo.

A trajetória dessas mulheres, porém, exige uma abordagem mais aprofundada, individualizada, especialmente no que diz respeito ao percurso que as levou ao Presídio Tiradentes. Nesse sentido, a análise das duas fontes mobilizadas até o momento — o documentário *Torre das Donzelas* e o Relatório do IPM-CRUSP — revela pontos de convergência, uma vez que o segundo, elaborado pelo próprio Exército Brasileiro, oferece informações sobre algumas das mulheres retratadas no longa, as quais serão citadas. Enquanto o documentário busca enfatizar a experiência de vida e as emoções de cada uma das mulheres, o relatório não explora a identidade ou a trajetória de vida das mesmas, apenas se preocupa em pontuar os opositores a fim de expor a denúncia, sem realmente considerar a quem está se referindo.

A tabela abaixo relaciona as mulheres entrevistadas e o movimento com o qual faziam parte e que as levou ao Presídio Tiradentes, pelo movimento de manifestação, bem como é identificado o ano de prisão de cada mulher, o qual se organiza em ordem cronológica, para fins de entendimento temporal.

Quadro I: Relação das mulheres entrevistadas pela produção do documentário

Entrevistadas	Movimento Social	Ano de prisão
Leslie Denise Beloque	ALN	1968
Maria Aparecida Costa Cantal	ALN	1969
Rosemeire Nogueira	ALN	1969

Elza Ferreira Lobo	Ação Popular	1969
Dulce Maia	-	1969
Margarida Maria do Amaral Lopes	Ala Vermelha	1969
Ilda Martins da Silva	PCB	1969
Maria Aparecida dos Santos	PCB	1969
Ana Bursztyn-Miranda	*	1970
Eva Teresa Skazufka	PCB	1970
Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque	PCB	1970
Dilma Rousseff	VAR-Palmares	1970
Rita Maria de Miranda Sipahi	JUC (juvent. univ. catol)	1971
Lenira Machado	Ação Popular	1971
Lucia Salvia Coelho	Partido Operário Brasil.	1971
Janice Theodoro da Silva	Partido Operário Brasil.	1971
Darcy Miyaki	PCB - ALN	1972
Nair Yumiko Kobashi	PCdoB	1972
Nair Benedicto	ALN	1972
Rioco Kayano	PCdoB	1972
Robêni Baptista da Costa	ALN	1971
Marlene Soccas	AP/VPR	1970
Ieda Akselrud Seixas	*	1971
Ana Mércia	*	*
Iara Glória Areias Prado	ALN	*
Ana Maria Aratangy	POC ⁵⁴	1972
Vilma Barban	*	*
Telinha Pimenta	*	*

⁵⁴ Partido Operário Comunista.

Sirlene Bendazzoli	*	*
Nadja Leite	*	1968
Leane Ferreira de Almeida	POC	1971

Fonte: Memorial da Resistência. Tabela elaborada pela autora

* = Informação não encontrada

Buscando conhecer e compreender melhor quem são essas pessoas envolvidas nas entrevistas de Susanna Lira, levando-se em conta seu número elevado para o escopo desta pesquisa, restringindo-nos a falar sobre oito mulheres inspirações para a história de vida de tantas outras envolvidas, por sua luta, presença militante na sociedade, participação política recente e importância histórica para essa pesquisa: a escolha das entrevistadas teve como base a maior participação no documentário, sendo mostradas diversas vezes para depoimento.

Nesse sentido, Leslie Denise Beloque, nascida em 17 de setembro de 1948, é natural de Monte Aprazível, interior de São Paulo. Aos dezenove anos, ingressou na Faculdade de Letras na Universidade de São Paulo, ao lado do irmão que cursava Engenharia e, junto a ele, Leslie e sua cunhada residiam na moradia estudantil denominada CRUSP - Conjunto Residencial da USP. No decorrer dos seus dias na universidade, Leslie entrou em contato com os movimentos estudantis atrelados à Aliança Nacional Libertadora, a qual, em consequência das intensificações de movimentos do grupo, o governo respondeu com um ataque à moradia estudantil onde residia. A partir desse episódio, Leslie teve que conviver com as vigílias repressivas da polícia, sendo obrigada a se retirar do CRUSP e impedida de frequentar as aulas. Vivendo na clandestinidade, ela se desvinculou da Folha de São Paulo, onde possuía vínculo empregatício, e passou a se dedicar aos movimentos da ALN até 1970, ano de sua prisão. Nesse processo, passou pelo DOI-CODI/SP e, posteriormente, foi levada ao Presídio Tiradentes, encarcerada na Torre das Donzelas até 1972. Após ser solta, Leslie ingressou na Universidade Estadual de Campinas para fazer o curso de Economia e depois atuou como docente, onde segue carreira até o momento⁵⁵.

⁵⁵ Leslie Denise Beloque — Memorial da Resistência de São Paulo. Perfil no site do Memorial da Resistência de São Paulo, com dados biográficos, trajetória de militância, prisões e atuação profissional. Acesso em: 24 de nov. de 2025. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/leslie-denise-beloque/>.

Figura VI: Leslie Denise Beloque



Fonte: Memorial da Resistência

Em depoimento ao documentário *Torre das Donzelas*, Beloque testemunha que, no mesmo dia em que foi decretado o AI-5, a universidade

amanheceu cercada de tanques, de guardas, de exército, soldados, com tanque metralhadora, e eles cercam a USP às cinco horas da manhã, a gente acorda com o barulho do tanque, e eles já vão te jogando pelas escadas a base de pontapé, de cassetete, é impressionante. Não há mais movimento estudantil, movimento de massa [...], você é empurrada para a clandestinidade⁵⁶.

Seu testemunho revela como a polícia reagiu aos movimentos estudantis, frente aos grupos de estudantes que lutavam pela vida e pela justiça aos seus professores que estavam desaparecidos pelos atos estatais, o que inspirou Leslie Beloque a agir pelos seus ideais. Após seus anos na prisão, permaneceu ativa com publicações de trabalhos científicos quando ingressou na Faculdade de Economia da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas -, em 1972, e tornou-se professora em 1978 na USP - Universidade de São Paulo. Suas atividades na universidade a levaram a fazer parte da Comissão da Verdade em 2014⁵⁷.

Em 1969, um ano após a prisão de Leslie Beloque, Maria Aparecida da Costa Cantal também foi presa. Nascida em abril de 1945, ingressou na Universidade de São Paulo com dezoito anos no curso de Direito e logo se envolveu com a militância política. Cida, como era chamada por seus colegas mais próximos, assumiu o posto das organizações de guerrilha, o

⁵⁶ Torre das Donzelas, Susanna Lira, 25 min 52 seg.

⁵⁷ COMISSÃO DA VERDADE DA PUC-SP. Sobre a CVPUC – Composição. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/sobre-a-cvpuc-composicao.html>. Acesso em: 05 dez. 2025.

que a tornou procurada pelos policiais e a obrigou a viver na clandestinidade. Foi presa por Octávio Gonçalves Moreira Júnior, no final daquele ano, sujeito que dividia sala com Cida, exercendo assim, o papel de um sujeito infiltrado para denunciar opositores. Após ser presa, passou por espaços como o Dops no Rio de Janeiro (Departamento de Ordem e Política Social) e, posteriormente, foi transferida para o DOI-CODI em São Paulo e, nesse movimento, Maria Aparecida foi levada ao Presídio Tiradentes até 1973.

Figura VII: Maria Aparecida da Costa Cantal



Fonte: Memorial da Resistência

Nas falas das entrevistadas percebe-se que o apavoramento era de que houvesse de fato os infiltrados da política nos meios em que estavam inseridas, como testemunharam que “[...] elas eram muito apavoradas de terem infiltração da polícia para ouvir conversas e tal”⁵⁸, justamente o que ocorreu com Cida, em 1969. A atividade de denúncia por infiltração policial, visto que o Departamento de Ordem Política e Social possuía um serviço de espionagem contra os civis, de modo que “os grupos historicamente considerados subversivos não deixaram de ser vigiados pela polícia política no período ditatorial entre 1964 e 1985 [...]”⁵⁹. Desse modo, o uso de infiltrados na universidade estava a serviço do Deops-SP para colaborar com a prisão de subversivos, por meio da aproximação civil.

Por toda sua trajetória no presídio, Maria Aparecida usava-se da força interior e da esperança de sair dali viva para que pudesse sobreviver dia após dia, de maneira que, em suas

⁵⁸ Torre das Donzelas. 32 min e 32 seg.

⁵⁹ QUADRADO, Felipe de Faria. *A vigilância sem farda: a espionagem interna na ditadura civil-militar através do DEOPS*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2014. p. 63.

palavras, “nós precisamos manter a moral diante do inimigo, não estamos derrotados aqui, estamos presos, mas não podemos deixar que eles nos destruam totalmente [...]”⁶⁰.

Rosemeire Nogueira, presa em novembro de 1969 aos 23 anos, trabalhou como jornalista no Jornal da Tarde de São Paulo. Com o seu marido, Rose foi uma participante ativa nas atividades da Aliança Libertadora Nacional, mas teve suas atividades interrompidas quando, após um mês ter dado à luz seu filho, teve sua casa invadida por policiais, os quais a levaram presa. Assim, os oficiais não fizeram questão das condições físicas e de saúde em que se encontrava, e ofereceram precárias condições de higiene e alimentação para as mulheres, em especial a Rose, recém dada à luz.

Em entrevista ao programa Rede TVT em abril de 2019, Rose comenta que somente após seu tempo de cárcere é que ela pôde realmente conhecer o próprio filho, quando ele tinha dez meses⁶¹. Nesse momento de encontro com o filho, ela lutou pelo direito de estar com a criança ao seu lado, ao passo em que os policiais iriam levá-lo para o juizado. Em entrevista, ela pontua que sua visão a respeito do golpe militar ampliou seus interesses em defesa dos direitos humanos, independentemente das torturas e desumanidades pelas quais enfrentou durante seus nove meses em cárcere. Desse mesmo modo, a militante testemunha que, vivenciando a maternidade naquele momento, a forma de violência que recebia era o desrespeito quanto à sua produção de leite, afirma que “eu tomei uma injeção de leite para cortar o leite que eu tinha, porque o leite do meu peito incomodava a maluquice do tarado torturador”⁶². Os vestígios da maternidade iam de encontro à da Eva Pecadora⁶³ que alimentaram em relação às militantes políticas: as diversas formas de violências destinadas às mulheres se voltavam à figura feminina, ao chamá-las de puta, ofender seu papel como mãe ou inferiorizá-las pela posição de mulher, pontuando as desigualdades de gênero em um cenário autoritário “voltado para ridicularizá-las, com torturas específicas por serem

⁶⁰ Torre das Donzelas. 44 min e 37 seg.

⁶¹ REDE TVT. Entre Vistas com Rose Nogueira sobre os 55 anos do golpe militar. YouTube, 25min 14. seg, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFv1EdinyuI>. Acesso em: 25 de nov. 2025.

⁶² REDE TVT. Entre Vistas com Rose Nogueira sobre os 55 anos do golpe militar. YouTube, 33min 58 seg, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFv1EdinyuI>. Acesso em: 25 de nov. 2025.

⁶³ A ideia da Eva Pecadora pode ser entendida no texto "A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia", do autor Emanuel Araújo, o qual discute como a sexualidade das mulheres era vista, controlada e vivida no Brasil durante o período colonial. Naquela época, as mulheres eram muitas vezes associadas a ideias de sedução, pecado e submissão, sendo consideradas objetos de desejo e de controle por parte dos homens. As normas sociais e religiosas buscavam limitar a forma como elas podiam expressar sua sexualidade, ligando essa expressão ao casamento e à maternidade, além de idealizar a mulher como símbolo de pureza e submissão. A sociedade patriarcal e a Igreja tinham o papel de impor regras rígidas que reprimiam e monitoravam a sexualidade feminina, relacionando-a ao pecado original e à desordem. cf. ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 45-77 [p.52].

mulheres.

Figura VIII: Rosemeire Nogueira



Fonte: Memorial da Resistência

Eram processos de violência psicológica extensa e de abuso sexual como forma de objetificação e desvalorização do corpo feminino, como observa Rayssa Cristina Fernandes dos Anjos⁶⁴. A objetificação e ridicularização enfrentadas pelas mulheres da Torre glorificavam e legitimavam a autoridade dos policiais que buscavam afetá-las de qualquer forma, remontando e atualizando figurações históricas de longa duração.

Dulce Maia, nascida em 1937 na cidade de Lavras em Minas Gerais, foi presa com 32 anos de idade e, segundo o site oficial do Torre das Donzelas, ela foi a primeira mulher a ser levada para a torre, de modo agressivo desde a invasão em sua casa, na frente de sua mãe, até os seus últimos dias na prisão. Ela deixou a torre em 1970 e foi para a Argélia, algemada durante toda a viagem de avião, a qual passou por países como Chile, México, Bélgica e Guiné-Bissau antes de retornar ao Brasil com a Lei da Anistia em 1979.

⁶⁴ ANJOS, Rayssa Cristina Fernandes dos. *A tortura também tem gênero: uma análise sobre a tortura de mulheres na ditadura militar 1969 e 1970*. Universidade de Brasília, p. 8, 2023.

Figura IX: Dulce Maia



Fonte: Torre das Donzelas

Seu retorno ao país resultou na participação na ONG Ecoatlântica e na Econsenso⁶⁵ - tais organizações são oriundas da cidade de Cunha, em São Paulo, e não possuem fins lucrativos, sendo dedicadas à preservação da Mata Atlântica e do meio ambiente.

Uma personagem que possui bastante presença no documentário de Susanna Lira é a ex-presa Margarida Maria do Amaral Lopes, nascida em 1951 em São Paulo, sendo militante antes de seus dezoito anos no Partido Comunista do Brasil, que também era conhecido como Ala Vermelha, sendo uma organização de esquerda com orientações marxistas. Não demorou muito para que fosse presa na região onde ficava sua organização junto ao seu namorado, Vicente Gomes Roig, que vivenciaram torturas logo na primeira sessão de interrogatório. “Quando eu fui presa, tava sendo metralhada a casa, nós descemos correndo, o Vicente me deu uma 38 cano longo, cinturão de bala, bala no bolso, saímos por detrás da casa pulando o muro, [...] o quarteirão inteiro estava cercado [...]. Eu sou a Marguaridinha 38”⁶⁶, relata sua experiência ao ser presa pelas forças policiais do regime militar. No Deops, permaneceu por dois meses e foi levada ao Presídio Tiradentes por mais quatro, os quais foram marcados pelo silêncio, de modo que o grande inimigo dentro da cela era o silêncio e que, segundo ela, quebrar o silêncio é uma forma de denunciar a barbaridade que a ditadura fez com a

⁶⁵ NÚCLEO MEMÓRIA. *Sábado Resistente homenageia Dulce Maia de Souza, combatente da Resistência*. São Paulo,. Disponível em: <https://www.nucleomemoria.com.br/sabado-resistente-homenageia-dulce-maia-de-souza-combatente-da-resistencia>. Acesso em: 26 nov. 2025.

⁶⁶ Torre das Donzelas. 9 min 15 seg.

população⁶⁷.

Figura X: Margarida Maria do Amaral Lopes



Fonte: Memorial da Resistência

De acordo com Lara Lucena Zacchi, o silêncio é compreensível, pois dimensiona a complexidade do trauma e das emoções não assimiladas devido ao acontecimento⁶⁸. Tal silenciamento também pode ser representado pela demolição do presídio em 1973 na intencionalidade de esquecer/apagar os vestígios (d)aquele passado traumático, derrubando toda a estrutura interna da prisão. Em decorrência disso, os espaços socioculturais se tornam meios de debates e discussões a esse respeito que intencionam a possibilidade de abrir lugar para essas falas e para quebrar a barreira silenciosa existente nas pessoas que vivenciaram a ditadura.

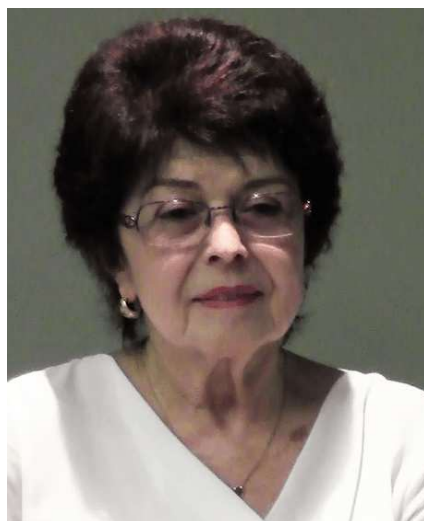
Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque, nascida em 13 de setembro de 1946, na cidade de Tanabi, São Paulo, foi presa aos vinte e quatro anos pela ditadura militar por integrar a Aliança Libertadora Nacional. Casada com Gilberto Beloque, Maria Luiza se tornou cunhada da irmã de seu marido, Leslie Beloque, também participante do documentário por ser levada à torre, e presente nesse trabalho. Por ser participante da ação militante, foi levada à tortura tanto no Deops quanto no DOI-CODI para que posteriormente fosse levada ao Presídio

⁶⁷ Torre das Donzelas. 36 min 08 seg.

⁶⁸ ZACCHI, LARA LUCENA. *Memórias no cárcere na torre das donzelas: gênero e emoções em relatos de mulheres sobre a ditadura civil-militar brasileira*. Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Santa Catarina, p. 94, 2021.

Tiradentes. Todavia, retornou ao Deops por mais doze dias, o que não escapou de novas torturas físicas e verbais, características daquele espaço. Residente do Conjunto Residencial da USP, Beloque conheceu o marido Gilberto Beloque, o qual também foi levado à prisão com a esposa e comenta que passou a “atuar na dissidência estudantil, que era a tendência mais forte no conjunto residencial da USP, e eu conheci o meu marido [...], e ele participava do Partido Comunista”. Em testemunho, ela destaca uma curiosidade que considerou sobre a presença de jovens em tal partido, além de pessoas mais velhas, visto que eram quase impossíveis de serem levados presos, por serem respeitados no partido. Alguns anos antes do lançamento oficial do documentário, ele veio a óbito em 2016. Na obra literária proposta, assim como ela relata em testemunho ao Vozes da Memória, Maria Luiza pontua como o movimento universitário, sobretudo os estudantes residentes no CRUSP, estava efervescente com manifestações e passeatas contra os movimentos militares, cenário presente na obra desenvolvida nesta pesquisa.

Figura XI: Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque



Fonte: Memorial da Resistência

As produções do documentário coincidiram com as datas das audiências de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em decorrência disso, Dilma precisou se ausentar em diversos momentos – inclusive o de encenação das celas - uma vez que precisava estar presente nos eventos políticos. Entretanto, Dilma posicionou-se de forma significativa ao longo da sua participação no documentário, mostrando sua trajetória como militante e como agente político da sociedade. Aos vinte anos de idade, passou a integrar organizações como

Polop (Organização Revolucionária Marxista Política Operária) e a Colina (Comando de Libertação Nacional), de modo que tais participações a levaram presa ao Doi-CODI, estando presente em contextos carcerários nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais⁶⁹. Durante sua passagem ao Doi-CODI, as torturas não foram amenizadas pela questão de gênero, ao contrário, esse era um fator usado estrategicamente para proceder da melhor forma, “foram aplicadas o pau de arara, a palmatória, choques e socos, que causaram problemas em sua arcada dentária”⁷⁰, segundo o site Memórias da Ditadura.

Figura XII: Dilma Vana Rousseff



Fonte: Folha de São Paulo: Presidente Dilma Rousseff, in 1970, during an interrogation at the Military Court in Rio de Janeiro (RJ)

⁶⁹ Dilma Rousseff — Memorial da Resistência de São Paulo. Perfil no site do Memorial da Resistência de São Paulo, com dados biográficos, trajetória de militância, prisões e atuação profissional. Acesso em: 27 de nov. de 2025. Disponível em: <https://memorialdarestenciap.org.br/pessoas/dilma-rousseff/>.

⁷⁰ MEMÓRIAS DA DITADURA. *Dilma Rousseff*. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/dilma-rousseff/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

Figura XIII: presidente Dilma Vana Rousseff



Fonte: Documentário *Democracia em Vertigem*

Em 1972, Dilma foi libertada e passou a se dedicar à carreira política junto ao movimento contrário à repressão militar do MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Após o tempo que se manteve no cargo de presidente, Dilma enfrentou o processo de destituição de seu cargo, o qual teve declarações de glorificação ao momento histórico repressivo pelo qual Dilma Rousseff foi vítima. Durante a sessão que decidiu seu afastamento, em 2016, o então deputado federal Jair Bolsonaro dedicou publicamente seu voto ao coronel Brilhante Ustra, responsável por torturas durante a ditadura e, em especial, da presidenta. Esse gesto evidenciou explicitamente a qualidade de seu desprezo pela democracia e pelos direitos humanos, como conduzido nos anos da Ditadura Civil-Militar.

Rita Maria de Miranda Sipahi, formou-se em Direito no ano de 1964 e, dois anos antes, se interessou e iniciou sua vida militante por meio da Juventude Universitária Católica, ligada ao Movimento Estudantil da sua faculdade. Aos trinta e três anos de idade, foi presa pela OBAN na cidade do Rio de Janeiro e foi para São Paulo, passando pelo Doi-CODI, Deops e por fim, o Presídio Tiradentes⁷¹. Ali permaneceu por aproximadamente onze meses e pôde conhecer seu cônjuge Alípio Freire, o qual também estava preso, ao sair em 1974, casou-se com Sipahi e tiveram dois filhos. A respeito de como enxerga a ditadura, Rita Sipahi afirma que

⁷¹ Rita Maria de Miranda Sipahi — Memorial da Resistência de São Paulo. Perfil no site do Memorial da Resistência de São Paulo, com dados biográficos, trajetória de militância, prisões e atuação profissional. Acesso em: 27 de nov. de 2025. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/rita-maria-de-miranda-sipahi/>.

“A tortura foi banalizada, os agentes continuam impunes, os assassinatos e desaparecimentos ocorrem, sem limites, as violências contra os pobres, negros, homens, mulheres e crianças, o ódio ao diferente como preceito da doutrina de segurança nacional – todos os crimes cometidos no passado recente continuam acontecendo – a diferença é que nos dias atuais não permanecem debaixo dos tapetes⁷².”

Com isso, ela integrou a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça por dez anos, de 2009 a 2019, visto que, em sua perspectiva, os crimes cometidos que violaram os direitos humanos deveriam ser de conhecimento de todos⁷³. Em entrevista para a Rede TVT⁷⁴, Sipahi deixou recentemente a Comissão da Anistia por não fazer mais sentido representar os anistiados que estariam comprometidos com a política de tortura da época. Em sua visão, a essência do documentário é tratar a memória que conta a lembrança de um passado vivo frente às contestações da realidade ditatorial.

Figura: XIII: Rita Maria de Miranda Sipahi



Fonte: Memorial da Resistência

As retratações de solidariedade e empatia contadas no filme, se validam de modo que as acusações políticas sobre elas as aproximavam cada vez mais. Rita conta que, as trocas de experiências dentro da Torre possibilitava “pensar a saída, planejar o futuro, reorientar a sua

⁷² SIPAHI, Rita. *Testemunho: Alípio Freire, uma testemunha do seu tempo*. São Paulo: Alípio Freire — Memória Viva, [s.d.]. Disponível em: <https://www.alipiofreire.com.br/testemunho-alipio-freire-uma-testemunha-do-seu-tempo-por-rita-sipahi/>. Acesso em: 05 dez. 2025

⁷³ Idem.

⁷⁴ Torre das Donzelas: documentário traz relatos de mulheres presas pelo regime militar. YouTube, 01 de out 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YfXl8z-QIk>. Acesso em: 28 de nov 2025.

vida, no sentido político também, [...] não só individualmente mas no coletivo”⁷⁵. Isso nos permite compreender a dimensão de Maurice Halbwachs na distinção da memória individual e coletiva, visto que, segundo as entrevistadas, ela foi construída coletivamente. Desse modo, entende-se como memória individual aquela que é parecida apenas para o sujeito com base em suas experiências, já a memória coletiva é estruturada de forma social, por narrativas históricas e pelo compartilhamento das práticas, uma vez que “as lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos”⁷⁶ o que dá valor não só para o individual, mas para ser um testemunho vivo reelaborado e reinterpretado.

2.1 As aspirações para o documentário

Após dois meses do lançamento do documentário *Torre das Donzelas*, Susanna Lira participou de uma entrevista para a TV Brasil, na qual abordou temas relacionados aos depoimentos das entrevistadas e sobre a reinvenção do presídio. Diante disso, ao contar sobre a escolha por retratar esse tema em um longa-metragem, Lira opta por mostrar o poder feminino de transformação⁷⁷, a partir da proposta de contar a história dessas mulheres por meio de suas próprias lembranças. Apesar de muitas outras mulheres terem passado pela Torre, a cineasta entrevistou apenas algumas delas, começando pela procura por Rita Sipahi, por também fazer parte da Comissão de Anistia, que reuniu outras conhecidas para que pudesse prestar depoimento à produção. Lira deixa claro que esse processo foi uma construção dialógica por parte da própria produção com Susanna Lira. Para além dos relatos históricos por meio das lembranças, a relação mais enfatizada pelas ex-presas na cela foi a relação afetiva criada, o laço empático criado no tempo em que estiveram encarceradas, e isso faz parte do relato da cineasta no momento da entrevista, uma vez que

você viver em um regime em que você não pode se expressar, em que você é preso porque que você se expressa de forma crítica a um regime [...] é emocionante só de ouvir o que essas mulheres passaram [...]. Mesmo dentro de um espaço de repressão total você encontra solidariedade das pessoas [...]⁷⁸.

⁷⁵ Torre das Donzelas: documentário traz relatos de mulheres presas pelo regime militar. YouTube, 14min 10seg. 01 de out 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YfXl8z-QIk>. Acesso em: 28 de nov 2025.

⁷⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, p. 45. 2006.

⁷⁷ TV BRASIL. Conheça o documentário Torre das Donzelas, vencedor do Festival do Rio, no Sem Censura. YouTube, 3min 39seg. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wRHWL_4VHyI.

⁷⁸ TV BRASIL. Conheça o documentário Torre das Donzelas, vencedor do Festival do Rio, no Sem Censura. YouTube, 8 min 09 seg. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wRHWL_4VHyI.

Diane Valdez e Keides Batista Vicente pontuam que essas mulheres “costuraram redes de afeto e recorreram a cuidados como forma de resistência coletiva”⁷⁹, de modo que, retratado no documentário, as práticas que exerciam entre elas se baseiam em costuras, preparo de alimentos, o cuidado com as celas e no divertimento entre elas⁸⁰. Essa relação foi importante para sustentar a força individual de cada presa até o dia da sua liberdade, o apoio e o auxílio emocional e físico umas pelas outras se evidenciam no decorrer do filme. Segundo Lira, essa relação construída nas celas se perpetuou posteriormente ao encarceramento e às gravações, “elas provam que qualquer situação a gente pode reconstruir”⁸¹, o que podemos fazer um paralelo com a reconstrução do cenário que simboliza a cela da Torre das Donzelas. Uma vez que a intencionalidade da produção era inseri-las novamente em um ambiente conhecido que proporcionou traumas e agressões, todavia a rememoração e o reencontro com as presas ocasionou um ambiente descontraído de lembranças e trocas de sentimentos e vivências, que apesar de serem parecidos, são construídos e rememorados no coletivo.

As relações desenvolvidas como distração, seguiam o objetivo de não deixarem os fatos do entorno afetarem o emocional daquelas mulheres, de modo que encontravam nas atividades e convivência uma forma de resistirem às opressões dos militares⁸². O decreto de liberdade concedido dias depois do encarceramento, resultou no reencontro delas durante as gravações do documentário, logo, as reações de saudade, alegria e rememoração dos afetos antigos demonstram a relação empática de amizade criada em um ambiente repressivo do poder estatal e que resgata uma memória coletiva importante para o diálogo entre as entrevistadas e o telespectador.

Na entrevista dada à Rede TVT citada, Susanna Lira fala sobre a demora para conseguir as entrevistas com as mulheres presentes no documentário, tanto pela dor e dificuldade de quebrar os silêncios, como também pela logística, no caso da ex-presidente Dilma Rousseff, visto que durante as gravações do filme ela passava pelo processo de impeachment. A resiliência, diante disso, está presente não apenas nas falas das mulheres, mas durante todo o processo de produção, ao se reconstruir em um contexto pós-ditadura. Segundo a cineasta, *Torre das Donzelas* “não é só um filme sobre dor, é um filme sobre força

⁷⁹ VALDEZ, Diane. VICENTE, Keides Batista. Assim por solidariedade: memórias de mulheres sobre a ditadura civil-militar (1964-1985). *Inter-Ação*, v. 49, p.483, 2024.

⁸⁰ Torre das Donzelas. 54 min 37 seg.

⁸¹ TV BRASIL. Conheça o documentário Torre das Donzelas, vencedor do Festival do Rio, no Sem Censura. YouTube, 9min 22seg. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wRHwL_4VHyI.

⁸² TV BRASIL. Conheça o documentário Torre das Donzelas, vencedor do Festival do Rio, no Sem Censura. YouTube, 10min 26seg. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wRHwL_4VHyI.

e sobre resistir ao momento como estamos vivendo hoje”⁸³, devido ao cenário político no qual estavam inseridas com a presidência de Jair Messias Bolsonaro, um declarado defensor da Ditadura Militar.

Uma característica fundamental, na perspectiva de Susanna Lira, é a sororidade presente nas relações entre as encarceradas, de maneira que a troca e o acolhimento foram capazes de aproximar e dar força umas para as outras. Nesse sentido, “elas foram descobrindo que estavam juntas, estando juntas elas podiam apoiar uma a outra e potencializar uma a outra”⁸⁴, e isso não se restringiu apenas ao final da década de 1960 em que estavam presas, mas foi levado para os dias posteriores no qual estavam libertas.

Susanna usa como motivação para a temática abordada em seu documentário a necessidade de conhecer, em detalhes, o que aconteceu com o Brasil entre os anos de 1964 e 1985, justamente para que não venha se repetir, sem que se tenha o receio de abordar o assunto sucessivamente, visto que é pertinente quebrar a bolha de assuntos acessados pela sociedade. O silêncio mostra a responsabilidade pelo resultado da ditadura que perpassa a década em que ocorreu, sendo mencionada com glória em eventos políticos e sociais, tornando, na opinião de Lira, a necessidade ainda maior de contar as narrativas que vivenciaram o momento e que sofreram nele.

2.2 Narrativas de memória e a cultura do esquecimento

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, define a memória como a capacidade humana de reter acontecimentos e experiências e transmiti-los às gerações seguintes⁸⁵. Considerando sua dimensão individual e coletiva, destacam-se as narrativas feitas ao longo dos anos por parte das mulheres, tanto em obras escritas quanto em entrevistas, lembranças que se irromperam desde o marco do final da ditadura. Tais narrativas emergem especialmente em contextos de conflito social ou quando pesquisadores, por meio do método biográfico ou da história oral, criam condições para que tais relatos sejam expressos, analisados e registrados. Após os anos de silêncio na prisão, as mulheres retratadas em *Torre das Donzelas* enfrentam o desafio de lidar com traumas e com a

⁸³ ENTREVISTA com Susanna Lira, diretora do Torre das Donzelas. YouTube, 4 min 09 seg. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J94ntTQfVNM>. Acesso em: 27 nov. 2025.

⁸⁴ ENTREVISTA com Susanna Lira, diretora do Torre das Donzelas. YouTube, 9 min 28 seg, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J94ntTQfVNM>. Acesso em: 27 nov. 2025.

⁸⁵ VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp*. p. 1. 2006.

dificuldade de compartilhar o vivido, sobretudo diante das transformações políticas ocorridas nas décadas posteriores às gravações. Von Simson critica o ritmo acelerado da sociedade contemporânea e o acesso massivo à informação sem a devida criticidade, chamando atenção para o “Poder de Seleção”, elemento fundamental para a formação da chamada “sociedade do esquecimento”⁸⁶. Em diálogo com Ecléa Bosi, que diferencia uma memória voltada para a ação e outra dedicada à rememoração do passado, compreende-se o papel de Susanna Lira em estimular reflexão, diálogo e reconstrução política das lembranças no documentário.

Assim, as narrativas apresentadas não têm como objetivo apenas expor fatos, mas evidenciar seus impactos na sociedade contemporânea, especialmente no ano de 2019, quando o filme foi lançado. Como afirmam Oliveira e Venera, a memória ultrapassa a simples recuperação de informações: trata-se de uma organização do passado a partir do presente. Tal processo ocorre tanto no âmbito coletivo — como se observa na troca de experiências entre as ex-presas — quanto no individual. A solidariedade entre elas durante o testemunho reforça que, diante das lacunas e imprecisões que permeiam a recordação, a memória se fortalece quando compartilhada por sujeitos que vivenciaram dores semelhantes.

Em entrevista, Lira observa que as construções dos desenhos feitos pelas mulheres não são iguais, apesar de ser o mesmo espaço geográfico com as mesmas características, as narrativas apresentaram divergências, tendo em vista a retenção de lembranças delas a respeito da repressão. Diante disso, a elaboração, por parte da produção, de recriar o cenário das celas, possibilitou que essas memórias guardadas em silêncio por tantos anos fossem retomadas. O filme demonstra o sentimentalismo presente nas falas dos testemunhos, visto que

as narrativas são detalhadas com sentimentos que perpassam espaços íntimos das relações e das agressões sofridas. Suas memórias sobre momentos de violência demonstram a preocupação com a narrativa de si e do coletivo, materializando o cuidado, as fragilidades e os detalhes do passado vivido, carregado de sentimentos e emoções⁸⁷.

As lembranças evocadas por essas mulheres no documentário, portanto, não se desvinculam do período da ditadura, mas são memórias interessadas nas questões do presente: caracterizam a importância de propagar essas narrativas de memória para as gerações futuras, com a intencionalidade de fazer esse passado presente e manter viva a

⁸⁶ VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. 2006. p. 2.

⁸⁷ VALDEZ, Diane. VICENTE, Keides Batista. Assim por solidariedade: memórias de mulheres sobre a ditadura civil-militar (1964-1985). *Inter-Ação*, p. 486-487, v. 49, 2024..

lembrança tida por essas mulheres⁸⁸. Lira observa pela construção de seu documentário que “nós vivemos um silêncio [...] não só dessas mulheres que passaram muito tempo sem falar”⁸⁹, mas que também a sociedade brasileira hoje em dia permeia a necessidade de quebrar o silêncio resultado da ditadura. Um silêncio em detrimento de uma negação do passado que se perpetua com a ausência dos testemunhos.

Sendo assim, o documentário reforça a importância de permanecer na luta pela democracia, pela necessidade de falar e de não manter-se calada frente às repressões e às acusações de lutas sociais consideradas ilegais. Lira considera o filme *Torre das Donzelas* como provocador, no sentido de transmitir as insatisfações do povo, frente às atitudes militares no período da repressão ditatorial. Falar da ditadura é propor o questionamento sobre o silêncio que se vivencia hoje⁹⁰ e refletir sobre os motivos pelos quais a punição violenta contra essas mulheres, que enquanto estudantes lutaram pelos próprios direitos, foi a alternativa considerada apropriada pelo governo.

⁸⁸ A propósito, vale ressaltar o padrão observado no documentário a respeito da classe social e racial das mulheres entrevistadas, sendo elas brancas e, que no momento de sua prisão, eram estudantes de uma universidade pública (USP), de difícil acesso para a população brasileira no contexto de 1960. É uma discussão pertinente e reflexiva para pensarmos em qual parcela da população entrava na universidade e tinha a possibilidade de lutar pelos direitos que eram de todos, e, ainda, pensar em qual parte da sociedade conseguia ter condições físicas de tentar sobreviver ao processo.

⁸⁹ TVT. Entrevista com Susanna Lira, diretora do *Torre das Donzelas*. YouTube, 18min 30seg. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J94ntTOfVNM>. Acesso em 30 de nov de 2025.

⁹⁰ TVT. Entrevista com Susanna Lira, diretora do *Torre das Donzelas*. YouTube, 20min 11seg. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J94ntTOfVNM>. Acesso em 30 de nov de 2025.

3. TORRE DAS SOBREVIVENTES: VOZES QUE PRECISAM ECOAR

Torre das Sobreviventes: as vozes que nunca ouvimos, é uma obra literária proposta como produto final desse Trabalho de Conclusão de Curso, voltado para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Embora houvesse oportunidades de desenvolver essa atividade em sala de aula, as complicações burocráticas em estágio IV - cronograma e planejamento de aula -, disciplina preterida na intencionalidade de aula, impossibilitaram tal atividade⁹¹.

Inspirado na produção do documentário *Torre das Donzelas*, a obra literária busca retratar a trajetória de algumas das mulheres presentes no filme, partindo da própria perspectiva de vivência, com nomes ficcionais que as representam. Nesse sentido, é estruturado no formato de diário, partindo do final do ano de 1968, compilando a vivência dessas mulheres na universidade e na presença na vida política.

A protagonista desse livro é inspirada em Maria Aparecida Costa Cantal, que, estando inserida no curso de Direito na Universidade de São Paulo, presenciou de fato a prisão de sua amiga de moradia estudantil, Leslie Beloque, que frequentava o curso de Letras na mesma universidade e tinha participação ativa em organizações militantes. A obra intenciona contar esta história da perspectiva dos personagens, estando inseridos no final da década de 1960, frente à resposta militar para os movimentos estudantis contra o governo e contra a situação educacional da época.

A estrutura do diário escolhida para a obra se direciona para a construção de uma narrativa voltada para a perspectiva individual da personagem, localizada temporalmente em 1968 e 1969 na cidade de São Paulo. Ieda, personagem inspirada livremente em Maria Aparecida, conta os acontecimentos do dia, pontuando suas dúvidas e medos da vivência dentro de um governo militar, bem como suas relações amorosas e com amigos próximos residentes da moradia estudantil CRUSP (Conjunto Residencial da USP). As relações construídas na obra são ficcionais, como por exemplo, as construções amorosas criadas para contextualizar e contribuir para o teor literário da narrativa. Se trataremos de história e narrativa literária, Aristóteles não enxerga o ofício do poeta retratar o que de fato ocorreu,

⁹¹ Essa impossibilidade é originada da desregulação do calendário acadêmico da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que, por não coincidir - no momento de conclusão da graduação - com o calendário civil, não permitiu que algumas práticas que eram intencionadas fossem realizadas. Esse desencontro, insistentemente mantido pela universidade, desde a pandemia de covid-19, dificultou a flexibilização de prazos e datas para o desenvolvimento de aulas em Estágio que contribuíram tanto para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida, quanto para o trabalho de conclusão de curso.

mas o que poderia ter ocorrido⁹², isso que diferencia o historiador do poeta, visto que o primeiro narra fatos e o segundo, possibilidade dos fatos.

Na obra, Ieda é uma jovem que está no curso de Direito na Universidade de São Paulo, residindo no Conjunto Residencial da USP (CRUSP) junto com sua amiga Judith. Dentro da moradia, as duas fazem amizades relevantes para inserir Ieda no ambiente político e de participação nos movimentos contra a força ditatorial, sendo incentivada a participar da Aliança Libertadora Nacional, por seus colegas e principalmente por sua amiga Judith. Por sua vez, Judith (inspirada na vida de Leslie Beloque) é uma jovem que cursa Letras e dedica suas atividades extracurriculares a lutar contra a Ditadura Civil-Militar, sendo ativa nas manifestações e atos de resistência.

A obra começa situando o leitor no clima político e social em que aquelas jovens estão inseridas: sentindo o perigo de estarem sozinhas tarde da noite nas ruas, voltando para casa depois da aula e percebendo a atuação da milícia na moradia na qual residiam. À procura de subversivos, a polícia invade o CRUSP na intenção de levar estudantes que se manifestam contra o regime à prisão, e, nesse momento, Ieda presencia o momento em que seus conhecidos e sua amiga mais próxima são levados à prisão.

Partindo desse princípio, a obra literária busca contar a trajetória da vida desses estudantes, focalizando em Ieda e na construção de seu diário, permeando o contexto universitário da Universidade de São Paulo (USP) e os riscos de ser militante contra a ditadura.

3.1 Como a literatura contribui para ensinar a história da Ditadura Civil-Militar?

A literatura, como prática cultural, faz parte do ensino de História que permite ampliar as formas de se produzir conhecimento histórico e analisar e refletir um processo histórico por meio da arte literária. Nesse sentido, Joan Pagés Blanch percebe duas perspectivas relacionadas ao ensino de história por meio da literatura e, do ponto de vista disciplinar, Blanch pontua a literatura como uma fonte ou um recurso para o conhecimento histórico⁸⁷. Dentro da noção de ensino, história e literatura pontuada pelo autor, a utilização literária proposta neste trabalho de conclusão de curso é tida como uma fonte secundária, visto que não foi escrito por quem viveu no período retratado, mas sim uma recriação daquele momento e um recurso didático para ensinar sobre a história da ditadura.

⁹² ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Sousa. Lisboa: Edições 70, p. 115. 1997.

O passado pode ser entendido por meio de narrativas, pinturas, quadros, textos, que, desse modo, podem contribuir para a formulação do pensamento histórico. A exemplo dessa junção positiva entre história e literatura, Bevilacqua visualiza o ensino de História como uma forma de dialogar as duas áreas na condução a um conhecimento histórico contextualizado⁹³, considerando, assim, a literatura como uma fonte histórica. A contribuição da fonte literária na construção de um raciocínio histórico em sala de aula é a possibilidade da tentativa de aproximação temporal entre o presente e o passado, de modo a fazer com que os estudantes tenham mais facilidade em perceber as expressões da realidade daquele tempo. De acordo com Blanch, essa percepção da realidade é uma das principais contribuições do uso de fonte literária na disciplina de História, de modo que o estudante esteja situado dentro de um contexto histórico e social que é distante do dele, analisando, refletindo e aproximando-se daquilo que é o objetivo.

Dentro dessa discussão, cabe pensar a respeito do uso da literatura para tomar como fato um acontecimento histórico, visto que é uma preocupação pensar a história e a literatura como fatos acontecidos. Nesse sentido, vale pensar que, de acordo com Pesavento, “dizer que a história é uma narrativa verdadeira, de fatos acontecidos, com homens reais, não é, entretanto, afirmar que, como narrativa, ela seja mimese daquilo que um dia teria ocorrido”⁹⁴, logo, o historiador compreende os acontecimentos pelo que é disponibilidade por meio das fontes expostas e estudadas.

O papel da literatura nas aulas de História, sobretudo nos anos em que essa pesquisa focaliza (Anos Finais e Ensino Médio), é contribuir para a expansão da visão de mundo e do conhecimento histórico limitado ao livro didático. O professor, ao desenvolver com os alunos a prática da leitura de obras literárias que contam processos históricos, permite a possibilidade de ir além dos conteúdos propostos do material didático, auxiliando na percepção crítica e reflexiva dos alunos em pensar nos processos históricos, temporalidades, mudanças e permanências. A obra literária, desse modo, é uma estratégia de compreender a narrativa como parte do processo de entendimento a respeito do período abordado, no caso da produção proposta por esse trabalho, a ditadura no Brasil e a violência contra a mulher.

Por essa perspectiva, a releitura do documentário como caminho de inspiração para a discussão sobre memória, história e educação, se justifica pela capacidade de tornar a

⁹³BEVILACQUA, P. *Sobre a utilidade da História para o futuro de nossas escolas*. Roma: Donzelli, 1997.

⁹⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, p. 819, 2006.

reflexão a respeito do tema crítica e sensível frente à crise política, social e humanitária do Brasil na época. Além de ser um formato de reprodução histórica diferente do engessamento acadêmico, o documentário e a obra literária que o recria trazem uma perspectiva ativa das personagens, a qual são o centro das cenas trazendo relatos pessoais, sentimentais, comportamentais e históricos, que dinamizam o filme. *Torre das Donzelas* mostra como a repressão e a violência do Estado tiveram um impacto direto na vida dessas mulheres, nos levando a refletir sobre democracia, cidadania e o papel de cada um na sociedade, fatores que são fundamentais na formação do pensamento histórico crítico do estudante.

Portanto, a interdisciplinaridade entre História e Literatura, com base na leitura da obra literária desenvolvida, visa desenvolver a perspectiva crítica do aluno frente à realidade do Brasil em meio a um processo de Ditadura Civil-Militar que, partindo do princípio da resistência, violência, poderes autoritários e ditadura, custou a vida de muitos brasileiros. Nessa lógica, a obra proposta pretende ampliar o conhecimento histórico do estudante, os pontos abordados no documentário de Susanna Lira, bem como o entendimento das alternativas tomadas pelas ex-presas políticas para sobreviver a esse período.

3.2 As personagens na obra literária

A história das trinta e uma mulheres apresentadas no documentário põe em discussão as consequências da ditadura na vida da população brasileira, todavia, por questão literária e limitações do presente trabalho, a obra envolve apenas quatro personagens principais, inspiradas nas mulheres entrevistadas no filme e por pessoas que foram importantes nesse processo de vida delas. São eles: Maria Aparecida Costa Cantal; Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque; Leslie Denise Beloque e Octávio Gonçalves Moreira Júnior.

Octávio foi delegado do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) de São Paulo e era estudante da mesma universidade frequentada pelas mulheres apresentadas neste trabalho, a USP. Ao contrário da atuação delas como estudantes militantes, ele atuou no campo da repressão: Octávio fazia parte da Operação Bandeirante (Oban), local que funcionava como centro de práticas de eliminação das organizações militantes, ou seja, as pessoas contrárias ao regime eram denunciadas e levadas ao Dops, que contava com representantes dos diversos aparelhos policiais civis e militares para atribuir maior eficiência às atividades repressivas⁹⁵. Embora fosse um órgão em função do Estado, não possuía

⁹⁵ ARQUIVO NACIONAL. *O nascimento da Oban, o embrião do DOI-CODI*. Memórias Reveladas, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/destaques/o-nascimento-da-oban-o-embriao-do-doi-codi>. Acesso em: 03 dez 2025.

legalização e era preciso ser sustentado com financiamentos de banqueiros e empresários interessados⁹⁶. Em 1970, a Oban passou a ser um órgão legalizado, fazendo parte da estrutura do Exército Brasileiro, e foi renomeado como DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna), destinado às ações de encarceramento, tortura e assassinato daqueles prisioneiros.

Com isso, a evocação da figura de Octávio (Ozório) na produção literária visou abordar a presença infiltrada dos agentes do governo no cotidiano dos estudantes, para que fosse possível identificar os opositores do regime. Seu desenvolvimento na obra será por meio do seu envolvimento com Maria Aparecida (Ieda), para identificá-la como opositora e denunciá-la ao DOI-CODI. Essa narrativa busca compreender que a suspensão do *habeas corpus* como uma garantia de “proteger o direito de ir e vir das pessoas sempre que esse direito tenha sido ferido ilegalmente ou esteja ameaçado de ser ferido”⁹⁷, foi suspensa no período da Ditadura Civil-Militar. Em 1967, o governo usou da Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 18 de setembro de 1946, para anular o *habeas corpus*, de modo que, foi promulgada a possibilidade de “dar-se-á *habeas-corpus* sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Nas transgressões disciplinares não cabe o *habeas-corpus*”⁹⁸. Octávio (figurado na obra como Ozório) vai aproveitar-se disso para denunciar e levar Maria Aparecida (Ieda) presa por oposição ao regime vigente.

A tabela a seguir relaciona os personagens fictícios elaborados na obra literária e seus correspondentes sujeitos reais.

⁹⁶ ARQUIVO NACIONAL. *O nascimento da Oban, o embrião do DOI-CODI*. Memórias Reveladas, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/destaques/o-nascimento-da-oban-o-embriao-do-doi-codi>. Acesso em: 03 dez 2025.

⁹⁷ MACHADO, Tacla & Tiosso Advogados Associados. Habeas corpus: saiba o que é e quando pode ser impetrado. *JusBrasil*, 28 nov. 2025. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/habeas-corpus-saiba-o-que-e-e-quando-pode-ser-impetrado/1204991865>. Acesso em: 03 dez 2025.

⁹⁸ BRASIL. [Constituição (1946)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 18 de setembro de 1946. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 3 dez. 2025.

Quadro II: Relação de personagens

Personagem	Idade	Inspiração
Ieda	23 anos	Maria Aparecida Costa Cantal
Albertina	22 anos	Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque
Judith	20 anos	Leslie Denise Beloque
Ozório	Idade não conhecida	Octávio Gonçalves Moreira Júnior.

Tabela criada pela autora.

Quanto às apresentações dos personagens, Ieda é estudante do curso de Direito, já se encaminhando para o fim da sua graduação, ingressa na militância, fazendo parte da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Conhece o movimento por meio de sua amiga, Judith, já militante da organização e, diferentemente da inspiração para essa personagem, Maria Aparecida Costa Cantal, ingressou inicialmente no Movimento Estudantil e da Juventude Universitária Católica (JUC) e, com o decreto do Ato Institucional nº5, ela migrou para a ALN⁹⁴. Já Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque é representada na obra por Albertina, ingressante no curso de pedagogia junto com seu namorado, e ambos moravam na moradia estudantil da universidade. Maria Luiza e Gilberto, eram casados, fato que não é uma característica dos dois no livro, embora vivam um relacionamento, isso não é oficializado com um casamento, devido às instabilidades da vida estudantil.

Leslie Denise Beloque, referenciada na obra literária como Judith, estudou Letras na USP e morou com Gilberto, seu irmão, e Maria Luiza Beloque, sua cunhada. Na obra, a relação dela com os parentes é restrita à amizade, por pontuar um símbolo de militante independente e na luta individual dentro da universidade. O livro retrata Judith como a mulher que está à frente das questões políticas, no enfrentamento e nas disposições gerais da ALN. Nesse sentido, a figura da personagem se sustenta como uma resistência feminina que influencia as mulheres ao seu redor a resistirem também, como influência Ieda a participar da Aliança Libertadora Nacional, mesmo após a sua prisão.

Octávio Gonçalves Moreira Júnior é um personagem de grande importância para a construção dessa obra, visto que sua profissão viabilizava a prisão, tortura e morte dos

opositores. A morte de Octávio é realizada por membros da ALN, juntamente com o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário e da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Ozório, como é chamado no *Torre das Sobreviventes: as vozes que nunca ouvimos*, é membro do Dops e responsável pela acusação das estudantes abordadas neste livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu buscar conhecer as lembranças tidas por mulheres na complexidade da ditadura militar, utilizando a literatura como ferramenta de reconstrução para essas memórias. Ao centralizar a trajetória de uma estudante, buscou-se articular os problemas da vida pessoal e os dilemas do seu relacionamento com o cenário repressivo na qual Ieda estava inserida. Ambiciona-se que obra literária resultante desse trabalho alcance o público-alvo para o qual ela foi elaborada, que se não alcançar o tempo-espaço restritivo da sala de aula, chegue, entretanto à biblioteca das escolas, às mãos dos estudantes, professores e familiares em outros espaços e tempos também adequados a se aprender sobre a história do Brasil.. Com isso, espera-se que assim seja feito, com possibilidades futuras de atuação docente, que os alunos possam compreender um pouco melhor da ditadura por meio das vivências de Ieda.

Ao longo do desenvolvimento da obra literária, pretendeu-se entender que a repressão contra as mulheres não foi apenas política, mas marcadamente violência de gênero, sexual, moral e psicológica. Às falas de Dilma Rousseff, a nudez para a mulher tinha um peso muito maior, naquele contexto, do que para os homens, visto que eles as vulnerabilizaram perante muitos deles⁹⁹. A escrita do diário permitiu explorar subjetividades e sensibilidades por meio de uma narrativa cotidiana, expondo medos, incertezas e coragem dos militantes universitários que trabalharam na clandestinidade.

Esse trabalho pretendeu somar-se aos estudos relacionados à ditadura, mulheres e educação, de modo a contribuir para o uso da literatura no ensino de História, que possui a capacidade singular de tornar o passado, se não palatável, compreensível, ou melhor, experienciável para as novas gerações. Escrever uma obra literária como decorrência de uma pesquisa histórica, desafia não apenas os caminhos da pesquisa documental necessários ao intento, mas a experimentação da linguagem necessária para levar a cabo o intento, coloca em questão os próprios limites da escrita histórica usualmente associada à linguagem científica mais dura, a fingir uma objetividade dura que contrasta com a subjetividade da experiência humana.

Por fim, espera-se que a história das mulheres narrada através do diário possa contribuir para manter acesa a memória das mulheres que, com força e coragem, resistiram à

⁹⁹ Torre das Donzelas, Susanna Lira. 13 min 05 seg.

repressão e contribuíram, em muitas frentes, para a construção de uma sociedade mais democrática.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rayssa Cristina Fernandes dos. *A tortura também tem gênero: uma análise sobre a tortura de mulheres na ditadura militar 1969 e 1970*. Universidade de Brasília, 2023.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 45-77.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Sousa. Lisboa: Edições 70. 1997.

ARQUIVO NACIONAL. *O nascimento da Oban, o embrião do DOI-CODI*. Memórias Reveladas, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/destaques/o-nascimento-da-oban-o-embriao-do-doi-codi>. Acesso em: 03 dez 2025.

BARROS. José D'Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 137, 2004.

BEVILACQUA, P. *Sobre a utilidade da História para o futuro de nossas escolas*. Roma: Donzelli, 1997.

BLANCH, Joan Pagès. *As fontes literárias no ensino de História*. OPSIS, Catalão, v. 13, n. 1, 2013.

BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

BRASIL. [Constituição (1946)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 18 de setembro de 1946. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 3 dez. 2025.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2000.

ENTREVISTA com Susanna Lira, diretora do Torre das Donzelas. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J94ntTQfVNM>. Acesso em: 27 nov. 2025.

Estudo de tombamento – Processo 23345/85 (Arco/Portal de pedra do antigo Presídio Tiradentes, SP). São Paulo: CONDEPHAAT, 1985. Acesso em: 24 de nov de 2025. Disponível em:

<https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Ipatrimonio-Processo-23345-85-Antigo-Presidio-Tiradentes.pdf>.

FARIA, Ingrid Gianordoli-Nascimento; TRINDADE, Zeide Araújo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Mulheres brasileiras e militância política durante a ditadura militar: uma dinâmica complexa dos processos identitários. *Revista Interamericana de Psicologia/Revista Interamericana de Psicologia*, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28441311>

FGV — Atlas Histórico do Brasil. *Ação Libertadora Nacional (ALN)*. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5708>. Acesso em: 02 dez de 2025.

_____. *Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)*. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6424>. Acesso em: 02 dez de 2025.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. *Utopia autoritária brasileira: como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje*. São Paulo: Crítica/Planeta, 2025.

FIGUEREDO, César Alessandro Sagrillo, A memória política e o cárcere: uma leitura cinematográfica dos testemunhos a partir do filme: a torre das donzelas. *Letras em Revista*, Teresina, v. 14, n. 02. p. 152-163. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LEITE, Isabel Cristina. *Comandos de Libertação Nacional: oposição armada à ditadura em Minas Gerais (1967-1969)*. 2009. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

LOPES, Bruna Ferreira. Luta e resistência: As universidades e o movimento estudantil durante a década de 1960. *Revista Histórias Públicas*, nº 2, 2023.

MATEUS, Cayo Renan Alves. Memórias de uma prisão: o Presídio Tiradentes entre a tênue linha do lembrar e do esquecer. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 140-153, jul./dez. 2021.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/>. Acesso em: 25 de nov 2025.

NEVES, Deborah Regina Lea *Edifícios da(e) repressão: a construção dos sentidos sociais através da patrimonialização – Maria Antônia, Arco Tiradentes, El Olimpo e Club Atlético*. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NÚCLEO MEMÓRIA. *Sábado Resistente homenageia Dulce Maia de Souza, combatente da Resistência*. São Paulo, [data de publicação desconhecida]. Disponível em: <https://www.nucleomemoria.com.br/sabado-resistente-homenageia-dulce-maia-de-souza-combatente-da-resistencia>. Acesso em: 26 nov. 2025.

OLIVEIRA, Graciane de; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. O papel da memória nas narrativas de vida e ressignificação de sentidos. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 8 n. 3, 2022.

PADRÓS, Enrique Serra. *Usos da memória e do esquecimento na história*. – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

PRAXEDES, Vanda Lúcia; MANSO, Haydenée Gomes Soares. Torre das donzelas: memórias das experiências de liberdade e resistência no cárcere. *Revista Temas em Educação*, Pernambuco, Brasil, v. 29, n.2, p. 325-350, 2020.

QUADRADO. Felipe de Faria. *A vigilância sem farda: a espionagem interna na ditadura civil militar através do DEOPS*. Franca, UNESP, p. 63, 2014.

REDE TVT. Entre Vistas com Rose Nogueira sobre os 55 anos do golpe militar. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFv1Edinyul>. Acesso em: 25 de nov. 2025.

RIBEIRO, Maria Claudia Badan. Mulheres e militância política: a Ação Libertadora Nacional (ALN). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em

http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2014/02/ponencias/mesa_24/ribeiro_mesa_24.pdf. Acesso em: 25 de nov. 2025.

SILAS SANTIAGO. A conexão entre o Militarismo, o Estado Moderno e as Constituições . *Revista Eletrônica da OAB-RJ*, v. 33, n. 1, 2025. Disponível em: <https://revistaeletronicaobrj.emnuvens.com.br/revista/article/view/158>. Acesso em: 24 nov. 2025.

TELES, Janaina de Almeida. *Tempos de dizer, tempos de escutar: as memórias das mulheres que resistiram à Ditadura Militar. Entrevista com Danielle Tega. Revista Histórias Públicas*, ano 1, n. 2, 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 1001-1022. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p1001>. Acesso em: 9 nov. 2025.

Torre das Donzelas: documentário traz relatos de mulheres presas pelo regime militar. YouTube, 01 de out 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YfXl8z-QIk>. Acesso em: 28 de nov 2025.

Torre das Donzelas. “Vozes da Memória – Dulce Maia”. Disponível em: <https://www.torredasdonzelas.com.br/vozes-da-memoria-videos/dulce-maia/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

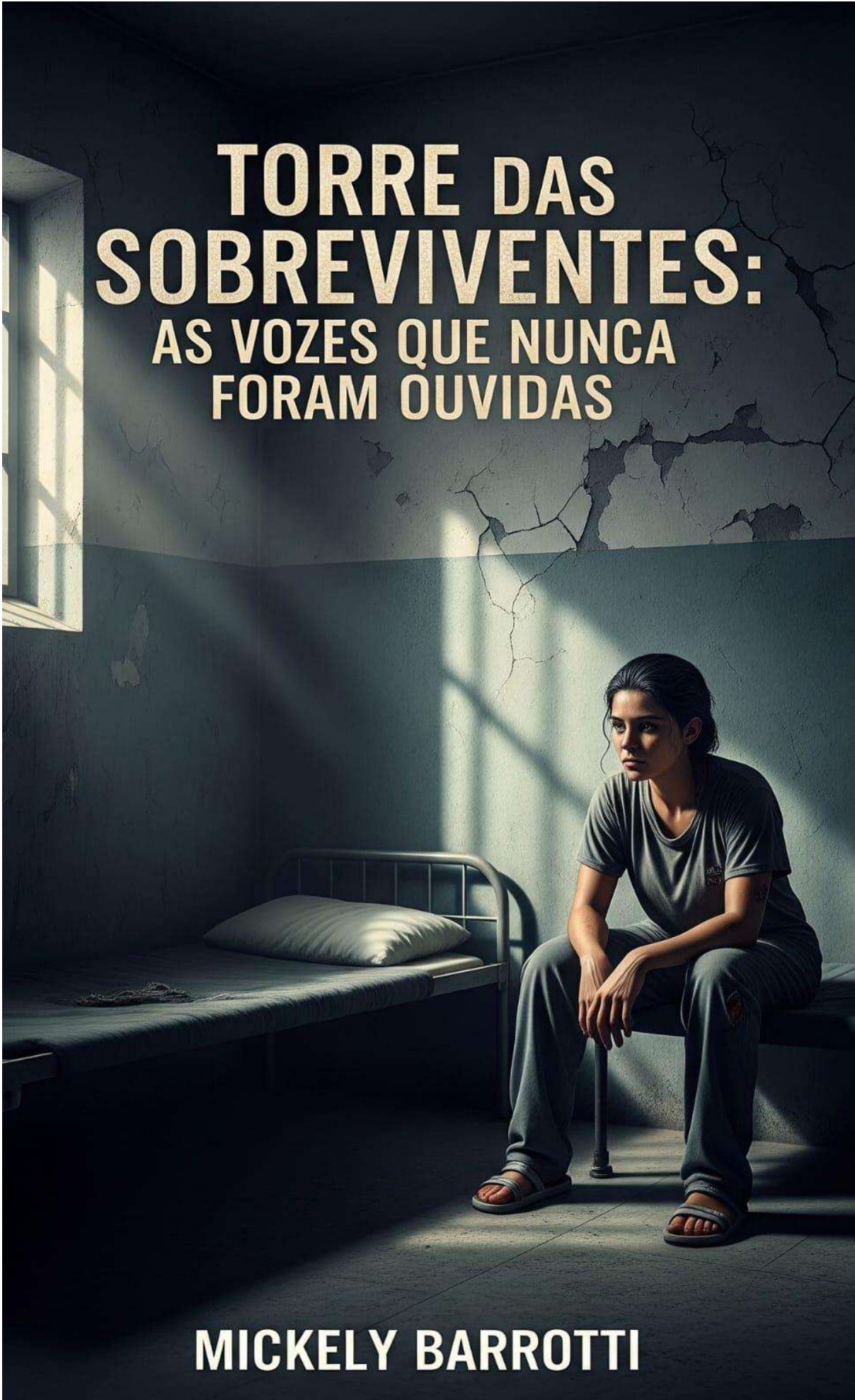
TV BRASIL. Conheça o documentário Torre das Donzelas, vencedor do Festival do Rio, no Sem Censura. YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wRHWI_4VHyI.

VALDEZ, Diane. VICENTE, Keides Batista. Assim por solidariedade: memórias de mulheres sobre a ditadura civil-militar (1964-1985). *Inter-Ação*, v. 49, 2024.

VON SIMON, Olga. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Margens*, Belém, v. 1, n. 1, p. 11-16, maio 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v1i1.2831>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2831>. Acesso em: 22 mar. 2026.

ZACCHI, LARA LUCENA. *Memórias no cárcere na torre das donzelas: gênero e emoções em relatos de mulheres sobre a ditadura civil-militar brasileira*. Mestrado em História. Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2021.

ANEXO: Obra literária - Torre das Sobreviventes: as vozes que nunca foram ouvidas

A woman with dark hair, wearing a grey t-shirt and blue jeans, sits on a metal bench in a prison cell. She is looking out a window on the left, where bright sunlight streams in, casting long shadows on the cracked and peeling walls. To her left is a simple metal bed frame with a white pillow. The overall atmosphere is somber and contemplative.

TORRE DAS SOBREVIVENTES: AS VOZES QUE NUNCA FORAM OUVIDAS

MICKELY BARROTTI

MICKELY GOMES BARROTTI

**Torre das Sobreviventes:
as vozes que nunca foram ouvidas**

1º edição

2025

Apresentação da obra

Caro leitor,

Enquanto estudante de licenciatura em História na Universidade Federal de Uberlândia, tive uma experiência instigante. Durante uma viagem a São Paulo, minha capital de origem, quase por acaso, andando pelas ruas, encontrei um amontoado de papéis velhos e amassados, descartados numa caixa de papelão. Embora muitos pudessem olhar aquilo e considerá-lo como lixo, algo chamou atenção aos meus olhos de historiadora, treinada para encontrar pistas sobre o passado: a caligrafia bonita, familiarmente feita com uma caneta esferográfica preta e referências à movimentada década de 1960. Atraída pela leitura, reuni aqueles papéis tentando organizá-los nas minhas mãos e dei uma olhada rápida no meio da rua, mesmo. No movimento acelerado da capital, não tive muito tempo para ver do que se tratava, mas as datas despertaram meu interesse. Pareciam fazer parte de um diário e minha intuição indicava que poderia ser um daqueles raros momentos em que o historiador encontra realmente uma boa história a ser contada

Vendo a aproximação do caminhão de lixo, que em breve iria levar aquele potencial tesouro para descarte, guardei-os na minha bolsa e voltei para casa, esperando a oportunidade de entender do que se tratava. Devido à temporalidade distante o suficiente para não conservar tão bem a tinta da caneta, esperei até voltar para Minas Gerais, onde cursava a faculdade. Lá, resolvi decifrar o enigma e recompor o caderno. Em minha Universidade temos o Centro de Documentação e Pesquisa em História, um local onde tive a oportunidade de fazer um curso de restauração de documentos. Levei as folhas que havia encontrado para fazer o processo de restauração e ver o que poderia ter de interessante naqueles escritos. Lendo as páginas, confirmei que realmente se tratava de um diário escrito por uma estudante durante os anos de chumbo da Ditadura Civil-Militar brasileira. Resolvi transcrevê-lo e editá-lo em formato de livro adicionando notas explicativas e algumas imagens (fontes documentais da época), que podem ajudar o leitor a contextualizar os acontecimentos sociais e políticos citados e vividos por uma narradora até então esquecida.

Tais inserções, fruto de pesquisa documental própria, são feitas para que fiquem mais vívidas ao leitor as sensibilidades e emoções daqueles sujeitos que viveram em 1968, enquanto enfrentavam as repressões da ditadura militar. Embora o diário contenha nomes, não sabemos se são de fato nomes verdadeiros, uma vez que era comum o uso de codinomes

por aqueles que precisavam despistar as forças de repressão no período. Espero que esse diário possa despertar em você a mesma empatia e emotividade que causou em mim, ao lê-lo. Não sabemos se, de fato, tudo que está narrado, aconteceu como descrito, mas nossos conhecimentos da história do Brasil indicam que poderiam ter acontecido. Boa leitura!

São Paulo, 1968.

terça-feira, 17 de dezembro

Era noite. Judith¹⁰⁰ tinha um relógio Seiko¹⁰¹ no pulso que marcava quase dez da noite e já era para estarmos em casa. O caminho não era longo visto a escuridão e as iluminações que nos mostravam o caminho, o medo de não chegar antes da hora estipulada ou o nervosismo em ser parada antes mesmo de abrirmos a porta de casa, fazia com que parecesse uma eternidade até chegar.

Costumávamos demorar em torno de vinte minutos para chegar ao CRUSP, nossa moradia da USP. Foi numa dessas caminhadas que conheci minha melhor amiga e colega de faculdade, Judith, que me integrou nos primeiros dias e conhecemos juntas o espaço da faculdade. Foi ela quem me apresentou à moradia, à faculdade e aos seus colegas. Quando cheguei, todos pareciam estar bem engajados nas coisas relacionadas à USP e ao meio político.

Hoje, terça-feira, Judith me apresentou à ALN, nós conversávamos a caminho de casa sobre as ações de assalto à banco que estavam acontecendo para que pudesse ser obtido fundos e o início das ações armadas. “É uma organização pra lutar em favor dos nossos direitos”, ela me falava. “Aproveita pra vir debater as manifestações com a gente, Ieda¹⁰²”.

Foi de tanto me contar a respeito desse movimento que comecei a cogitar a ideia de ir com ela nessa luta. Aquela vida cinzenta que a gente vivia parecia fazer mais sentido conforme ela ia me falando e me interessei por tudo que me dizia.

Uma quadra antes de chegarmos ao CRUSP, nos deparamos com algumas pessoas gritando desesperadas. Olhei para Judith que me devolveu o olhar de surpresa e apreensão. Isso nos parecia estranho: tarde da noite, os estudantes da universidade fazendo barulho em frente à moradia. A essa altura a milícia já deveria ter sido acionada. E era por causa dela que nossos colegas estavam ali.

¹⁰⁰ Judith é uma personagem do diário que parece ser inspirada em Leslie Denise Beloque, nascida no ano de 1948. Ingressou no curso de Letras na USP aos dezenove anos. Entre o ano em que foi pela pelas forças militares, 1968, durante a invasão ao CRUSP, Leslie teve que viver na clandestinidade até ser levada à prisão em 1970. Teve passagem pelo DOI-Codi e posteriormente, levada à Torre das Donzelas, o qual conheceu suas companheiras de cela. [Todas as notas explicativas são da editora, salvo indicação em contrário].

¹⁰¹ Relógio Seiko Weekdater, fabricado em 1967.

¹⁰² Ieda nos parece ser uma personagem inspirada em Maria Aparecida Costa Cantal, nascida em 1945, cursou a faculdade de Direito na USP, assumindo o posto nas organizações de guerrilha. Suas atividades políticas de militância, levaram a ser radar dos policiais, e, consequentemente, dos olheiros da sociedade. Maria Aparecida viveu na clandestinidade até ser denunciada por um colega de curso, Otávio Gonçalves Moreira Júnior, que resultou na sua passagem pelo DOI-Codi e à Torre das Donzelas em 1973.

“Acha que devemos ir até mais perto para ver o que está acontecendo?”

Eu perguntei para Judith com a intenção de ter alguma orientação sobre o que poderíamos fazer. A mão dela estava gelada, pude sentir quando me aproximei em busca de refúgio.

Era fim de ano e poucas pessoas tinham ficado ali até a metade do mês de dezembro, mas a quantidade de pessoas que estavam na rua naquele horário, parecia bem maior do que a de residentes da nossa moradia. Talvez porque as outras pessoas estavam com uniformes da polícia. Talvez porque eles não fossem moradores do CRUSP.

Chegamos até mais perto da entrada, havia grande quantidade de pessoas que fomos reconhecendo conforme nos aproximávamos. Havia muita força militar. Eles tinham feito uma barreira para que ninguém entrasse ou saísse. Nessas horas eu me pergunto se compensa assumir uma posição política explícita na situação em que o nosso país se encontra. Repensei diversas vezes desde que entrei na faculdade, se compensa o risco de enfrentar um governo autoritário de alguma forma, desde que tudo começou, mas minha família não se posiciona de forma alguma, e às vezes é melhor mesmo, como meu pai sempre me disse. Sem a dificuldade e o medo de ser pega, somente ir para as aulas e voltar para casa, como grande parte dos estudantes fazem.

“Você se contenta com o jeito que a democracia foi colocada de lado?” Judith me perguntou hoje antes de encontrarmos a polícia, tentando me convencer. “As pessoas são acomodadas em só fazer as tarefas do dia a dia, Ieda, e foi isso que levou esses estúpidos ao poder, doidos para tomar conta da nossa vida”.

Eles eram muitos, cercavam todo o prédio, armados e com os escudos antitumulto acompanhados de cassetetes prontos para serem utilizados. Sabíamos bem sua função. Ela me falou que não seria uma boa ideia nos aproximarmos, até porque éramos um deles. Hoje eu me tornei um deles.

Judith estava com medo de se aproximar. Eu também, mas pensava em como seria bom resolver essa situação e poder deitar na cama para descansar logo. Parecia que eu não conseguiria resolver, até porque se ninguém ali tivesse conseguido resolver antes, não seria eu que conseguiria. Andamos alguns passos em direção à barreira criada pela milícia, ficava cada vez mais amedrontadora com toda aquela postura conforme chegava mais perto. Por um segundo meu coração acelerou de tal forma que seria possível sentir as batidas saltando à minha boca, se não fosse pelo barulho de toda aquela confusão.

A polícia estava gritando e proferindo palavras contra os estudantes envolvidos com as ações da ALN e qualquer um que estivesse disposto a agir contra eles. Tentei focar em

estratégias para nos desviarmos dali e nos abrigarmos em outro lugar, até aquela confusão passar. Hoje foi a primeira vez que eu vi um tanque de guerra de perto e eles estavam colocados de forma estratégica. Aos fundos da moradia, nas laterais e um pouco mais para frente, caso alguém estivesse tentando sair correndo seria fácil de capturá-lo.

“O que você acha que está acontecendo lá dentro?” Perguntei à Judith. “Não consigo escutar nada, nem um barulho sequer. Você sabe se a Tina¹⁰³ está lá?. É estranho ficar perguntando coisas que parecem ser bobas para ela, mas eu sinto que sou uma menininha indefesa, que não entende muita coisa do que está acontecendo no meu próprio país, nas nossas vidas. E para falar a verdade, não entendo mesmo. Judith é muito mais entendida nos assuntos políticos do que eu poderia ser agora.

Tina era nossa amiga mais próxima dentro da moradia, ficávamos em roda conversando depois do almoço às quintas, junto com seu namorado, Gilberto, e não me lembrava de tê-los visto saírem antes de irmos para a aula. “Acredito que sim, eles não foram para a aula para poder estudar para as provas da semana que vem”.

Nos entreolhamos pensando a mesma coisa: ela era muito participativa em todos os movimentos contra o governo militar, e se colocava contra às ações e ideologias conservadoras e de direita que o governo pregava, de modo bem explícito nos corredores da faculdade. Tina e Gilberto iriam se casar na última semana deste mês de dezembro. Sabíamos que eles faziam parte do PCB¹⁰⁴, Pelo histórico afrontoso à política, Tina e Gilberto seriam alvos da polícia, e o meu maior medo naquele momento era ver meus amigos serem levados seja lá para onde.

“Eu deveria agradecer por ter ido à aula hoje, Ieda, eles devem saber quem está resistindo ao regime, e bom, digamos que os cartazes espalhados pela universidade deram um trabalhão para serem expostos”. Judith tirou a mochila das costas com o braço esquerdo e colocou-a no chão. Ela se sentou no meio fio e colocou a cabeça entre os joelhos, pensativa. “É fácil para a polícia me acusar de comunista” disse debochando do modo como proferiu a palavra “comunista”, como se tirasse sarro da situação.

Eu não achava graça, libertação talvez, mas de algum modo, seríamos pegas ali, por atividades subversivas, como diriam.

Foi nesse momento que começamos a ouvir barulhos, gritos, tiros, choros, todos vindos da porta de entrada da moradia. Aos poucos, vimos os soldados da polícia levarem alguns dos meninos que conhecíamos pelos corredores da moradia. Corri os olhos procurando

¹⁰³ A personagem nos lembra a trajetória de Maria Luiza Locatelli Garcia Beloque

¹⁰⁴ Partido Comunista Brasileiro

por Tina, desesperada em busca da minha amiga. Mas, graças a Deus, ou não, eu não a encontrei.

Figura 1: Notícia de Jornal publicada em “O São Paulo (SP)” em 1969



Fonte: Hemeroteca Digital. *O São Paulo (SP)*, 1969, p.2.

São Paulo, 1968.
sábado, 21 de dezembro.

É estranho pensar em como tudo pode mudar, como alguém pode não estar mais ao seu lado, assim de um dia para outro. Tina não foi presa na terça-feira, o dia em que o CRUSP foi invadido pela polícia, mas Gilberto foi, junto com Judith. Eu repeti aquela cena na minha cabeça diversas vezes, e em todas elas, pensava que eu devia registrar o terror que estávamos vivendo, mas minhas lágrimas não deixaram. Ela ficou sem condições para fugir, sem forças para lutar contra, uma luta que sempre acreditou valer a pena.

No dia em que Jud foi presa, lembro que nós duas ainda estávamos sentadas no meio fio, pensando em alguma coisa para fazer que ajudasse. “Eu acho que consigo entrar lá para procurar pela Tina, se você me der cobertura”. Ela falou se levantando de supetão, como se fosse a melhor ideia que já tivesse tido. Eu falei que não seria uma boa ideia, eles estavam em muitos policiais, e eu não conseguiria dar cobertura. Nunca precisei fazer isso antes. Mas ela foi com calma, sem causar muito alarde, pela lateral esquerda do prédio, porque os policiais estavam entretidos com um homem, não sei explicar muito bem porque estava de longe, e também porque minha maior preocupação ali era acompanhar Judith com os olhos.

E me arrependi de ter feito isso. Porque acompanhá-la com os olhos resultou em vê-la sendo presa. Ela estava de cabeça baixa, tentando passar pela polícia sem ser percebida, mas aparentemente essa não é uma missão fácil. Claro, foi uma estupidez de que estava desesperada. Um policial percebeu sua presença chegando cada vez mais perto, e foi até ela, segurando seu armamento. Eles conversavam alguma coisa que não dava para ouvir, mas enxerguei Judith levando seu corpo um pouco à frente e foi o suficiente para desagradar o policial. Mesmo se eu quisesse fazer alguma coisa para impedir de levarem-na, os homens já estavam chegando perto para apoiar o policial. Ela começou a gritar e isso me fez chorar desesperadamente. Agarraram o seu braço com força e isso fez com que a pulseira dela se arrebetasse, e caísse no chão. Gritei mais uma vez, em vão. Não tinha muito o que se fazer.

Eles revistaram-na, sem pedir permissão, sei disso porque ela se contorcia toda vez que eles apalpavam um lugar diferente de seu corpo. Aquilo me doeu, me deixou com raiva, e eu jamais queria que isso voltasse a se repetir. Arrastaram-na bem na minha

frente, até o carro da polícia. Judith me olhou desesperada, mas sem dizer palavra para não me comprometer, mas eu não soube o que fazer, se eu poderia sair correndo sem que tivesse o mesmo destino que ela.

Ao vê-la entrando no camburão, junto com os outros meninos arrancados do CRUSP pelos militares. Corri para o lugar em que a pulseira dela teria caído. Peguei e guardei na minha mochila, para que ao menos alguma coisa dela ainda ficasse comigo.

O que aconteceu depois, não sei. Apaguei da mente. Nem sei como consegui subir para o meu quarto. Todo o meu corpo doía de um jeito que eu nunca tinha sentido, e era estranho vivenciar aquilo. Como se tudo o que Judith havia me contado sobre o movimento repressivo do governo, fosse concretizado bem na minha frente, inscrita na minha alma. E realmente foi.

Agora, quatro dias depois, os alunos e os professores da faculdade ainda falavam sobre o ocorrido na moradia, os boatos que surgiram eram de que seria apenas uma prisão preventiva, para fazer com que Judith parasse de incentivar opiniões contrárias ao regime. Eu não acreditava nisso. Ela foi sequestrada. Minha amiga me contou que a polícia não era nada agradável e cordial resolvendo conflitos, e conhecendo bem ela como conheço, um pouco de cabeça quente, eles não estariam tentando prevenir nada.

Fui obrigada a voltar para aula ontem e tive que ouvir alguns dos meus professores dizendo que “quem não deve, não teme”. Nossa casa ia ficar vazia em nome do regime do Estado. Comecei a entender o que minha amiga tanto falava sobre garantias fundamentais, sobre as injustiças e atos que iam contra os direitos da população civil, cometidos em nome da nação, da família e da moral burguesa. Entendi pelo que ela lutava e foi assim que entrei definitivamente para o movimento da ALN. Pela minha amiga e pelos meus companheiros de casa.

Não demorou muito para que a notícia da invasão da faculdade se espalhasse pela universidade. A USP estava quase vazia, o medo e a censura de manifestações e expressões políticas invadiram o campus. Os panfletos divulgando o acontecido estavam por todas as paredes dos blocos em que tínhamos aula. Judith tinha sido presa por incitar o povo a ir contra o governo, por meio de manifestos, cartazes, por promover missões de mobilização, segurança e muitos outros trabalhos. Na minha opinião, ela estava tentando falar para os estudantes justamente o que aconteceria com eles se o regime militar continuasse: seriam presos por qualquer motivo, por qualquer motivo, sem motivos. De pedir por aulas de verdade, de exigir direitos, de poder andar nas ruas.

Esse ano, marcou um momento fundamental para meu entendimento político e social. 1968, e aparentemente alguns anos ainda à frente, não iríamos poder agir com liberdade e com autonomia política, sem sermos acusados de subversão e levados presa. Era preciso lutar, fazer alguma coisa. O olhar apático dos nossos colegas de turma mostrava a despreocupação com as condições em que minha amiga poderia se encontrar. Como se aquilo não fosse problema deles. Exceto os que eu reconheci do movimento estudantil, amigos de Judith e militantes, esses vieram falar comigo e prometeram que iriam impedir que acontecesse com outra pessoa, enquanto tentam fazer alguma coisa para trazer Judith de volta.

Era cômico dizer isso, porque não fazíamos ideia de onde ela estava, com quem estava e como estava, seria impossível trazê-la de volta. Uma das companheiras do movimento me encontrou hoje na saída do refeitório e me sugeriu que ficasse atenta às manifestações. “A melhor maneira de ajudar Judith é lutando pela liberdade dela, Ieda, e podemos fazer isso nas manifestações”. Eu concordei com a cabeça, mas o estômago revirava de medo por me expor aos perigos, mais ainda, com muita raiva por tudo que está acontecendo.

Me sentei em uma das escadas do bloco G enquanto esperava para ir para a próxima aula quando vi um dos meus colegas de curso vir em minha direção. Ozório era um rapaz que me interessava durante as aulas, sempre muito presente nos debates e se mostrava muito inteligente. Não vou negar que, se minha amiga não tivesse acabado de ser presa, hoje eu dedicaria um tempinho para conhecê-lo melhor.

Ele foi se aproximando e parou um pouco distante de mim. Embora estivesse olhando para o chão abaixo das minhas pernas, ouvi-o dizer: “Pensei que não te encontraria por aqui hoje”.

Levantei minha cabeça que estava entre os joelhos e dirigi meu olhar ao homem alto que estava na minha frente. Ele estava diferente do que eu estava acostumada a ver nas aulas, embora de longe parecesse muito bonito, de perto era ainda mais.

Levei meu corpo um pouco mais para perto da parede, sugerindo que ele se sentasse ao meu lado, antes que eu pudesse responder qualquer coisa que ele falasse. Ozório sentou-se do meu lado e, em silêncio, mostrou um pouco de compaixão pelo acontecido com minha amiga. “Não posso ficar trancada em casa o tempo todo”, eu disse olhando para frente do corredor e sentindo falta daquele lugar bem movimentado.

Apesar de hoje ser sábado, a faculdade dificilmente ficava vazia, os alunos aproveitavam o espaço para estudar, então não mudava muito em comparação aos dias de

semana. “Mas pensei que ficaria com medo pelo que aconteceu, talvez iria preferir ficar mais reservada”. Ele disse.

Ozório carregava alguns livros, alguns dos quais teríamos que ler para as próximas aulas e que eu não tinha pego ainda, com a confusão dos últimos dias. Na verdade nem tinha mais vontade de frequentar as aulas e agir normalmente, como se minha amiga não tivesse sido levada pela polícia. “Eu não tenho medo e nem acredito que tenho que ficar reservada”, disse olhando para o rosto dele. Vi que seu rosto não possuía uma pele uniforme. Ainda assim, não deixava de ser atraente.

Insisti: “Eu acredito que o que aconteceu foi uma injustiça e que teríamos que fazer alguma coisa para trazê-los de volta”. Ozório não expressou reação alguma, não discordou, tampouco concordou comigo. Ficou em silêncio enquanto eu tentava entender sua omissão.

Talvez fosse o tipo de homem que acreditasse que Judith tinha que ser presa, que ela estava errada em incitar o caos político com as manifestações e com os panfletos pela universidade. E se fosse assim, eu discordaria grandemente de suas opiniões. E também estaria decepcionada que um homem tão jovem tivesse um pensamento como esse.

“Você acredita que ela deveria ter sido presa, assim?” perguntei olhando em seus olhos e procurando algum elemento negativo à minha pergunta. “Acredito que as pessoas têm o que elas precisam ter”, respondeu sem esboçar sentimento.

Depois da nossa breve conversa sentados na escada, Ozório e eu fomos passear pela área de convivência da faculdade, tomar alguma coisa, como propôs ele. Pedi um café na lanchonete enquanto ele pediu um suco e ficamos sentados em uma das várias mesas de metal que estavam vazias àquela hora.

Nas três horas seguintes que ficamos ali, ele tentou me distrair, com sucesso. Acabei me esquecendo do que acontecia do lado de fora. Conversamos sobre como estavam nossas matérias e um pouco sobre como nós nos enxergávamos fora da faculdade. Percebi que Ozório era um rapaz muito reservado, sem comentar muito das suas atividades pessoais, círculo de amigos, envolvimento e interesses, ao passo que diante de seu sorriso cativante facilmente eu me abria para falar da minha vida, meus gostos e preferências sobre livros, filmes e músicas. Não soube de onde ele era, nem de qual família ele tinha vindo, mas em contrapartida, havia me ensinado suas técnicas para decorar artigos e leis para as provas. Parecia muito focado no curso de Direito e isso me cativava. Com ele, ria boa parte do tempo, esquecendo-me de algumas coisas que me preocupavam: e sobre como eu ajudaria a minha amiga. Foi um momento gostoso, ter

conhecido alguém no meio tempo em que perdi Judith. Ozório era uma pessoa da qual iria ser interessante me aproximar e, se me permitisse, saber mais sobre quem era. Depois do café, ele me acompanhou até a entrada do CRUSP, parou diante do prédio e ficou observando, parecia fascinado por aquele lugar, tentando reconstituir o que diziam ter acontecido no dia anterior: a invasão, a imposição de autoridade e a prisão dos meus amigos. Olhei para o prédio como ele e me perguntei se algum dia os veria de novo.

São Paulo, 1968.

terça-feira, 24 de dezembro.

Véspera de Natal. Ozório e eu estamos cada vez mais próximos. Parece que ele está encarando bem seu papel como substituto de Judith, embora não conversemos das mesmas coisas e muito menos tenhamos a mesma aproximação. Era diferente. Ontem à noite, uma segunda-feira, nos beijamos pela primeira vez, depois da última aula. Tínhamos conversado muito durante a explicação do professor e eu nem estava me importando com o conteúdo. Sua voz era tão fascinante e tudo que ele falava despertava em mim mais e mais interesse. Não foi pensado, mas também não foi por impulso, nós dois queríamos que aquele beijo acontecesse, e foi assim que hoje ele almoçou comigo. Um pão com frango e salada, sentados no corredor em frente ao meu quarto. Nada digno de um casal prestes a começar uma relação, mas foi o que nossas condições nos possibilitaram naquele momento.

Percebi que ele ficava olhando para o corredor, olhando os panfletos pendurados nas paredes da moradia, atento. “Você não pensa em fazer parte de algum movimento?”, perguntei acompanhando o que ele estava olhando. Lembro quando Judith colou aqueles papéis na parede, ele tinha um título grande “TRABALHADOR, ARMA-SE E LIBERTE-SE”, que convidava a população a ir à luta armada. Ozório ainda não tinha respondido a minha pergunta. Ansiosa, eu mesma respondi-a. “Não acho que me encaixo nesse tipo de movimento. E você?”. E ele também não respondeu.

Depois do beijo de ontem, Ozório me beijou diversas vezes enquanto estávamos andando, conversando, vindo ao CRUSP e depois quando as aulas acabavam, mas ainda não tinha me falado quem eram seus amigos, com quem morava, com quem compartilhava suas dificuldades nos trabalhos da faculdade. Eu mal o conhecia e já gostava tanto dele. E ele me disse: “Eu gosto de ouvir você falar sobre sua vida. É como se eu assistisse os créditos de um filme muito bom e quisesse ver até os minutos zerarem”.

Ele me convencia de que gostava mais de ouvir do que de falar de si. Foi assim com a Tina quando nos conhecemos, eu parecia até egoísta quando conversava. Mas sentia que não havia abertura suficiente para criar uma relação com Ozório, às vezes ele parecia um investigador, perguntando sobre a faculdade, a ALN e sobre a minha vida, era esquisito também o jeito com que sempre parecia memorizar tudo o que eu falava, mas ao mesmo tempo achava atraente o modo em que prestava atenção em mim e se como

interessava por tudo o que eu comentava.

Embora fosse véspera de Natal, o CRUSP não estava todo decorado como costumávamos fazer, sem árvore, sem pisca pisca e sem a emoção do feriado. Eu pensava em como Tina estaria agora, porque depois de terem levado o Gilberto, ela foi passar uns dias na casa dos pais, abandonando as provas, aulas e trabalhos, para conseguir processar o que aconteceu. Eu queria fazer o mesmo. Apesar dos meus pais morarem no mesmo Estado, facilitando minha locomoção para a casa deles, eu ainda teria aulas durante a semana. Eram aulas de verão ligadas a um projeto de extensão que proporciona algumas aulas extra curriculares no verão. Se chama A.P.T.O. – Apoio Pedagógico em Tempo Otimizado, e a ideia era oferecer um grupo de estudos para os alunos aprenderem melhor durante o semestre. Na verdade, nem sabemos se teremos um semestre normal no próximo ano, já que as coisas estão piorando politicamente a cada dia.

Há uns meses, tivemos noção do que poderia estar por vir e como a ditadura poderia interferir na nossa vida enquanto estudantes, quando alguns dos meus colegas interditaram as Arcadas¹⁰⁵ durante alguns dias, na verdade acho que deu quase um mês. Judith falou que era uma forma de protestar contra os militares, embora uma intervenção policial em nosso mundo me parecesse inverossímil. E isso me faz pensar, em como tudo está funcionando normal, uma sensação de normalidade aterradora, mesmo que os nossos professores tenham mudado o planejamento de aula e alguns deles deixassem de vir para as aulas por não se sentirem protegidos. Ainda assim temos aula, as pessoas vão trabalhar e as coisas são levadas como se nada tivesse acontecido.. Acho que devíamos parar tudo e lutar contra a arbitrariedade que levou Judith.

Depois do almoço com Ozório, fui para o meu quarto para poder estudar, não alguma matéria que eu precise para as aulas, mas sim estudar sobre a ALN e entender mais o que eu poderia fazer. Jud era a minha única amiga no CRUSP que me ajudava com isso, Albertina ainda está na casa dos pais e, bom, eu nem sei onde o Gilberto está agora. Para conseguir ter mais o que estudar, fui para o quarto dela, que fica a uns poucos quartos de distância do meu e me dei conta de que não tinha ido até lá ainda, depois que ela foi levada. As coisas estavam todas mexidas, como se ela tivesse estado aqui ainda há pouco: o batom aberto em cima da cama, os cadernos que ela não iria levar para a aula estavam jogados perto do travesseiro. Sentei ao lado dos materiais, sentindo a sua presença e caí no choro.

¹⁰⁵ <https://arcadas.org.br/sede/>.

Chorei sem perceber que a porta estava aberta e que do corredor, alguém poderia ver aquela cena ridícula que eu estava protagonizando, chorando enterrando a cabeça nas duas mãos enquanto me enrolava na cama de Judith. Uma dessas pessoas foi Ozório, que por um acaso passou ali e me viu chorando. Sem que eu percebesse, ele entrou no quarto e se aproximou de mim, envolvendo seus braços no meu corpo e me apertando contra si. Assustei-me.

“Você não merece chorar sozinha”, disse ele enquanto encaixava a cabeça no meu pescoço. “Antes que pergunte, me viram entrando com você aqui, por isso me deixaram entrar hoje”. Ozório, apesar de ser charmoso e sempre presente, não era muito de expressar carinho e preocupação, mas hoje seu abraço me pareceu demonstrar uma preocupação genuína.

Enxuguei minhas lágrimas, respirei fundo e me desvencilhei de seus braços para vê-lo melhor, estava com a mesma roupa da hora do almoço, mas parecia que tinha dormido, pela cara de sono. Pensei se explicava a cena ou se mudava de assunto. “Quer estudar um pouco comigo?” perguntei, despistando, indo em direção à mesinha de estudos da Jud, onde ela guardava suas anotações sobre o movimento. “Ela tem muita coisa aqui que pode nos ajudar a entender um pouco...”.

“É isso que você vai estudar?” Ozório me perguntou com uma cara de desdém, como se não se importasse em conhecer aquilo que eu estava propondo. “Pensei que você iria estudar alguma coisa séria de verdade”.

Olhei para ele pensando que estivesse brincando, por considerar que só as coisas da faculdade eram coisas para serem estudadas. Esperei alguns segundos dando a ele a chance de começar a rir, mas não aconteceu. “Você ta falando sério? Isso aqui é coisa séria de verdade”. Justifiquei.

“Eu não acho que você precise estudar alguma coisa envolvendo...” Ele pegou os papéis que eu tinha trazido da mesinha da Jud, os cartazes e panfletos que ainda faltavam ela colar nas paredes. “Precisamos persistir na resistência”, ele soltou uma risadinha desdenhosa e olhou para mim. “É isso que você acha que vai estudar?”

“Não, Ozório, é isso que eu vou estudar”. Disse aumentando um pouco o tom da minha voz. Eu não percebi o quanto ele fazia pouco quando eu comentava sobre a ALN, ou desconversava para me levar a algum lugar.

São Paulo, 1969.

quinta-feira, 02 de janeiro.

Fiquei alguns dias sem conseguir escrever. Tudo o que eu queria e estava precisando, mas o ano de 1968 finalmente acabou. Não é como se tudo fosse ficar para trás, infelizmente, até porque minha amiga ainda está presa e saber que ela passou a virada de ano em algum lugar longe da família e dos amigos, me dói a alma. Eu queria poder colocar os últimos acontecimentos dentro de uma caixa de papelão e jogar tudo no esquecimento. *Não podemos deixar que eles passem impune.* Lembro de Jud me falar, *nós precisamos mostrar para todos o que eles estão fazendo.* O povo precisa acordar. Isso seria o contrário de deixar no esquecimento. Por mais que doa em mim, e nos que sofrem com os crimes do Estado, estes precisam ser mostrados ao povo. Depois que Judith foi presa comecei a querer me envolver mais no movimento político para lutar pela minha amiga, em busca de justiça.

O Natal perdeu o sentido para mim, assim como muitas coisas que eu pensava serem importantes, e não eram. Entendo o sentido religioso, o nascimento de Jesus, que certamente expulsaria do templo os milicos fariseus de hoje, mas não me parece certo concentrar nossos esforços em ações natalinas ou coisas do tipo no momento em que estamos vivendo. Enquanto Judith está nas mãos deles, a televisão entretém o povo com notícias amenas de natal, gastando seu tempo com notícias do natal no espaço. Até minha mãe chegou a comentar comigo que parecia que alguns astronautas tinham planejado uma ceia fora do planeta Terra.

“Você já imaginou isso, Ieda, quando eu era criança isso era uma coisa impossível de se acontecer”, ela me disse em frente à televisão. “Você sabe o que é esse tal de Apolo 8?”. Eu não estava muito concentrada na pergunta dela, para ser bem sincera, eu só conseguia pensar em como a televisão não estava preocupada em retratar a invasão que teve na universidade, mas sem dúvidas estava determinada em divulgar uma refeição fora do planeta.

Agora eu estou sentada na poltrona em que meu pai costuma ler os jornais pela manhã, religiosamente às oito e meia, com uma xícara de café, ao lado de sua cama, pensando se vou com a minha mãe para o mercado, daqui a pouco, ou se vou fazer a revolução. São dois planos bem distintos, eu sei. Mas enquanto ela tenta arrumar o cabelo, que para ser sincera, sempre deixa bagunçado, eu preciso atualizar tudo o que aconteceu.

No dia em que Ozório foi ao CRUSP, percebi que não deveria confiar nele de olhos fechados. Não digo que não seja uma boa pessoa, mas talvez não seja tão solidário quanto gostaria. Ozório me viu sofrer pela falta da minha amiga e pelo medo de, em algum momento, acontecer alguma coisa comigo também, mas sua falta de preocupação me deixou irritada. Não estava nos meus planos passar esse final de ano na casa dos meus pais, estar no meu espaço me ajuda a estudar, pensar e concentrar meus pensamentos em ações para ajudar Judith. E na casa dos meus pais, bem, estão como grande parte dos brasileiros, sem consciência política sobre o que está acontecendo. Enfim, comemoramos a ceia espacial.

Meus pais estavam morando em Itapevi, uma cidade no interior de São Paulo, que tem pouco mais de dez mil habitantes, não tem muitas coisas a se fazer ali, mas é conhecida como Cidade Esperança.

Coisa que estava difícil ter nos últimos dias. Na verdade, sofro porque me sinto exilada, refugiada na casa dos pais por esses dias, com receio de ser a próxima a ser levada.. Não que eu esteja manifestando isso, apesar de acreditar no poder das palavras, mas é a lógica do atual regime: estou lutando contra o regime, cada dia mais, e eles caçam os opositores. *Eu sou uma opositora agora*. Então precisava ver meus pais enquanto ainda tenho controle sobre minhas ações. Ainda na moradia, recolhi um dos bilhetes colados na porta de entrada que anunciava caronas. No dia seguinte, eu estava vindo para a casa dos meus pais, com um estudante de Pedagogia que dirigia mal um Renault Gordini azul claro, teimoso.

Quando eu cheguei na casa dos meus pais, sobrevivendo aos solavancos de um motorista ruim, desabei no colo da minha mãe sem ao menos dar à ela uma explicação prévia dos meus motivos. Chorei por alguns minutos seguidos, soluçando enquanto ela passava as mãos macias no meu cabelo. Ela costuma ter a mão bem quente, agradável ao toque, mas que também fervia quando eu apanhava. Papai também me abraçou enquanto eu estava ali, encolhida nos braços da minha mãe, mas ele, diferente dela, perguntava o porquê eu estava daquele jeito. Meus pais normalmente não estão preocupados com nada que envolva política, se não chegou até eles diretamente, eles pensam que é uma realidade muito distante. Consegui responder depois de algumas insistências dele, o que tinha acontecido com Jud, minha busca por informações sobre a ALN e minha vontade de lutar de frente. Me afastei dos dois, para respirar e olhar em seus olhos, o que teria sido muito melhor não ter feito, do que ver o olhar de angústia deles.

“Você não vai mais fazer parte de qualquer coisa que envolva política” meu pai

comentou, bravo e nervoso por eu ter ido conhecer a ALN. “Você viu como dói perder alguém e eu não quero saber como é perder uma filha”. Está ficando muito perigoso. E a última coisa que quero é enterrar uma filha comunista.

Embora eu tenha pensado na possibilidade de morte ao ser levada pelos policiais militares, eu não tinha pensado em como meus pais lidariam com isso. Posso estar sendo egoísta, individualista ou qualquer outro adjetivo. Mas não considero egoísmo quando estou em busca de meios para salvar o país. Depois de algumas broncas e choros, mamãe me fez um chá quente e me levou ao meu quarto para guardar minhas coisas, ali ela esteve comigo alguns minutos até eu pegar no sono e realmente dormir. Ao contrário do que estava acontecendo no CRUSP, ali, eu conseguia dormir com segurança, sem pensar que, a qualquer momento, alguém poderia entrar no meu quarto, revirar as minhas coisas e me denunciar, ou mesmo me levarem dali. Na moradia eu não estava segura, mas eu também não queria parar de lutar. Eu estava no conforto do colo da minha mãe, um lugar seguro o qual sempre poderia voltar. E eu queria poder ficar ali para sempre, sem ter que voltar para as dificuldades da vida.

Bom, passamos o Natal naquela pasmaceira, das amenidades como pudemos, almoçamos, jantamos e apenas ficamos ouvindo a rádio, cujas notícias me faziam recordar da realidade lá fora. O Jornal do Brasil foi o plano de fundo do nosso jantar, a programação de Natal era a retrospectiva do ano, um compilado com todas as desgraças que aconteceram desde janeiro. Tivemos que ouvir o episódio em que mataram um estudante: Arthur não portava armas, mas combatia com as ideias. Em sua pensão em Santa Cecília, redigia panfletos contra o custo de vida e distribuía clandestinamente o jornal Voz Operária em portas de fábricas. Isso me arrepiou, senti os olhares dos meus pais sobre mim ao mesmo tempo em que ouvia a notícia sobre os opositores sendo presos, como foi Judith. A censura foi divulgada sem nenhuma indignação, a voz do apresentador parecia apática lendo as frases prontas: falava sobre cassação dos direitos e restrição da liberdade com a mesma naturalidade com que se reportou ao “Festival da Música Popular Brasileira”¹⁰⁶

Lembro que Jud me chamou para ir no evento (que os jornais posteriormente chamaram de Passeata dos Cem Mil, pela estimativa da quantidade de pessoas). Era algo organizado pelo movimento do Rio e que acreditava ser importante para as lutas da ALN.

¹⁰⁶ Em abril de 1965, a TV Excelsior transmitiu a final do seu 1º Festival de Música. Foi ali que Elis Regina se consagrou nacionalmente ao interpretar a campeã “Arrastão”, composta por Vinicius de Moraes e Edu Lobo.

Fiquei sabendo a respeito algum tempo depois, sobre a faixa que cobrava o fim da ditadura, sobre a trajetória que fizeram e a negociação feita com alguns líderes da organização. Fim da censura, libertação dos estudantes presos e a volta da democracia. Fico me perguntando como eles achavam que, apenas com um movimento de passeata, seria fácil pedir algo que os militares tiraram por livre e espontânea vontade. É claro que não adiantou muita coisa gritar “*Abaixo a Ditadura. O Povo no poder*”, Judith me disse. Agradei minha mãe pela comida, me retirei da mesa e fui para o meu quarto, que em comparação ao quarto da moradia, parecia uma casa. Minha cabeça fica bem em frente a porta com uma distância considerável entre as duas, meu armário preenche toda a parede oposta à cama e, entre os dois, há a minha mesa de estudos. Ali eu deixo as minhas coisas que trago da faculdade, materiais de estudo, roupas que não compensam ser guardadas no armário, pertences, panfletos, cadernos. Tudo misturado. Olhando agora, meu quarto tem a mesma proposta que o de Judith, uma cama, armário e uma mesa que suporta toda a vida dela enquanto estudante e militante política. Ouvindo as notícias na rádio hoje, eu não pensei em desistir, em momento algum, eu só pensei em alternativas para ajudar Jud, e a única que eu encontrei foi sendo como ela.

Eu tinha comigo o meu propósito e o que eu queria na minha vida, e eu queria resistir, queria uma vida melhor para os brasileiros e para a sociedade posterior.

Passamos a virada do ano aqui em casa, seguros, como garantiu minha mãe, junto com a minha avó e meu avô que vieram para cá, pais da mamãe. Eles me presentearam com uma pulseira banhada a ouro com um pingente de ramos. Fizemos um jantar especial na copa, com direito a champagne para brindar a chegada de 1969. “Que seja repleto de saúde, prosperidade, amor...”, papai desejou, porém todos sabíamos que não seria tão próspero assim. As últimas notícias da minha vida foram essas, até hoje, não levei tanto tempo assim para atualizar o caderno. A vida na casa dos meus pais é bem mais parada que no CRUSP, por um lado eu acho ótimo poder acalmar meu corpo e minha mente, mas por outro lado, sinto tédio daquela vida classe média tentando ser feliz, apesar de tudo. Comecei a escutar mais o rádio junto com o meu pai e eu já estava até decorando as músicas que passavam no intervalo dos programas.

“É proibido proibir” de Caetano Veloso ecoava na minha mente. “Me dê um beijo meu amor, eles estão nos esperando, os automóveis ardem em chama, derrubar as prateleiras”. Essa parte da música me lembrava a prisão de Jud. Nada de verdade estava em chamas, não tinha fogo, mas os carros dos militares, as armas, o uso da força, era muito pior do que as chamas de um incêndio. Às vezes seria até menos dolorido se,

naquele dia, o CRUSP estivesse tomado por fogo e não pelos agentes do governo. Devo ter esperança em 1969?

São Paulo, 1969.

quarta-feira, 15 de janeiro.

Está ficando cada vez mais difícil escrever periodicamente, mas tem acontecido tantas coisas desde que voltei da casa dos meus pais para o CRUSP. Quero estar mais ativa quanto à ALN, tomar mais posições em alguns movimentos, ações, manifestações e debates. O contrário do que foi recomendado por meus pais. Na última reunião em que participei, fizemos um balanço das lutas de 68: foi ao mesmo tempo, um ano de perdas e mobilizações e de expressões pessoais. Conversamos sobre como o uso da pílula anticoncepcional - coisa que eu nem estou tendo cabeça para pensar em tomar - mostra um símbolo do desejo feminino por se tornar independente. Pontuamos coisas como liberdade sexual, livre escolha de formar ou não uma família e poder controlar o próprio corpo. Ouvi de muitas meninas do movimento que compravam pílulas de outras pessoas, porque os pais e pessoas próximas enxergavam isso com maus olhos. Embora algumas coisas não sejam consideradas relevantes o suficiente para entrar em debate político, talvez esse fosse um dos assuntos levantados por nós e esquecidos pelos militares.

De tanto ouvir a música do Caetano Veloso, grande parte dos cartazes que produzimos hoje continham a frase “é proibido proibir”, e distribuimos nas salas de aula, nos corredores, na frente da faculdade, nos postes das ruas, nas paredes dos mercados. Estendemos uma faixa bem grande com a mesma frase na entrada da USP também.

Desde quando eu voltei, não tinha encontrado com Ozório ainda, porque eu estava muito focada na luta estudantil. Apesar de sentir falta dele em alguns momentos do meu final de ano, pensar que estar com ele significava não poder falar do que eu estava querendo fazer, então eu preferiria me concentrar no que era preciso. Mas hoje, finalmente o vi na primeira aula. Enquanto o professor falava, Ozório participava com atenção, falando quando era pertinente, desviando o olhar para mim sempre que podia. Ele se sentava como de costume, no canto direito da sala, com o corpo encostado na parede, e eu me sentava nas fileiras ao meio, algumas cadeiras para trás, porque era a localização perfeita para o ventilador.

Depois da aula, enquanto juntava meus textos, o caderno e o estojo, Ozório veio falar comigo. “Faz tempo que não vejo você”, ele falou, mexendo no cabelo liso e preto que descia pela sua testa. Fiquei em silêncio. Ele complementou “fiquei com saudades”.

Eu gostava muito dele, o jeito que me tratava e o modo em que falava comigo me

fazia sentir melhor. Mas tudo bem que, vendo agora, eu percebo que ele me encontrou em um momento muito frágil da minha vida, tinha acabado de ver minha amiga ser presa. E ele foi um bom suporte emocional, mas a minha paixão estava voltada para questões mais urgentes. Para não ser muito grossa ou mal educada, respondi que também fiquei com “Eu estava pensando, acho que poderíamos fazer alguma coisa para passarmos um tempo juntos”, Ozório propôs, enquanto eu estava pegando minha mochila e. “Talvez possa te acompanhar até em casa e lá podemos fazer alguma coisa”. Eu lembro da última vez que ele esteve no meu quarto, me julgou pelo fato de querer estudar sobre a Aliança, e com certeza faria isso de novo se visse o quanto os papéis aumentaram. Eu ando recortando qualquer notícia do jornal que tenha relação com o governo, com atos institucionais, decretos e a universidade, então, meu quarto tem um monte de coisa que com certeza desagrada a opinião dele. “Podemos fazer alguma coisa depois do almoço, sair para algum lugar, minha casa está uma bagunça, sabe como é, cheguei esses dias”.

Ele concordou: “Passo no CRUSP para te buscar às duas horas da tarde”. E nesse horário eu estava pronta, deixei meus cadernos e livros de lado, em cima da mesinha, e descí até a entrada do CRUSP para encontrar com ele. Pontualmente, eu estava na entrada da moradia estudantil, com uma saia de comprimento até acima do joelho, na cor verde escuro com um cinto de fivela pequena na cor marrom. Na parte de cima, escolhi uma blusa branca de gola alta e manga comprida, apesar de ser logo após o horário do almoço e o sol está esquentando mais do que o necessário, o vento gelado me fez escolher essa blusa.

Ao longe, vi Ozório que vinha pedalando sua bicicleta nova que eu reconhecia dos anúncios do Jornal. Era uma Monark, inteira branca com alguns detalhes escuros. Ozório era corpulento e o guidão aparentava ser baixo demais para ele. Eu posso até recortar a parte do jornal que eu vi a propaganda para deixar registrado que era praticamente a mesma. Depois que eu voltar para casa. Ele vestia uma camiseta branca por baixo de um colete de algodão azul escuro, quase petróleo, que valorizava a cor de sua pele clara. Ele estava se aproximando e me peguei ajeitando meu cabelo e tentando colocar para trás uma das mechas que insistia em cair no rosto.

“Aposto que não demorou muito para você ficar muito bonita como está agora”, ele me falou antes mesmo de me dizer oi. Não posso negar que isso me tirou um sorriso discreto e sincero. Mas meus pensamentos insistiam em controlar as informações que eu daria à ele. Estava programando em não falar sobre ALN, opiniões políticas e sociais, ou nem nada que fosse relacionado a isso. Eu estava disposta a descobrir mais sobre ele do

que falar de mim, como acabava acontecendo.

“Alguns minutos, para deixar o cabelo do jeito que gosto”, disse ajeitando pela última vez a maldita mecha. “Você também está bem arrumado”, disse sem querer usar a palavra ‘bonito’, o que de fato ele está, mas não queria parecer em cima demais. “Então, para onde vamos?” Eu ainda estava parada em pé, na calçada, ao lado de sua bicicleta, esperando que ele me convidasse para subir. Estava apreensiva em subir na garupa, porque não costumava andar de bicicleta em São Paulo, mas fiquei com vergonha de dizer.

“Você se importa se for sentada na minha frente”, ele perguntou se referindo ao espaço entre ele e o guidão. Achei até seria mais seguro... “Onde vamos?”, perguntei. “Para o Bar Guanabara¹⁰¹”. Apesar de eu não saber com exatidão onde que ficava, sei que não é nada próximo daqui de onde eu moro. Depois de eu garantir que estava acomodada o suficiente, ele começou a pedalar. As primeiras vezes com muito mais força do que as demais pedaladas para que ele pudesse dar o impulso necessário para a bicicleta. Seguimos devagar pela rua Professor Mello Moraes até a praça falando sobre como ele gostava de andar de bicicleta em dias calmos como aquele.

O dia estava bem fresco e, apesar de ser uma quarta-feira, a rua estava com pouco movimento. Fui aproveitando para observar comércio e lugares que não costumo frequentar, como os bares e restaurantes que não dão tempo de serem vistos, devido a faculdade.

Ozório parecia estar ofegante, ofereci-me para pedalar. “Você quer revezar comigo um pouco?”. Sua resposta veio demorada, talvez por ele também estar cogitando a possibilidade, mas afinal rejeitou. “Eu consigo levar nós dois até lá, não vamos demorar tanto para chegar”. Subíamos a Rua da Conceição, trecho menos sinuoso.

“E então, como andam as coisas daquela sua amiga”?

Em meio a tantos assuntos que Ozório poderia abordar comigo nesse longo caminho até o bar, Judith tinha sido o escolhido por ele. Embora eu gostasse muito de falar sobre ela, eu não gostava de falar sobre *ela* com *ele*. Isso acabaria acarretando outros assuntos pelos quais eu não estava disposta a abordar em cima de uma bicicleta. De todo modo, falar dela significava falar de todas as coisas que me revoltam na política, da sua ausência, da apreensão... definitivamente não era o momento adequado para falarmos sobre isso. Por esse motivo, eu tento desviar o assunto da forma mais sutil que encontrei.

“Acho que ela ficaria maluca se soubesse que estou indo com você para um bar,

no cano curvo de uma Monark 68”. A resposta dele foi uma risada fofa e gentil, talvez um pouco envergonhada pela forma como me referi a ele. Vendo que ele não comentou mais nada, completei: “até porque as amigas sempre ficam malucas quando tem um envolvimento com outra pessoa”.

“Você está ansiosa para contar a ela que um dia foi num bar comigo, e esse foi o nosso primeiro encontro?”.

Passávamos a Rua da Boa Vista quando ele avisou que estávamos chegando. Fiquei pensativa em relação à pergunta dele, embora pudesse ser apenas uma curiosidade a respeito da minha empolgação em falar dele para outras pessoas, pensei sobre o dia em que Jud sairia de onde ela está e se eu falaria de Ozório para ela. A verdade é que agora não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas. Não sei como e muito menos se minha amiga vai ser solta com vida, apesar de lutar para que isso aconteça, chega um momento das nossas vidas que a esperança vai diminuindo e tudo que eu faço vira automático. Pensar nela vira automático, assim como trabalhar na ALN, acreditar nas opiniões e esperar por ela. Desde o dia em que a levaram, eu não imaginei como seria o dia em que estaria com ela de novo fazendo as coisas cotidianas, como passar uma tarde falando de Ozório para ela.

Para ser muito sincera, no fundo, sinto que ela gostaria dele. E se gostasse, seria com muitas ressalvas, do tipo em que na primeira cilada, não titubearia em sugerir que me afastar dele.

Finalmente chegamos ao destino. Avistei a fachada amarela do Bar Guanabara, com seu nome escrito em vermelho escuro. Nesse momento me dei conta do que de fato acontecia: “Isso é um encontro, Ieda”.

Ozório parou a bicicleta. Desci, e enquanto eu esticava as pernas, me recuperando da viagem, acompanhei-o olhando ao redor, encontrar uma árvore com flores bem vermelhas e vívidas. Arrancou uma e me ofereceu, sem dizer palavra. Aceitando o presente, continuei o assunto interrompido: “Eu estaria animada em contar sobre esse dia para ela”.

Eu não estava acostumada a ganhar flores, nem do meu pai e muito menos dos caras com quem eu saia. Apesar de me considerar pouco sensível a esse tipo de tratamento, estava gostando do jeito que Ozório me tratava, cortês. Levei a flor comigo, que passou a compor a decoração da mesa na qual nos detivemos:

“Você já almoçou?”, perguntou ele enquanto analisava os itens do cardápio. Olhando as opções, desejei não ter almoçado para conseguir pedir uma parmegiana que,

segundo Ozório era a melhor que havia comido. Certamente era melhor do que o almoço do restaurante universitário. O histórico dos almoços na USP sempre foi muito bom, os estudantes mais velhos dizem que o melhor prato era o dia de frango. Mas nos últimos meses, a qualidade da comida piorava devido à falta de recursos. Eu respondi para ele que já tinha almoçado e que poderíamos pegar alguns petiscos. O garçom do bar veio até nossa mesa deixando um par de pratos e copos.

“Se posso fazer uma recomendação pra vocês...”. Nós balançamos a cabeça em sinal de abertura para que o garçom continuasse a falar. “Os bolinhos de bacalhau são maravilhosos e se vocês pegarem algumas empadas, vão gostar muito”.

“Então será esse o nosso pedido, por favor. E acrescente também um refrigerante”. O garçom anotou o pedido que prometeu trazer em quinze minutos. O que são quinze minutos? Eu não me importava muito com o tempo de espera dos nossos petiscos, seria uma boa oportunidade de conhecer um pouco mais Ozório. Comecei meu interrogatório: .

“Você mora aqui com os seus pais?”

Não acho que saber sobre os pais dele é uma pergunta íntima a se fazer.. Ele demorou a responder, talvez pensando na história que iria contar para mim. Se aquela em que seu pai abandonou sua mãe ainda grávida tendo que criar sozinho os filhos, ou aquela em que o pai já tinha sido prefeito em sua terra natal, e que hoje vive melhor que qualquer universitário da minha faculdade. Veio o garçom para nos servir o refrigerante e acomodar os aperitivos:

“Meu pai não é um homem muito presente, embora tenha dado tudo para que minha mãe precisasse e me criou muito bem”. Por um momento pensei em falar que não precisava me contar nada se não quisesse, não sei até que nível ele se sentiria confortável em falar da família. O bolinho de bacalhau estava de fato muito gostoso, enquanto ele falava, eu beliscava o meu segundo. “Já a minha mãe era a pessoa mais amável que eu já conheci na minha vida e de longe eles são o exemplo de casal que quero pra minha vida”.

Não considerei a última frase que ele falou porque eu não faço ideia de como sejam os pais dele, mas pelo que eu estou entendendo, provavelmente a mãe dele já morreu, então ele deve estar somente com o pai. Eu não sei como eu lidaria se minha mãe tivesse morrido comigo ainda muito nova, como é o caso dele. Eu gosto muito de morar longe e de ter o meu próprio espaço, mas eles são o meu suporte em todos os âmbitos da minha vida e sem eles, eu estaria completamente desestabilizada.

“Ela já estava bem debilitada, então creio que foi o melhor para ela. Meu pai já serviu muito tempo no exército e mudou completamente depois que voltou para casa, muito tempo lidando com uma pressão que eu nem poderia imaginar passar. Enquanto ele ficava fora, minha mãe sempre se dedicou em cuidar de mim da melhor forma que podia”.

Pela primeira vez, percebi Ozório sendo aberto e vulnerável ao contar uma história pessoal, não era mais eu que estava nessa posição e gostava disso. Ficamos conversando sobre como os pais dele o criaram e como foi doloroso para seu pai ter que se separar e ir atender às chamadas do Estado.

Terminamos de comer, o sol já se punha. O tempo passou mais pelas nossas conversas, porque nossa comida ficou ali sendo suporte para algumas moscas. O prenúncio da noite nos fez tomar consciência de que deveríamos partir. Ozório pediu a conta, subimos novamente na bicicleta para voltar ao CRUSP, desta vez, sem muito esforço.

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1881-1927)

Director — Américo do Campos, 1875-1880;
Francisco Rangel Faria, 1875-1880; Julio
Mesquita, 1881-1927; Successor: Rangel Faria,
1887-1933; Filinto Barreto, 1927-1958

DIRECTOR: JULIO DE MESQUITA FILHO

ANO 55

SABADO, 14 DE DEZEMBRO DE 1968

N.º 55.736

DIRECTOR ADJUNTO-CHEFE: MARCELO RUTTER

Nôvo ato; Congresso em recesso

“Estado” é apreendido

De Sérgio Lacer, do *Brasão* e dos correspondentes

Em reunião mista, entre outros diretores de jornais, rádios e televisão, o general Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, comandante do II Exército, afirmou ao que se qualificou de “incidente com o jornal ‘O Estado de S. Paulo’”, mais exatidão — e de “terror de Taché” — lutas partidárias apreendidas na madrugada e na tarde de ontem, por agentes da Polícia Federal.

Informes e chefe do II Exército, o general Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, comandante do II Exército, afirmou ao que se qualificou de “incidente com o jornal ‘O Estado de S. Paulo’”, mais exatidão — e de “terror de Taché” — lutas partidárias apreendidas na madrugada e na tarde de ontem, por agentes da Polícia Federal.

Por outro lado, o general Bóris Caspary, chefe do II Exército, afirmou ao que se qualificou de “incidente com o jornal ‘O Estado de S. Paulo’”, mais exatidão — e de “terror de Taché” — lutas partidárias apreendidas na madrugada e na tarde de ontem, por agentes da Polícia Federal.

Três “Gerais”

Deputados reúnem-se no gabinete do presidente da Câmara para ouvir a leitura do Ato

Das notícias

Por Ato Institucional e Complementar lido ontem, o marechal Costa e Silva reanuncia de posse as excepcionais atribuições de promulgação da Constituição pelo presidente da República e determina o retorno do Congresso Nacional por tempo indeterminado. O Ato Institucional n.º 5 impõe a garantia constitucional de estabilidade, inamovibilidade, continuidade e de “liberdade corporis”, assim o poder de intervir nos Estados e nos Municípios, e a suspensão e a suspensão de direitos políticos por dez anos; o de exercer bens e direitos adquiridos no exercício de função pública, o de decretar o estado de sítio sem audiência do Congresso, o de limitar ou reformar oficiais das Forças Armadas e das Forças Armadas e o de promulgar decretos e leis. Os Complementares destinam a garantir a continuidade da Revolução.

É a conclusão

O presidente da Câmara dos Deputados, sr. José Bonifácio, declarou, após ouvir a leitura do Ato Institucional e do Ato Complementar, “Obedecemos ao novo regime, declaramos que assim assim está encerrado”.

Adesão, declarou que o Brasil está de Estado de Sítio, para entrar no de fato. Era episódio, acrescentou, não é o caso da vida política e parlamentar do Brasil e não o retorno ao Congresso. Ele reafirmou de caráter profético, de eficácia do governo e de militear do povo.

“Não é o momento de extinguir o Ato — declarou. Mas é a hora de manifestar a esperança de que cresça como esta sejam realizadas uma vez mais, para o Brasil do povo”.

Fonte: Hemeroteca digital. *O Estado de São Paulo*. 1968

VOCÊ TAMBÉM PODE POSSUIR Monark

A SOBERANA DAS BICICLETAS

- Material de primeira...
acabamento esmerado...
- Cores lindas e
duradouras...
- a tradicional
qualidade sueca
- Monark é
a preferida
do Brasil.



● NÓS LHE FACILITAMOS
O PAGAMENTO!

REVENDEDORES:

INDUSTRIA E COMERCIO BOMFIM, S.A.

Rua Marcellino Dias, 66 canto com a rua Theodureto Souto

Fonte: Propagandas Históricas. 1958.

São Paulo, 1969.

segunda-feira, 27 de janeiro.

Não sou uma pessoa indisciplinada. Sei que estou sendo agora, bastante ausente nos últimos dias, mas as coisas não têm sido fáceis por aqui. Cada dia mais, a esperança de um dia sairmos vivos dessa situação se distancia e o medo cresce. Se antes fizemos as coisas para afrontar o governo, para mostrar a ele que somos fortes e resistentes, agora fazemos tudo escondido, lutamos escondido e nos defendemos escondido. Mas tudo está acontecendo tão rápido que eu nem consigo parar para pensar no que fazer, muito menos para registrar as coisas. Mas vou tentar atualizar. As dificuldades aumentaram, o diretório acadêmico está sendo mais silenciado, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, estamos tendo muitas pessoas ameaçadas pelas suas opiniões e publicações na entidade.

Nossos professores passaram a ter medo das autoridades, eu também teria, tendo em vista que é o meu emprego em jogo, mas por enquanto eu ainda não tenho muito para perder, só minha vida. E sendo muito sincera, não está sendo muito valioso viver no cenário em que estamos agora. O que nós, do centro acadêmico e da ALN, estamos revoltados é que muitos dos professores estão sendo retirados de sala de aula, no sentido de darem a eles uma “aposentadoria” para pararem de trabalhar. Claramente, meus professores de Direito Constitucional e Política foram premiados com essa aposentadoria antecipada, nossas disciplinas foram suspensas até segunda ordem. Agora, não podemos mais andar com livros como “O Manifesto Comunista”¹⁰⁷ e “A Guerra de Guerrilha”¹⁰⁸, nas mãos, que iremos imediatamente presos. Livros proibidos como se estivéssemos num mosteiro medieval governados pela inquisição. Parece que estou vivendo um mundo diferente do que eu imaginei que seria na minha vida adulta.

Noite passada eu me peguei chorando no quarto pensando em como Judith está e no que ela estaria passando agora. O pior de toda essa situação é não saber o que está acontecendo, se ela foi presa, se está viva ou se pelo menos está comendo. Nos encontramos no dia da manifestação organizada pelo centro acadêmico e a ALN, então eu estava correndo

¹⁰⁷ Escrito por Karl Marx e Frederick Engels, "O Manifesto Comunista" focaliza na luta de classes entre a burguesia e o proletariado. Os autores defendem que o sistema capitalista é instável e que ocasionaria em uma organização proletária em uma revolução. Ao longo da obra, desenvolve-se a ideia de que a abolição da propriedade privada dos meios de comunicação seria o objetivo central, juntamente com a tomada de poder político pelo povo.

¹⁰⁸ Escrito por Che Guevara e publicado em 1960, logo após a vitória da Revolução Cubana, o livro funciona como um manual prático e ideológico para movimentos revolucionários na América Latina e propõe a estrutura de pequenos grupos armados que podem derrotar exércitos regulares.

com algumas coisas que precisavam, ela estava encontrando no corredor, com uma bolsa de viagem e algumas coisas na mão. Uma almofada, uma garrafa de água e um caderno, mas que com o peso da mala estava atrapalhando um pouco na caminhada até seu quarto. Eu não sei ao certo como descrever sua aparência e o que mudou desde a última vez que a vi. Ela parecia em estado de luto, angústia, tristeza, os olhos fundos e cobertos por uma olheira escura, a pele com aspecto de quem faz muitos dias que não vê a luz do dia. Ela parecia muito pior do que o dia em que Gilberto foi levado, quando a vi chorando incessantemente.

Entre uma esbarrada em papel e outra em almofada, eu perguntei como ela estava.

“Bom, é como se fosse um sentimento de luto”, ela me respondeu. “Ele não está mais aqui, apesar de poder ainda estar vivo, mas estou lidando como se tivesse morrido”. Não sei muito bem como transpareceu minha reação com o modo em que ela estava lidando com a situação, mas pelo que ela me falou, acho que minha expressão não foi muito boa. “Mas está tudo bem, estou melhor do que estava antes”.

Convidei ela para ir à manifestação comigo, insisti quando ela falou que estava cansada demais da viagem de volta da casa dos pais, mas falei que estava fazendo tudo isso para ajudar Jud e Gilberto. Por mais que ela encare isso como “em memória dele”. E foi o suficiente para ela aceitar a ir comigo. Acompanhei ela até seu quarto para que ela pudesse guardar suas coisas e se arrumar, embora eu não permiti que ela tivesse o horário do banho, porque íamos nos atrasar. Em dez minutos já estávamos no mesmo lugar onde tínhamos nos encontrado, mas agora ela estava segurando um cartaz escrito por mim, com letras garrafais dizendo “PELA LIBERDADE, PELA VIDA E PELO FIM DA REPRESSÃO”.

Eu não tinha dado opções para ela escolher qual iria carregar, apenas entreguei qualquer um em suas mãos e ela segurou de bom grado, embora se tivesse parado para ler a frase afrontosa que estava escrito, eu apostaria que ela iria pedir para trocar por uma menos agressiva. Mas então fomos para frente do CRUSP onde estava reunido o pessoal que iria guiar a manifestação e nos juntamos a eles. Em poucos minutos, notei Tina se agrupando e conversando com os meninos que ela mal conhecia, senão apenas de vista e a se distrair com as orientações e conversas da roda. Embora tudo fosse pelo desejo de tirar nossos amigos dessa situação, participar da ALN me fez sentir em casa, em família, me distraindo de todos os problemas do mundo, embora fosse por causa deles que nos unimos. E eu desejo que Albertina também encontre isso.

Fomos caminhando para a entrada principal da faculdade, a ideia inicial era ficarmos lá até conseguirmos um número de pessoas adequado para começarmos. Embora nós sempre temos expectativas muito altas nessas ocasiões, não contamos muito em conseguir muitas

peessoas para manifestar junto conosco, porque entendemos que muitas pessoas deixam o medo dominá-las, e não as culpo. Eu também luto com muito medo. Mas especialmente hoje, as pessoas foram simplesmente chegando, e pedindo para participar, perguntando como que iria funcionar e se precisava ser membro de alguma coisa.

“Só precisa acreditar que podemos derrubar esse governo”, escutei algum responder e o sorriso se abriu no rosto da mulher que perguntou. O número de pessoas foi crescendo e fomos nos direcionando para um lugar maior e mais confortável para reunir todo mundo, ao sairmos de onde estávamos, fomos marchando em direção ao estacionamento. O lugar estava vazio, nenhum carro de funcionário ou professor estava estacionado ali, então nos deu uma ótima oportunidade para ocupar cada canto com uma insatisfação. Em poucos minutos, o estacionamento foi coberto por um mar de pessoas descontentes com o governo e de como as coisas estavam se encaminhando.

Eu não sabia que tantos brasileiros também estavam junto com a gente nessa luta. Foi quando eu ganhei mais força ainda.

“Nós, aqueles que são considerados opositores...”, alguém lá na frente começou a gritar, eu tentei reconhecer a voz, mas o barulho da multidão não permitiu que eu identificasse quem era. O povo repetiu. “E subversivos...”. *E subversivos*. “Estamos aqui em reivindicação...”. *Estamos aqui em reivindicação*. “Pelos nossos direitos políticos e civis...”. Pelos nossos direitos políticos e civis.

Estava tudo indo muito bem, as pessoas gritavam alto e com fervor, era quase mágico, mas eu me desconcentrei por um pequeno momento, olhando a chegada de alguns guardas, eu não sei se eram oficiais da polícia, ou se eram guardas da universidade que foram conferir o que estava acontecendo. Mas eram guardas, e uma vez sendo, não estavam do nosso lado. Os cassetetes em suas cinturas comprovaram isso. Mas a minha distração nem foi propriamente pelo cassetete na cintura dos homens fardados. Foi um deles que tirou minha atenção da manifestação. Ele parecia muito familiar, as vezes por usarem todas as mesmas roupas, mas ele me lembrava muito alguém. Alguém que eu conhecia. Então olhei por mais tempo, tentando lembrar na minha memória com quem eu estava confundindo aquele homem. E não sei se foi por total falta de acreditar naquilo, mas a imagem que antes era embaçada e duvidosa do oficial que eu estava olhando, foi se transformando em uma nítida representação de Ozório, segurando com firmeza a arma à sua cintura.

Por isso ele nunca comentava as coisas comigo, sobre sua vida, seus interesses e suas paixões. Ozório não era nem de perto quem eu imaginava ser, se bem que eu não imaginei muita coisa, ele era sempre alguém que estava ali quando eu precisava e ia embora quando as

coisas melhoravam. Nosso primeiro encontro de verdade foi muito legal, ele foi divertido, engraçado e até carinhoso, mas não eram essas as qualidades que aquele homem no meu campo de visão transparecia ser. O som das vozes foi ficando cada vez mais alto, as pessoas não pararam de manifestar só porque eu parei por um momento, o qual tinha esquecido que estava acontecendo.

Ozório não me viu no meio da multidão, e eu agradei por isso, porque assim seria melhor. Não nos encontrarmos nessas ocasiões evitaria muita confusão que, sendo sincera, não acho que seja necessário agora. Desviei o olhar para o meu lado direito e lá estava Albertina, empenhada e engajada com o evento. Não nos separamos em momento algum, mesmo quando a população começou a se agitar e a empurrar uns aos outros, ela segurava a minha mão o tempo todo no alto, junto com o cartaz que entreguei a ela. Este, por sua vez, não iria chegar até o final da manifestação, que logo iria acabar, porque já estava com rasgos nas laterais e com sujeiras que não sei como foram parar ali. Embora uma onda de tristeza tenha apertado meu coração ao ser o homem por quem eu estava sentindo algo na posição em que estava, eu estava extremamente feliz por estar ali, junto com Tina e com muitas pessoas que também acreditavam na força dos brasileiros.

Não passou muito de três horas de manifestação no estacionamento da USP, não tivemos problemas com os oficiais que estavam nos vigiando e muito menos com a falta de participação popular. Ajudei a recolher os microfones e os materiais que tínhamos levado, e junto com Tina, fui para o CRUSP com o coração apertado por um lado, mas por outro, cheio de orgulho por fazer o que acredito ser o certo.

São Paulo, 1969.
sábado, 01 de fevereiro.

Não havia televisão no meu quarto. No CRUSP, acho que ninguém tem. Mas na sala de convivência havia uma, e era comum passarmos por lá e espiar o que alguém assistia. De manhã, quase sempre havia alguém vendo notícias. Isso me lembrava meu pai, que lia o jornal para minha mãe como um apresentador. Ela não aprendera a ler na infância; só mais tarde, quando eu descobri como ensiná-la.

Hoje, na sala, um grupo de rapazes quase nunca visto por aqui, mas sempre juntos na faculdade, escutava atento o noticiário. O assunto: mais um Ato Institucional. Agora já são seis.

Sentada um pouco afastada, eu lia a autobiografia de Malcolm X quando a voz conhecida do jornalista invadiu minha concentração:

“Boa noite.” Pausa dramática. “O governo militar acaba de promulgar o AI-6, endurecendo ainda mais o regime instaurado desde 1964.”

Deixei o livro de lado e aproximei-me da televisão, sem perceber que me infiltrara no espaço deles. Mas eu precisava ouvir.

“O novo ato altera profundamente a estrutura do Judiciário, especialmente o Supremo Tribunal Federal, reduzindo o número de ministros.” Outra pausa, troca de âncora. “Intensifica-se o afastamento de magistrados, com aposentadorias compulsórias e intervenção direta na Justiça. Na prática, é a perda de autonomia do Judiciário e a transferência de autoridade para o Executivo militar.”

Ele ainda falava em “garantir a ordem” contra a “ameaça subversiva”, mas eu só pensava em como tudo ficaria ainda mais difícil. Sem querer, capturei o diálogo dos rapazes:

“Vocês acreditam nessa história de ‘garantir a ordem’?” José, cabelo sobre os olhos, encostado na parede, parecia exaltado.

“É o que querem, Zezinho. Fecham o Congresso, mexem no Supremo. Estão sem controle. Estamos perdidos.” Era Chico, cuja voz eu nunca ouvira antes. Nunca os vira em manifestações ou entidades.

“Levaram nossos amigos... Gilberto, Marcelo. E não pudemos fazer nada.” Pensei comigo, então outros também sofriam por ele. “Não precisam de mandado, nem explicação. Simplesmente entram e levam.”

Fiquei em silêncio, até não conseguir mais: “É por isso que a universidade incomoda. Aqui ainda há gente que pensa, debate, discorda. É isso que os irrita.”

Os três voltaram-se para mim. Senti-me pequena por não me ter apresentado antes. Paulo Sérgio me olhava como se nunca me tivesse visto, mesmo morando na mesma casa.

“Por isso invadiram o CRUSP”, disseram. “Por isso chamam o estudante de subversivo. Pensar virou crime.”

“Eles podem controlar a televisão, os tribunais, até nossos passos”, respondi. “Mas não podem controlar o que sabemos ser errado.”

Foi um raro momento de conexão aqui. Antes, eu vivia trancada com Jud, lendo e estudando. Agora, minha única preocupação é não ficar parada. Pensei em falar da ALN, como fiz com Tina, mas talvez fosse tarde demais para um sábado à noite. Guardei a ideia para outro momento e retornei ao meu quarto.

*

Já passava das dez. O sono não vinha, as palavras do repórter ecoavam. Inquieta, levantei para beber água.

Na cozinha compartilhada, a luz estava acesa. Encontrei Chico sentado à mesa grande, levantando e sentando como se não encontrasse posição.

“Ah, desculpe”, disse eu, buscando um copo. “Só vim pegar água.”

“Não precisa se desculpar. Não sei seu nome, ainda.”

Percebi então: interagi antes sem me apresentar. Moramos no mesmo espaço, mas somos estranhos. Apresentei-me, e, nesse ponto da vida, falar de mim é falar do que acredito e pelo que luto. Falei da ALN e o convidei.

“Sinto que preciso fazer mais”, ele confessou. “Sair dessa negligência comigo mesmo e com a sociedade.”

“Esse desejo despertou em mim quando levaram minha amiga. Seu amigo Gilberto namorava uma delas, aliás.” E me arrependi logo depois, foi informação desnecessária.

“Então farei parte do mesmo movimento. Em nome do meu amigo. Pode me explicar melhor depois?”

Prometi que sim. Terminei minha água, lavei o copo e voltei ao quarto com o coração mais leve por ter compartilhado algo que importa, e por não estar sozinha.

São Paulo, 1969.
sábado, 08 de fevereiro.

Em fevereiro, os finais de semana se confundem com os dias da semana — rotina improvisada, tarefas soltas. A única obrigação é limpar o quarto aos sábados.

Morei no CRUSP desde que entrei na faculdade, mas nunca reparei na rotina dos outros nos dias sem aula. Costumava ficar trancada com Jud, estudando ou conversando. Agora, sem ela, tenho circulado mais. Foi assim que descobri: aos sábados, os meninos se reúnem na sala de convivência para conversar e jogar baralho.

De longe, vi que Chico estava no meio da roda e tomei a liberdade de me aproximar para ver se eu conseguia me enturmar.

Eram uns cinco rapazes e, para meu alívio, três meninas. Isso me deu coragem. Fui direto para perto do Chico, o único com quem já troquei palavras, e ele fez sinal para eu me sentar.

“Já jogou buraco?”, perguntou.

Nunca joguei baralho na vida, mas não quis parecer esquisita. Fiz um gesto ambíguo, como quem sabe mais ou menos. Ele não esperou resposta:

“Vê o Zezinho fazendo os montes? Cada um organiza as cartas como achar melhor.”

Observei os jogadores mexendo nas cartas, trocando-as de lugar.

“Agora vão olhar a carta virada na mesa e descartar uma que não combine com as outras. Precisam ter duas de cada naipe...” Balancei a cabeça como se lembrasse, mas me perdi no significado de naipe. “A carta descartada troca com a que está na mesa.”

Observei enquanto ele narrava. “Tá vendo?” A ruiva de cabelo comprido separou três cartas: dois, três e quatro, com o mesmo desenho embaixo. “A Ana está iniciando uma sequência. Se o Zezinho puder, completa.”

Assisti toda a rodada confusa, mas fiquei ao lado de Chico tentando entender. Ele me convidou para jogar na segunda rodada, mas preferi esperar mais uma. Finalmente, aceitei. Não fui boa, longe disso, mas Chico me orientava a cada jogada e consegui me divertir.

A campainha tocou. Tinha combinado com Tina de conversarmos sobre a ALN hoje.

Pedi licença e abri a porta. Tina segurava livros e papéis no braço esquerdo. “Pensei que iam se espatifar no chão”, me entregou três deles. Peguei sem pensar e dei passagem. “Estava jogando baralho com o pessoal da sala”. Ela esticou o pescoço, interessada. Perguntei se queria que eu a apresentasse. Ela concordou.

Deixamos os livros na bancada e voltamos à sala. “Queria apresentar minha amiga, Tina, Albertina na verdade. Ela também entrou na ALN recentemente.

Chico se levantou sorrindo. “Muito prazer, Tina. Espero que possamos conversar sobre nossos interesses em comum.

“Tina, envergonhada, apenas acenou. Pensei em convidá-lo para estudar conosco, mas achei melhor falar com ela primeiro.

No quarto, espalhamos o material na cama. Direito civil, sociedade, política, e até coisa da faculdade, que não sei por que está ali se não teremos tempo para isso hoje. “Teda, passei na biblioteca depois da manifestação e encontrei muita coisa útil. Mas não acredito no que estava acontecendo lá.” Pausa. Como não falei nada, prosseguiu: “As bibliotecárias estavam com uma caixa marrom, analisando cada livro e separando alguns que, acredito, vão contra o governo.”

“Temos que fazer alguma coisa urgente. Pelo menos você conseguiu pegar alguns”.

Peguei o primeiro livro da pilha. “O Casamento”, de Nelson Rodrigues¹⁰⁹.

“Posso começar por esse?” Perguntei.

Ela concordou. Nos acomodamos na cama, cada uma com seu livro. Passei cinquenta minutos lendo sobre as etapas necessárias para uma sociedade se desenvolver. Da economia de subsistência, estrutura social rígida e tecnologia limitada, até o desenvolvimento de infraestrutura e o surgimento da elite empreendedora.

“O que achou?” Tina perguntou quando fechei o livro.

“Ainda estou no começo, mas é interessante. Engraçado como, para entender um assunto só, a política do nosso país, temos que estudar um monte de coisa”. Me ajeitei na cama, alinhando as costas com a cabeceira. Tina me imitou. “Esse autor que estou lendo fala sobre sociedades de economia pouco desenvolvida, dependente da natureza. Produção agrícola, técnicas simples, quase nenhuma ciência aplicada”. Disse.

¹⁰⁹ A obra “O Casamento”, de Nelson Rodrigues, acompanha um escândalo familiar com conflitos internos que contrariam os costumes de uma família defendida pelo governo. O livro critica a moral conservadora e a fachada de respeitabilidade social, mostrando o contraste entre aparência e realidade. Durante o período da Ditadura Militar, a obra de Rodrigues foi censurada por conter uma linguagem imprópria e imoral, por tratar de temas como sexualidade, política, corrupção moral e homossexualidade.

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer que para que uma sociedade tenha uma estrutura evoluída, precisamos também desenvolver a mentalidade social, com base em uma visão de crescimento contínuo. A organização social de uma sociedade tradicional é muito rígida e hierarquizada. O poder costuma estar concentrado em elites tradicionais, como grandes proprietários de terra ou autoridades religiosas. As tradições e costumes têm muito peso e acabam freando mudanças.

“Nós ficamos tão acomodados com as coisas que temos costume, os mesmos pensamentos, as mesmas tradições, sem pensar no que poderíamos fazer de diferente para mudar a nossa realidade. Não basta nós lermos o Manifesto do Partido Comunista e não mudarmos algumas atitudes”. Disse enquanto Tina ainda encarava a capa de seu livro.

“A gente precisa pensar e agir como as opositoras que somos, deixar claro que esse autoritarismo não nos satisfaz, Ieda. Precisamos nos posicionar mais ainda”.

Ela estava certa, não adianta eu apenas pensar em como seria maravilhoso o mundo sem um governo ditatorial, mas não fazer nada para mudar isso. Eu preciso mudar minhas ações. Preciso unir forças para derrubar esse governo.

“Como você acha que eles devem estar?”, Tina pergunta.

“Quem? Jud e Gilberto?”, ela balança a cabeça afirmamente.

“Eu não faço a menor ideia, mas eu rezo para que estejam vivos”.

Não pensava mais em como Judith poderia estar. Na melhor das hipóteses, vivos e bem cuidados, sem liberdade, mas bem tratados. Mas acredito que Judith esteja sendo machucada, maltratada de todas as formas possíveis, ameaçada a falar contra sua vontade. Jud é forte e teimosa. Não vai ceder fácil a ofensa nenhuma. E se tivesse cedido, delatado alguém, não estaríamos fazendo manifestações ainda.

Quanto a Gilberto, nunca parei para pensar. Provavelmente nas mesmas condições que Jud, mas não sei o quanto ele resiste sob agressão e ameaça.

São Paulo, 1969.
segunda-feira, 10 de março.

1969 herdou toda a carga negativa de 1968. Cada dia fica mais difícil suportar morar neste país. Não falo só do impacto no trabalho e no poder de compra, falo de sermos vigiados, da liberdade sendo tomada aos poucos. Não é como foi na invasão ao CRUSP, a pior coisa que vi até agora, mas nossos direitos vão sumindo em doses pequenas. Estamos sem alguns professores, perseguidos, proibidos de dar aula por causa de seus planos de ensino.

Esses últimos dias, oficiais militares tomaram todos os cantos da universidade, impactando a frequência das atividades da ALN. Raramente conversamos sobre o movimento fora de casa. Quando o assunto surge, já olhamos ao redor conferindo se há alguém por perto. Outra coisa que aumentou: a quantidade de infiltrados. Virou hábito perceber alguém te observando enquanto conversa, ou seguindo seus passos. Se é por conta da ALN, não sei, mas isso tira a sensação de que tenho algum direito neste país. Tina me contou que uma vez foi parada saindo da faculdade. Perguntaram se tinha documento e o motivo de estar na rua naquele horário.

A ALN sofre com questionamentos. Muitos integrantes já foram parados e interrogados sobre sua relação com o movimento. Estamos presos numa história bíblica, um Novo Testamento: se negar que segue Jesus, será livre; se confirmar, morrerá. Estamos negando participação no movimento para não sermos levados pela força militar. Já neguei diversas vezes. Não carrego mais nenhum material que me relacione à ALN, muito menos os livros que eu e Tina líamos, como os livros de Karl Marx, Frederick Engels, Carlos Mariguellla e Ignácio de Loyola Brandão. Apesar do receio de ter esses materiais em casa, podem entrar e revirar tudo, ainda os mantenho lá, seguros por enquanto. É estranho: um movimento construído para se rebelar contra as ações do governo que nos reprime nos obriga justamente a sair dele em troca das nossas condições de vida. Mas se quero continuar lutando, pelo menos por agora, preciso fazer dessa maneira para permanecer deste lado, me atualizando das mudanças políticas para trazer Jud de volta.

Ando saindo menos do dormitório, evitando a faculdade, até lá corremos perigo de algum oficial não ir com nossa cara. Fico aqui, deitada na cama, cercada por escritores

que poderiam me colocar na cadeia a qualquer momento: Carlos Marighella, José Rubem Fonseca e Cassandra Rios. Os jogos e a televisão com os meninos têm se tornado mais frequentes desde aquela vez que jogamos buraco, há um mês. Para ser sincera, tem sido um dos melhores momentos do meu dia, sem me preocupar com nada além de ficar boa no jogo de buraco. Cada vez mais, sinto que estamos afundando, O que eu mais gostava era assistir ao jornal no fim do dia, embora os programas de jornalismo tenham desviado totalmente o foco. Ao invés de política, entretenimento puro. Cruzadinhas e programas de auditório. Tina adorava se juntar a nós para assistir ao Silvio Santos. Dizia que era um momento de não pensar em tudo que estamos passando.

Concordo, mas sinto falta das atualizações políticas nos jornais, era como sabíamos o que mais de ruim estava acontecendo. Os impressos parecem viver em outra realidade, uma em que Médici é um presidente maravilhoso e a economia nunca esteve melhor. Difícil olhar por esse ponto de vista quando mal podemos sair de casa sem correr perigo de ser interrogados.

Por isso, a maioria dos integrantes da ALN passa a tarde no CRUSP antes de uma reunião, para não levantar suspeitas. As coisas ficam aqui no meu quarto: qualquer cartaz, qualquer material de manifestação, para não precisar ser deslocado pela rua.

Hoje é dia de reunião. Às cinco da tarde, os meninos começam a chegar, um de cada vez, para nos reunirmos na sala de convivência. O bom de fazer a reunião na moradia é que, sendo um espaço da universidade neste contexto político, todos os moradores concordaram em nos deixar reunir aqui sem alarde. Alguns ficaram receosos, medo da polícia perceber movimentação maior, mas garantimos discrição. A sala de convivência é grande o suficiente para parecer apenas um momento descontraído entre moradores.

Quase quatro e meia. Fui para a cozinha organizar: jarra de água, copos descartáveis, pãezinhos em uma tigela no balcão que divide a cozinha da sala. Ao todo, onze pessoas. Eu, Chico e Tina nos posicionamos lado a lado no fundo do cômodo e escutamos o representante da assembleia iniciar a reunião. Não o conhecia bem, cada reunião é um integrante diferente que apresenta. Ele entregou uma folha de presença para o integrante da frente, junto com uma caneta. Assim que preencheu o nome, passou para trás. E foi assim até chegar a nós três.

Enquanto o papel rodava, ele dizia:

“Preparei algumas pautas consideradas na reunião anterior e coisas pertinentes a

esta, sobre a conjuntura política nacional”. Andava de um lado para o outro até chegar perto da parede. “O poder político está cada vez mais concentrado, sustentado por instrumentos legais de exceção. Vemos isso com os Atos Institucionais, que fragilizam as garantias constitucionais e limitam as liberdades civis”.

Eu gostava das reuniões em que não precisava falar muito, dava a impressão de que, se não falasse nada, não seria acusada de envolvimento e não seria levada presa. Mas gosto da liberdade que ainda tenho de poder escutar sobre algo contra o qual acredito ser necessário lutar.

“A privação de informações nos jornais, programas de televisão e impressos, assim como as perseguições aos estudantes e professores, mostram que o regime trata a oposição como ameaça à ordem estabelecida. Esse cenário compromete o debate público e impede a participação democrática da sociedade. É contra isso que estamos lutando.”

Depois dessa introdução, falou sobre o avanço da repressão: vigilância, censura e prisões como formas de controlar a sociedade. Nos lembrou de exemplos, citando nossos amigos levados à prisão, ilustrando os alvos de perseguição política e a retirada de direitos civis. Comentou que tudo isso gera medo, dificultando a organização do movimento. Por isso, reforçou a necessidade de nos mantermos firmes, agindo com cuidado e sempre atentos.

Andava de um lado para o outro, passando por todos. O jeito que falava transmitia confiança, me fazendo acreditar que ele realmente confiava que a ALN não cairia. Eu não tinha tanta certeza, mas nessa reunião ele me fazia acreditar que éramos imbatíveis. Perto de nós, no fundo da sala, continua:

“Vamos conversar sobre como estamos organizados e como a ALN tem atuado neste período. Sabemos que, devido à repressão, não podemos agir tão abertamente como antes. Por isso, precisamos de mais cuidado, organização e responsabilidade de todos”.

Nisso ele tinha razão. Precisamos cuidar uns dos outros cada vez mais, nos proteger de nós mesmos e dos de fora. Não podemos confiar de olhos fechados em qualquer um que se aproxima. Devemos desconfiar da própria sombra, até ela pode denunciar quem somos. “Precisamos fortalecer nossa união interna...” Ele falava com voz de fundo enquanto eu pensava em Ozório. Não posso confiar nele. Não o conheço o suficiente para conversar sobre faculdade e movimentos sociais. Não o conheço. “...manter boa comunicação entre os grupos e garantir que cada integrante saiba seu papel. A organização, neste momento, é essencial para que o movimento continue existindo e atuando, mesmo diante das dificuldades impostas.”

Joana, uma menina que entrou recentemente, estava sentada no chão logo à frente. Levantou a mão.

“Precisamos pensar que essas restrições de informações impedem nosso conhecimento sobre o que está acontecendo de verdade. Por isso, nossa proposta deve se basear em formas alternativas e seguras de divulgar os ideais em que acreditamos e manter o diálogo com a população de São Paulo e, à medida que ganharmos voz, com os demais estados.”

“Exatamente, Joana. Precisamos manter o diálogo entre nós muito bem estruturado, de maneira respeitosa, para irmos para fora com as ideias consolidadas, para não cairmos todos juntos.”

Depois de mais algumas pautas sobre deliberações e atividades dos próximos dias, fez suas considerações finais e liberou todos. Eu, Tina e Chico ficamos calados a maior parte da reunião. Estávamos cansados demais para contribuir.

São Paulo, 1969.
sexta-feira, 21 de março.

Na hora do almoço, saí do CRUSP para encontrar Tina. Estamos cada dia mais próximas, pela participação na ALN e pela relação que criamos depois que ela voltou da casa dos pais. Ela tem sido bem engajada nas questões do movimento, bem mais do que quando ingressou, sem os medos e receios de antes. Íamos passar a tarde estudando na faculdade e, para variar, peguei os conteúdos das matérias interrompidas pela saída dos professores. No começo do semestre, fazia seis disciplinas, quatro ficaram sem aula. Meus professores preferiram parar desde semana passada, quando outro professor foi levado pela polícia.

Não presenciei a cena. Ieda me contou que estava estudando em um dos blocos quando viu os oficiais entrando em grupo.

“Eram uns seis homens, com cassetetes e armas bem grandes penduradas no pescoço, sustentando-as com as duas mãos. Fiquei com muito medo só de eles estarem com aquilo.” Ela me contou no dia. “Passaram reto pela sala em que eu estava, mas o último policial parou na porta, me viu e entrou. Não falou nada, só pediu licença para ver o livro que eu estudava. Não era nada demais para ele, que procurava talvez por Marx. Então saiu e continuou com os outros. Não vi ou ouvi muita coisa antes de ver nosso professor sendo direcionado para fora, pelo mesmo corredor.”

Sem professores e sem aulas, não tinha muita coisa para fazer na faculdade fora estudar e militar na ALN. Os estudos eram opcionais, mas eu ainda queria me formar, então precisava estudar mesmo na situação caótica do país. Por isso eu e Tina marcamos de ir estudar hoje, sem compromissos com o movimento. Apenas duas estudantes aproveitando a ausência de aula. Eu estava atrasada, fiquei enrolando no chuveiro para lavar o cabelo, quinze minutos atrasada. Quando cheguei, minha amiga já me esperava.

“Se fosse depender de sua pontualidade, o Czar ainda estaria esperando Lenin até hoje!”. Ela me entregou um copinho com café, como forma de dar bom dia. Aceitei o café e retribui.

“Espero que você esteja animada para passar as próximas horas lendo livros comigo, Tina. Nem lembro qual foi a última vez que tivemos aula de verdade.”

Fomos para a biblioteca que, apesar da falta de aulas, professores e alunos, ainda permanecia aberta o dia todo. Como esperado, a maioria das mesas estava vazia, exceto uma menina de óculos e cabelo curto concentrada no caderno e outro menino no final da fileira

fazendo o mesmo. Sentamos o mais distante possível dos dois. Embora não fôssemos estudar nada sobre a ALN, o assunto ainda poderia surgir. Me sentei de costas para a entrada e deixei que Tina ficasse com a visão de quem entrava ou saía. Isso me distraía, não conseguia focar nos estudos como deveria. As horas com ela eram basicamente desfrutar da companhia uma da outra, porque não perdíamos tempo conversando à toa. Percebi que ela ficava muito tempo olhando para a porta. Embora estejamos distantes da entrada, ainda tem boa visão das pessoas. E isso estava me distraindo.

“Acho que seria melhor trocarmos de lugar”, comentei.

“Por quê?”

“Você está o tempo todo se distraindo com alguma coisa lá fora, e eu fico observando você fazer isso. Me atrapalha. Já li o mesmo parágrafo três vezes.”

Ela hesitou para responder, não sei se pensando em um pedido de desculpas ou outra coisa.

“Tem um homem ali que parece ficar nos observando. É meio esquisito.” Olhei de relance para ver se encontrava o tal homem. Virei com tanta rapidez que fiquei tonta, mas não encontrei ninguém. Voltei a atenção para Tina com expressão de dúvida. “Ele está ali, se escondeu naquela pilastra quando você olhou.” Falei que ia ficar atenta para olhar de novo e voltei a estudar. Ela ainda ficou inquieta, olhando bastante para a porta, mas pedi que diminuísse para o possível homem não perceber. Depois de alguns minutos, me virei discretamente e vi que tinha realmente alguém nos olhando. Os homens em geral me pareciam todos iguais vistos de longe, mas o topete liso preto não me deixaria confundir, era Ozório. Depois do dia em que o vi como oficial militar, com as vestimentas, os armamentos, a favor de tudo aquilo que eu lutava contra, não duvidava mais em vê-lo naquela posição. Não fiquei surpresa. Em contrapartida, estava começando a criar um sentimento por ele, alguma coisa me despertou em todas as vezes que saímos juntos. Não estávamos saindo com tanta frequência porque comentei que queria me dedicar aos estudos e aproveitar esse tempo sem aula. Ele entendeu. Mas acho que o jeito que ele tem de aproveitar os dias sem aula é se dedicando aos mandos do governo.

Não tinha falado ainda do meu envolvimento com Ozório para Tina. No início ela não era tão próxima para que eu pudesse contar, então teria que contar agora para explicar que o conheço. O problema é que não o conheço tanto assim, não sei quase nada sobre ele ou sobre o motivo de estar nos espionando. Bom... o motivo talvez eu saiba. Só não quero acreditar, porque isso me daria um problemão para resolver.

“Ele é o Ozório”, digo apenas, esperando que ela entenda. Mas não é isso que

acontece, ela continua com expressão intrigada. “Tive um envolvimento com ele alguns dias atrás. Saímos, nos beijamos, ele já subiu para o meu dormitório...” Eu falava e ela não expressava reação. Não entrei em detalhes para não fazê-la lembrar do relacionamento com Gilberto. contei que o vi na última manifestação que fizemos.

“Não sei nem o que te falar, Ieda. Pelo que você falou, ficou claro que o momento em que vocês se aproximaram foi propício para ele saber mais sobre você e seu papel na militância. Não posso duvidar do que ele possa sentir por você, mas infelizmente é isso que está parecendo... vamos cair!”

Eu sabia disso. Seria impossível criar uma relação com ele, não é nem pelo momento em que estamos, mas pelos lados opostos em que nos encontramos. Tinha duas alternativas: ou me afastaria para me proteger e a todos que fazem parte do movimento junto comigo (até porque na nossa última reunião foi exatamente isso que foi falado), ou eu entro no jogo de espionagem dele e faço a mesma coisa, me aproximo para conseguir entender e saber coisas que nos beneficiariam de alguma forma. Não sei se a segunda opção daria certo. Talvez seja só o meu coração querendo continuar perto dele. Mas para isso eu correria um grande risco de me machucar, e nem só sentimentalmente, mas no sentido literal da palavra.

São Paulo, 1969.

terça-feira, 01 de abril.

Ontem foi um dia mais difícil que o normal. Faz cinco anos do golpe militar que com certeza vai ficar marcado na história de nossas vidas. Essa semana tudo está mais intenso, nossas obrigações e limitações maiores. A USP começou a ficar fechada alguns dias na semana. Apenas terça e sexta podemos frequentar a faculdade. Até então era um espaço público, mas nem podemos mais pisar ali. Suspenderam todas as nossas aulas. Antes até tínhamos algumas do nosso projeto de extensão, mas nos tiraram até isso.

Tomei uma decisão nos últimos dez dias. Lembro que quando escrevi, estava com dúvida em relação ao que fazer com Ozório. Sinceramente, acredito que vai dar certo se eu seguir jogando o jogo dele. Pode dar muito errado: não descobrir nada ou ele entender o que estou fazendo. Mas pode dar certo também, apesar de nada dar certo para nós ultimamente. É uma forma de conseguir saber alguma coisa sobre ele. Por isso, o convidei para passar o dia de hoje comigo. Embora ainda não tenha em mente o que fazer, só quero entender qual é a intenção dele com tudo isso.

Alguns dias antes da USP começar a restringir o acesso, estava sentada no refeitório, que já não funcionava mais, mas estava ali para aproveitar o espaço silencioso e ler um livro. Os bancos eram confortáveis e era o único local na faculdade sem fluxo de pessoas. Inacreditavelmente, Ozório apareceu, sentando-se a alguns bancos à minha frente. Ele não tinha me visto ainda. Pensei em fingir que também não o tinha visto, mas teria sido quase impossível. Me levantei alguns minutos depois e fui até ele.

“Pensei que seria um lugar que ninguém mais iria querer vir”. Me sentei ao seu lado sem ser convidada, a essa altura, não estava me importando muito em ser educada ou esperar convite.

“Não imaginava te encontrar aqui”, disse depois de olhar para o lado e abrir o sorriso bonito pelo qual passei a gostar dele. Muitas coisas ainda me fazem gostar dele: o jeito que fala comigo, seus gestos atenciosos, seu sorriso. Muitas coisas me fazem odiá-lo: seu posicionamento político, seu trabalho, seus ideais. E sinceramente, isso estava pesando muito mais na balança do que qualquer característica física. Por isso não mudei minha expressão quando o vi sorrindo. “Faz tempo que não passamos um tempo juntos, não acha?”

“Concordo. Podemos fazer alguma coisa algum dia desses.”

Foi assim que combinamos de caminhar na Praça Vicente Rodrigues. Saindo da

faculdade, não andariamos mais que vinte e cinco minutos para chegar lá. Foi engraçado planejar um lugar que pudesse fazê-lo falar mais de si, alguma lanchonete poderia desviar a atenção dele para a comida ou para as pessoas ao redor. Outros estabelecimentos estão com restrição de horário. A única alternativa que consegui pensar sem tantos empecilhos foi uma caminhada. Não sou a pessoa mais disposta a caminhar, muito menos em plena terça-feira, mas unindo o útil ao agradável, acho que vai ser uma boa opção. Saí de casa às nove da manhã e o encontrei na calçada me esperando. Minha intenção não era forçar nenhum assunto, mas pelo menos tentar descobrir alguma coisa de maneira espontânea. Talvez pelo tempo que ficamos sem nos ver e sem ficar sozinhos, estávamos um pouco distantes. Nos cumprimentamos com um beijo no rosto e ele abriu espaço para eu seguir no lado esquerdo da calçada. Caminhamos alguns metros conversando só o básico: se tinha tomado café da manhã, como estavam os estudos, se estava pensando em continuar no CRUSP mesmo sem aulas.

Apesar de não ter pensado na possibilidade de voltar para a casa dos meus pais, não queria que esse se tornasse assunto nessa caminhada. Preferiria falar menos de mim e mais sobre Ozório.

“Você mora com o seu pai? Não sei se foi boa maneira de começar a perguntar sobre ele, mas no contexto da conversa me pareceu fazer sentido.

“Moro com o meu pai. Passamos a maior parte do tempo juntos.”

Ele hesitou em continuar falando. Não tocou no assunto do motivo de não morar com a mãe, mas deixei um espaço para que pudesse falar. “Minha mãe já é falecida, como já comentei com você, eu não me lembro muito bem a idade exata que eu tinha”. Ele não parecia mais tão chateado quanto deve ter ficado quando aconteceu. Desejei meus sentimentos a ele, de qualquer maneira. “Meu pai estava trabalhando quando aconteceu, tive que me virar com ela em casa. Mas acredito que foi o melhor para ela, por causa das dores e tudo que sentia. Desde então, somos só nós dois, não penso em sair de casa por agora e deixá-lo sozinho”.

“Imagino que não foi fácil para você, ter que ver sua própria mãe morrendo e estando sozinho com ela.”

“Não foi mesmo”, me interrompeu. “Mas ela foi a pessoa mais amorosa que eu já conheci na minha vida e não merecia sofrer o que sofreu, então acredito que foi o melhor para ela.”

Os olhos dele acompanhavam o sorriso — diferente de todos que eu já tinha visto. Falava da mãe com saudade, dava para notar. Por mais que diga que não se lembra tanto, o

silêncio e as escolhas de palavras entregavam que a amava mais que tudo.

“E depois disso só foi você e seu pai, sem mais nenhuma figura materna?” Eu estava começando a sentir o peso da caminhada. Embora ainda não tivéssemos chegado ao parque, o caminho era muito inclinado, demandando muito do meu controle respiratório.

“Por um bom tempo sim. Depois meu pai encontrou uma namorada que era legal, mas acho que minha mãe não queria que ele ficasse com outra mulher”. Ele riu da brincadeira e eu ri também, apesar de não ter certeza de ter entendido. “A nova namorada falava que sentia a presença da minha mãe na nossa casa e um dia não voltou mais.”

Tive que rir de verdade. Estava sentindo de novo o conforto ao lado dele, a leveza de cada conversa descontraída e como as coisas pareciam normais quando estava com ele. Não parecia que o mundo estaria acabando em cima das nossas cabeças. Por um segundo, esqueci quem ele de fato era.

“E o que o seu pai faz?” Por uns dois minutos, ele ficou quieto, parecia estar sempre pensando até qual parte da vida dele valeria a pena contar. Ou qual parte poderia inventar.

“Meu pai é sargento de terceira posição”. Senti seu olhar em mim, por mais que estivesse olhando fixamente para o ritmo dos meus passos, que agora pareciam querer sair correndo. Claro que iria seguir o pai, perdeu a mãe, terminou de ser criado pelo pai militar, que deve ter passado todos os ensinamentos conservadores que carrega consigo. “Cresci com ele me falando do trabalho e vendo ele o tempo todo saindo para trabalhar. Minha vida meio que já estava escrita por conta disso, sabe?”

Perguntei se ele pensa em seguir carreira policial. Eu já o tinha visto naquele dia da manifestação, sabia qual seria a sua resposta, mas do mesmo jeito que ele poderia saber muito mais do que está me transparecendo, eu precisava fingir algumas coisas também. Seu aceno de cabeça disse tudo.

Chegamos na praça. Nosso passeio se resumiu a duas voltas e meia. O céu começou a escurecer, as nuvens antes brancas se tornaram cinzas e decidimos interromper a caminhada para não tomarmos chuva. Se nós dois não fôssemos tão diferentes, com desejos de vida diferentes, perspectiva e opiniões diferentes, eu diria que estaria me apaixonando por Ozório. Mas nem tudo nessa vida é fácil de explicar: nem a situação política brasileira, muito menos encontrar um amor.

São Paulo, 1969.

terça-feira, 07 de abril.

Hoje o assunto que mais se ouvia no CRUSP era sobre o novo Decreto 477. Ouvimos pelo rádio que era o fim de qualquer esperança de liberdade que ainda restava. Se formos analisar, praticamente qualquer ação passou a ser tratada como crime subversivo. Criaram um tribunal de exceção dentro da universidade. Se a ALN organizar uma reunião sobre as condições precárias do restaurante universitário, ou se eu for pega carregando um panfleto contra o sistema sistema instaurado, estaria cometendo crime e seria levada presa. Pelo que entendi, o 477 institui também a proibição de matrícula. Se eu cair por causa desse decreto, ficarei três anos impedida de entrar em qualquer universidade do Brasil. E olha que nem vou conseguir me formar nessa. Estão tirando nosso tempo. Sabem que, para a nossa geração, ficar três anos sem estudar é como ser jogada num limbo: sem direito a diploma, sem direito a emprego, marcadas como perigosos em fichas que vão rodar o país inteiro.

Para os professores, a pancada é ainda maior: cinco anos sem poder trabalhar. Estão esvaziando as salas de aula sem escrúpulos e sem disfarces. Não precisam vir com tanques ou armamentos para intimidar: uma simples lei assinada pelo presidente é capaz de colocar medo em qualquer brasileiro que tenha um mínimo de consciência política.

A moradia acordou com um silêncio que não transmite tranquilidade, mas medo. Não se trata mais apenas de correr risco de levar borrachadas durante uma manifestação, o que querem mesmo é acabar com todos nós. Se um oficial cismar com o jeito ou as falas de alguém, resolve rapidinho. Se alguém ousar falar qualquer coisa sobre algum militante, é o fim da linha. Inclusive, se encontrarem esse diário em algum momento, sinto muito, mas minha vida também acaba. Minha vontade é pedir uma reunião à ALN para discutirmos o que fazer, mas seria contraditório ter uma reunião em cima de um decreto que proíbe qualquer ajuntamento. É fácil agora a faculdade ter suas portas fechadas e atividades suspensas por tempo indeterminado. Cada dia que passa, as coisas estão piores, a repressão maior e o medo cada vez mais fundado.

É estranho: minhas mãos suam enquanto escrevo. Se for descoberta, perco a liberdade, a faculdade, o direito de ser alguém neste país por três anos. É um beco sem saída. Não quero deixar a ALN na mão, mas não vejo alternativa para evitar as consequências.

Jud não gostaria que eu recuasse. Ela diria para lutar até o fim, por ela e por todos. Mas não sei até onde aguento.

Ontem pediram para intensificarmos a panfletagem na porta da USP. Eu travei. Há alguns meses, me prontificaria sem pensar. Agora pensei na minha mãe, no orgulho que senti quando entrei na faculdade, e na imagem do meu nome saindo no Diário Oficial como “expulsa por subversão”. Senti vergonha do meu próprio medo.

Desde quando deixei de ser aquela mulher de espírito militante, sem medo de ser pega, pelo bem da luta? Hoje, tenho medo.

Na entrada da faculdade, um aviso informava: portões restritos a três horas por dia, das 14h às 17h. Chico me contou que, no mural, estão colocando nomes de estudantes procurados ou acusados pelo Estado, com base em artigos do Decreto 477.

De manhã, estava na cozinha ouvindo o rádio, tentando me distrair com algo que não fosse a desgraça do país. Não consegui. Fui para o meu quarto, e aquele lugar nunca pareceu tão sufocante.

Instintivamente, influenciada por tudo que estava acontecendo à minha volta, comecei a limpeza de tudo aquilo que poderia servir para me incriminar um dia. Meus livros, todas as coisas que fizeram parte da minha trajetória pela ALN e que Judith tanto me ensinou a lutar. Não estava desistindo dos meus ideais, estava tentando sobreviver para continuar lutando.

Peguei a minha lixeira feita de cerâmica que ficava ao lado da minha mesinha de estudos, e posicionei ao meu lado. Peguei cada um dos meus livros e selecionei os que iriam ficar comigo e aqueles que iriam ter um destino indesejado. O Manifesto do Partido Comunista foi o primeiro que eu iria queimar. Peguei meu fósforo e comecei a queimar suas laterais, quando o fogo estava se espalhando dela lombada, joguei-o na lixeira. Sem perceber, minhas lágrimas começaram a cair e deixar minha bochecha completamente molhada. Fazer aquilo estava me doendo mais do que eu imaginei.

A política é imprevisível. Não sabemos quem será o próximo. E não quero esperar para ver. Pensei em destruir este diário também. Mas como registraria minha vida se fosse pega? Preciso dele para escrever cada passo que muda minha história.

Jud ficaria tão chateada se me visse fazendo o que estou fazendo agora, eliminando os vestígios da resistência ao regime militar, qualquer rastro que me ligue ao movimento estudantil. Em contrapartida, Ozório ficaria muito feliz. Sinto angústia ao pensar no que sinto por ele. Enjoo ao gostar de alguém que, no tempo que estamos saindo, já poderia ter feito um relatório de três páginas sobre mim. E ser o responsável por me prender e acabar com minha vida.

Não tenho medo da prisão. Tenho medo que Ozório esteja usando o carinho e o sentimento

fingido dele como uma algema.

A frase que me define hoje, cito de memória de forma imprecisa porque não tenho mais nenhum livro comigo, mas é mais ou menos assim:

“O amor romântico é uma das ideologias que surge na Europa no final do século XIX, com a consolidação da sociedade burguesa e o aparecimento da possibilidade de uma vida individual independente da vida comunitária. A relação amorosa passa a ser exaltado como sinônimo de realização pessoal e felicidade. O amor romântico propaga as ideias do amor à primeira vista e do amor sacrificial. Em relação ao amor, as mulheres são compreendidas como mais amorosas, emocionais e responsáveis pela promoção do amor e do cuidado no lar. O amor romântico cumpre a função de retificar e legitimar o patriarcado e o capitalismo ao reforçar papéis fixos e estereotipados às mulheres que as confinam ao âmbito da vida privada e da reprodução social, esfera importante para a manutenção do modo de produção capitalista e do patriarcado”¹¹⁰.

¹¹⁰ Ideia semelhante encontra-se contemporaneamente em BRAZ. Isana Rodrigues. **O amor romântico na sociedade capitalista e patriarcal**: uma crítica feminista marxista. Goiânia, p. 12. 2025.

São Paulo, 1969.
sexta-feira, 25 de abril

Cada semana traz uma novidade. Vemos as consequências das mudanças desde 64 todos os dias. O presidente acumulou todos os poderes institucionais; se em 67 eu achava que as coisas estavam ruins, hoje vejo que era otimismo ingênuo: acreditar num mundo normal, com liberdades reconquistadas, direito de andar nas ruas sem medo. A Constituição de dois anos atrás ainda nos sufoca. Parece que o governo encontrou um jeito de apagar a população, deixando só os apoiadores do Estado. Como militante, pergunto: quais garantias ela ainda nos traz? Na teoria, direitos básicos; na prática, os Atos Institucionais já os eliminaram.

Na última visita aos meus pais, perguntei pelos meus primos. Os mais novos, Arnaldo e Cecília, de sete e oito anos, disseram que o clima na escola mudou. Com linguagem infantil, contaram: as professoras estão mais rígidas, o conteúdo é controlado, os livros foram alterados para esconder certos assuntos. Percebi então que não são só os universitários afetados, são todas as camadas, todas as gerações.

O sucesso das modificações políticas e econômicas, vistas pelos apoiadores, é usado como desculpa para disfarçar a centralização do poder que começou lá atrás e tem se intensificado cada vez mais nos dias de hoje. Nada havia melhorado, toda e qualquer modificação feita foi, sem dúvidas para pior. O que mais me dói é ver a eficiência das propagandas incentivando a população a acreditar que esse é o caminho para a real melhoria do país. O nacionalismo já não está mais sendo suportado, está se tornando insustentável.

A ALN está se desfazendo, mais da metade de nossos integrantes já foram pegos, e os que restaram estão lutando com todas as forças que ainda restam, e sendo bem sincera, meus rastros de participação nisso também foram apagados pelo mesmo medo que eles sentem. Não sei até que ponto vale a pena acreditar que nossa luta adianta alguma coisa frente à forte pressão dos oficiais. Eu estava fazendo isso em justiça pela Jud, no entanto, não tenho notícias de sua vida, se ainda é que ela existe, e apesar de querer lutar pela minha nação, não acredito mais na minha capacidade de fazer isso com tão pouca força.

“Você é mais forte e corajosa do que imagina”, Chico me disse uma tarde, na sala de convivência, quando comentei que decidira sair da ALN. É irônico: fui eu que o

incentivei a entrar no movimento, a enfrentar pelos ideais que acredita, e agora desisto dos meus próprios. Não queria que fosse assim.

Hoje, sentada à mesa do quarto, escrevo com o coração apertado. Entrar na faculdade foi difícil; permanecer nela está sendo mais difícil ainda. E sair dela parece quase impossível. Sem aulas e sem a ALN, decido passar uns dias na casa dos meus pais. Lá me sinto protegida. Posso atualizá-los sobre tudo, e estar rodeada por eles me devolve um pouco de esperança no ser humano.

Espero estar melhor daqui a alguns dias. Espero encontrar alguma felicidade, contagiada pela energia positiva da minha mãe.

São Paulo, 1969.
quarta-feira, 02 de julho.

A quem estiver lendo esse diário, talvez Ieda de alguns anos à frente, eu sinto muito. As esperanças de notícias e dias melhores depois de chegar na casa dos meus pais não foram nem um pouco superadas. Enquanto minha mãe fazia nosso jantar, o rádio da sala contrastava suas informações do dia divulgando as chances do primeiro homem a pisar na Lua e as novidades do sistema repressivo no Brasil. Enquanto falavam nas tentativas de equipamento, nos testes de saúde e nas condições apropriadas para levar o ser humano à Lua, a oficialização da profissionalização da repressão foi divulgada como um soco no estômago.

O que antes era chamado de Operação Bandeirante (OBAN) agora é o embrião de um sistema ainda mais intenso de repressão. O General Emílio Garrastazu Médici e os doutrinadores da "segurança nacional" estão montando uma estrutura que reúne militares e policiais para fazer a verdadeira limpa nas ruas, tirar os subversivos e garantir que nunca voltem. O medo agora é baseado em um centro que vai coordenar as operações contra os opositores, a forma e os meios para que isso se realize eu não sei, e não estou ansiosa para saber.

A Tutóia é a rua em que se localiza a Operação Bandeirante, e já era um lugar de onde poucos voltavam sem marcas de agressão, agora parece ter se tornado o quartel-general de uma caçada aos opositores. Agora entendemos que siglas como DOI-CODI significam apenas uma coisa: a Rua Tutóia é o lugar para onde os nomes que amamos vão sem saber ao certo quando e se vão voltar. O governo diz que é para "defender a pátria", mas na verdade é um disfarce para um matadouro de ideais misturado com a impiedade policial. Eles não querem mais apenas prender; querem extrair informações a qualquer custo, usando métodos de tortura que a gente só ouve em sussurros desesperados.

Enquanto a classe média se deslumbra com as mudanças econômicas e os jornais celebram o crescimento do PIB, nós contamos quem não voltou para casa hoje. Estou na casa de meus pais, sem saber como estão os meninos do CRUSP ou meus colegas da USP, isso me traz uma angústia sem tamanho. O dia de hoje exala um sentimento de que os dias serão muito mais longos, nós estamos desorganizados e desorientados, enquanto eles, o governo e a força policial, estão cada vez mais organizados e com o planejamento à risca

de uma máquina de guerra. Minha mãe não me trouxe a positividade e felicidade que eu esperava encontrar em sua casa, embora ela sempre esteja com um sorriso no rosto, nem ela acredita que conseguiremos passar por esse momento sem um arranhão.

No momento em que ouvimos a divulgação da criação dessa organização, minha mãe fazia nosso jantar e meu pai ajudava a colocar os pratos na mesa. Eu, como de costume, estava lendo alguns materiais da faculdade, como um ato de resistência. Ao ouvir o noticiário, ela limpou as mãos no avental, nervosa, e veio até mim.

“Ieda, minha filha, você está escutando isso? Ouviu o que estão dizendo na rádio? Aquele lugar lá...na Rua Tutóia... agora dizem que virou um tal de ‘Centro de Defesa’. Estão montando alguma coisa ainda maior, filha. Dizem que agora polícia e exército são uma coisa só”.

Tentei evitar o máximo de contato visual que eu pude, mas minha mãe ficou por perto até receber uma resposta minha. Mantendo meus olhos firmes no caderno, eu respondi: “Eu consegui ouvir, mãe. Estão oficializando o serviço da OBAN. É para centralizar as informações”.

“Você sabe quem eles levam para esses lugares, não sabe? A filha da vizinha disse, quando foi mesmo?”, ela pensou um pouco, “semana passada, que o primo dela não aparece há três dias. Eu não consigo imaginar como você teve coragem de enfrentar esse povo, Ieda”. ”Mãe, por favor... eu já disse. Eu não estou mais indo às assembleias e nem sei se estão mantendo as reuniões. Se eles não tiverem pego meu nome nas assembléias anteriores, estou fora de perigo”. Senti os olhos dos meus pais caírem pesados sobre mim, embora eu sinta falta de estar fazendo alguma coisa em prol das lutas, sinto alívio por tirar a preocupação de me perder deles.

Minha mãe comunicou que o jantar estava pronto, e meu pai já estava sentado na cama esperando que seu prato fosse servido. Alguns costumes dos meus pais não cabiam a mim tentar mudar e, por mais que eu não faria esse papel, acho fofo o jeito patriarcal que minha mãe sempre coloca a comida dele todos os dias. Depois do jantar, tínhamos um tempinho para ficar na rua até dar o horário do que chamamos de “aprisionamento residencial”, então eu e minha mãe fomos dar uma volta no quarteirão para esfriar os pensamentos.

Calçamos nossos sapatos e colocamos um casado para não correremos o risco da friagem também estar violenta e nos fazer mal. Dei um beijo no meu pai que logo foi se deitar no sofá com o seu jornal para que pudesse terminar de lê-lo e saímos pela porta. As ruas estavam tão silenciosas, o breu da noite parecia rastros de incêndio e as luzes mal

estavam funcionando. Em meio a tanta violência e desumanização, nem a natureza estava conseguindo sobreviver. O caminho foi mais um fardo carregado de silêncio e inquietações, ao mesmo tempo em que queríamos conversar sobre nossas opiniões, aqui não era um lugar adequado, visto que, se nem dentro de casa podemos falar explicitamente sobre tudo, na rua muito menos. Queria contar para minha mãe sobre Ozório, queria dizer que eu realmente estava gostando dele, embora todas as circunstâncias. Ele não era o homem ideal para ser a história de amor que contamos para nossa mãe, muito menos deu chance para se tornar uma história de amor. Mas ele era alguém que eu queria que ela conhecesse.

Durante todo o caminho que fizemos fiquei pensando em como eu o apresentaria e como seriam as opiniões da minha mãe. Ela com certeza gostaria de sua aparência física, temos os gostos parecidos para diversas coisas. Ozório é educado e atencioso, a agradaria desde o momento em que se cumprimentassem, mas, diferentemente de mim, não sei se ela daria tanta importância para sua atuação política. Minha mãe passou a ficar atenta aos movimentos políticos que andam acontecendo, em parte por preocupação comigo, mas também pelas notícias que iam se propagando com o tempo. Ela nunca teve o costume de acompanhar acontecimentos políticos, mas dessa vez não teve escapatória, ela teve que acompanhar o noticiário.

Na geração passada, os amores eram construídos de uma forma bonita, pelo que minha mãe conta. Ela e meu pai se conheceram por causa de uma briga na roça, que as duas famílias se conheciam, e brigavam por terras e gado. Eles, ao contrário dos familiares, começaram a se apaixonar todas as vezes que se viam até passar a se encontrarem escondidos. Meus encontros com Ozório, não tem e jamais teriam essa emoção toda, por todas as diferenças e conflitos que temos entre nós dois. Apesar das altas probabilidades de não existir uma relação entre nós dois, imaginar como seria o encontro dele com a minha família me desviou dos terríveis assuntos da realidade e, quando me dei conta, estava na porta de casa novamente, dentro de uma vida na qual eu não queria estar vivenciando.

Fui me dando conta de que minha relação com Ozório não pode ser apenas um refúgio para os meus problemas, estamos sob uma repressão política que não ignora nossas escolhas pessoais. Amá-lo enquanto acontece um regime militar, exige vigilância constante. Eu não poderia mais me alienar em planos românticos enquanto a censura e as prisões políticas definiam o destino dos meus companheiros de movimento. Minha responsabilidade com a causa democrática me mostrou que eu preciso de alguém ao meu

lado que fortaleça minhas opiniões, e não as coloque em dúvida.

São Paulo, 1969.
sexta-feira, 04 de julho.

Fazem dois dias que anunciaram o DOI-CODI e ainda tudo é uma novidade. Nas ruas e comércios parece que algo mirabolante aconteceu, e de fato. Já fui duas vezes ao mercado com o meu pai e em todas elas escutamos alguém comentando baixinho da nova organização que criaram, confesso que a minha vontade era participar da conversa como fazíamos no CRUSP, simplesmente chegar e trocar nossas ideias e entendimentos. Da última vez que fomos às compras, o senhor que estava passando seus legumes no caixa comentou com o trabalhador:

“Você conseguiu entender o que vai mudar a partir de agora?” Enquanto que, por sua vez, o funcionário do mercado respondeu:

“Na minha opinião eles só querem colocar medo em nós, por isso inventam outros nomes, cada vez mais complicados para que pareçam que são mais assustadores.

“E você não acha que isso é assustador?”, o senhor se indignou com a resposta que recebeu e parou, por um instante, de conferir os valores que estavam sendo passados em sua compra. A resposta que o senhor estava esperando não veio verbalmente, mas um balanço negativo de cabeça foi o suficiente para entendermos que pessoas como ele existiam por todos os cantos, que não acreditam no poder e na crueldade de um governo repressor.

Coincidência ou não, atrás de nós tinha um homem cujas roupas eram bem largas e escuras, e o cabelo caindo em seus olhos, mas ao começar a falar sobre o assunto que estava acontecendo à nossa frente, arrumou algumas mechas colocando-as para trás das orelhas.

“Por um acaso o senhor sabe o que significa a sigla dessa tal organização que o senhor está falando que só trocaram o nome?”, seu olhar estava sendo dirigido ao funcionário do caixa, que procurou a voz que estava falando no meio das pessoas que estavam na fila para passarem suas compras. O homem pediu licença e eu rapidamente abri espaço para ele. “O DOI, significa destacamento de Operações de Informações, e o CODI, Centro de Operações de Defesa Interna. O que você acha que isso mostra?”, sem obter nenhuma resposta, ele continuou: “É o jeito que o governo entendeu que, por meio de estratégias, conseguiria tirar ainda mais as nossas forças, nos levando ao limite e à condições extremas para conseguirem o que querem, e o que eles querem é nos forçar a

ficar do lado deles, serem como eles, caso contrário, não tem porquê existirmos”.

“Como você pode ter tanta convicção do que está falando?”

“Porque, por um acaso, eu sou professor, afastado dos meus trabalhos involuntariamente por conta do que o governo está fazendo conosco”.

Não houve mais discussão, o moço que trabalha no caixa não argumentou sobre nada, depois do senhor que estava na nossa frente pagou pela sua compra, sendo xingado, mais à frente por um outro cliente que ouvia a conversa: “Comunista!”. Meu Pai e eu passamos nossos itens e saímos do mercado calados. Era muito esquisito ver que a realidade da USP está também em todos os ambientes escolares e acadêmicos. Não é imaginação nossa ou invenção, é real, e está acontecendo com todos desse país. Quanto mais eu conheço pessoas que estão sendo impactadas com o novo modelo de governo, mais arrependimento eu sinto por ter me afastado da ALN. Aquilo era o que eu queria fazer, que eu acreditava ser certo. E a decisão de voltar para o movimento foi comunicada ao meu pai assim que chegamos na porta de casa.

Ele não me convenceu, como pensei que poderia fazer, mas também não me motivou. A resposta que me deu foi tão dolorido quanto se tivesse me batido: “Se você for presa, ou morrer, a minha vida acaba”.

Eu queria ter mais coisas pra contar no dia de hoje, mas os dias não têm sequer uma notícia boa que compense eu contar aqui. Só que eu decidi que voltarei para o CRUSP nos próximos dias, e voltarei também para a ALN, de onde eu jamais deveria ter saído.

São Paulo, 1969.

terça-feira, 24 de julho.

Estar de volta é mesmo um turbilhão de sentimentos bons e ruins. Bons porque meus amigos ainda estão aqui, vivos e até agora, seguros; mas ruins porque a realidade é muito dura. Cheguei na moradia estudantil no último domingo e, desde então, me atualizaram a respeito das pessoas que foram levadas pelos policiais em uma batida. Dois meninos eram da ALN e uma menina é moradora aqui do CRUSP, poderia ter sido eu, pega em flagrante em algum lugar da rua ou da faculdade, ou até mesmo dentro da minha própria moradia. Escrever no meu diário é o único lugar que eu posso confessar meus medos e desejos, até ele ser encontrado e eu ser presa, mas agora, eu só queria ser uma criança de oito anos que acredita que o mundo é mágico e que não sabe que a morte existe. Mas cá estou eu, novamente, na triste realidade que a comunidade acadêmica se tornou, junto com Chico e Tina na sala de convivência.

Chico e eu nos aproximamos muito depois daquele jogo de baralho, em parte porque o apresentei ao movimento, mas também porque nos vemos todos os dias na moradia. Passamos quase todo o tempo juntos, quando ele não está estudando ou com os amigos.

Hoje cedinho, tomávamos café na cozinha quando ele sugeriu irmos até a USP para ver como está depois de tanto tempo sem aulas e sem alunos. A maioria, que é de outras cidades, voltou para a casa dos pais. Nós, que ficamos por perto, usamos o espaço para estudar ou só passar o tempo.

Chico trouxe um livro de poemas que gostava de ler, de relance, olhei que era “Obra Poética”, de Sosigenes Costa, e eu trouxe o meu diário. As vezes eu queria fazer como ele, e apenas me entreter com uma boa e comum poesia, sem estar atenta a livros sobre política o tempo todo, mas tudo o que eu quero ler é a respeito dos ideais que prevalecem nesse governo. Sentamos em uma das salas do nosso bloco e estamos um ao lado do outro. Claro que eu não estou numa posição que o permita ler o que estou escrevendo, mas também não haveria problemas se isso acontecesse.

Além de nós, só tinha o barulho dos ventos e dos passarinhos que cantam do lado de fora, dando a impressão de que o mundo sempre foi muito harmonioso. Mas agora eu consigo ver que essa harmonia é rapidamente cessada quando escuto alguns passos pesados, como se um homem com botinas grandes estivesse andando lentamente pelo

corredor. Eu olhei rapidamente para Chico procurando alguma reciprocidade no que eu tinha ouvido, mas não foi necessário porque os passos começaram a ficar ainda mais altos. Ele fez um sinal para que eu fechasse o meu diário e agisse com tranquilidade para não darem abertura para nada. Eu não sou uma pessoa muito religiosa, mas neste momento, orei para todos os deuses que possam existir para que não acabemos sendo levados. O medo foi aumentando conforme os passos iam se aproximando e é engraçado como as pessoas têm o poder de colocar medo na gente, sem nem mesmo estar na nossa frente. O policial fardado que estávamos esperando aparecer pela porta, na verdade era apenas Ozório com suas botinas pesadas. Sinto um alívio ao vê-lo bisbilhotando para dentro da sala e vendo que eu estou ali, mas, ao mesmo tempo, me pergunto se eu também não deveria ter medo dele, afinal, ele e um oficial militar é quase a mesma coisa. Olhei para Chico confortando-o por conhecer a pessoa que nos apavorou instantes atrás e ele só ficou tranquilo quando Ozório se aproximou chamando meu nome.

“Ieda!”, ele exclamou. “Faz tanto tempo que não te vejo, senti sua falta.”

Abriu os braços para me envolver num abraço que, aos olhos do meu amigo, parecia a coisa mais esquisita do mundo. Fazia tempo mesmo que não o via, e só de pensar em abraçá-lo, meu coração acelerou. Eu queria aquilo, tê-lo por perto, mesmo que todas as circunstâncias me dissessem que era errado.

“Fui visitar meus pais, sabe como é, aproveitar esse tempo sem aula.” Não sabia o que dizer a ele, quais limites da minha vida ele poderia acessar. Mantive-me na superficialidade. “E você, o que tem feito esses dias?”

Ele se sentou em uma das mesas que estava à nossa frente, um pouco mais perto de mim do que de onde Chico estava sentado. Estendeu a mão para cumprimentá-lo e se apresentou.

“Não tenho feito muita coisa. Sem aulas, sobra tempo. Mas passei um pouco com meu pai, ajudando-o com algumas tarefas.” Fiquei imaginando que tipo de tarefas Ozório ajudaria o pai a fazer. Ler relatórios? Planejar batidas? Vigiar algum canto da cidade? É difícil me imaginar com ele quando penso no que ele pode fazer no tempo livre.

“A faculdade ocupa a maior parte do nosso dia e quando não temos nenhum compromisso dela, até achamos estranho”. Chico comentou, fechando o livro que estava lendo e colocando-o em cima da mesa. “Eu preciso ir, Ieda, vou aproveitar para fazer algumas coisas lá em casa e estudar um pouco”. Ele se levantou colocando o livro embaixo do braço e se aproximou para dar um beijo no topo da minha cabeça. Confesso que eu me assustei com esse gesto, ele nunca tinha feito isso, mas acho que foi para

demonstrar preocupação e presença, visto que ele estaria me deixando sozinha com Ozório. E eu gostei da atitude dele. “Se precisar de alguma coisa, já sabe”.

Chico saiu, e eu fiquei a sós com um aspirante a oficial militar que apoia o governo repressivo em que vivemos. Mas, em parte, minhas expectativas ao voltar ao CRUSP incluíam encontrá-lo novamente. E aqui estamos, sentados numa sala da faculdade, sem muito o que conversar. Pude reparar bem como ele está mais bonito: o cabelo um pouco mais curto que da última vez, a sobrancelha grossa, o corpo mais cheio e forte. Estava lindo.

“Quer fazer alguma coisa hoje, talvez poderíamos almoçar em algum lugar bacana”. Eram dez e meia da manhã, faziam poucas horas que eu tinha tomado café e não estava com muita fome. “Podemos almoçar, só que teria que ser um pouco mais tarde porque eu acabei de comer”. Ele soltou uma risada, mas concordou que seria melhor esperarmos um pouco, até porque nenhum lugar deve começar a servir almoço às dez e meia da manhã.

Enquanto esteve comigo, mantive o diário fechado para que ele não lesse nada. Mesmo assim, seus olhos desceram até a mesa e pousaram sobre ele.

“Seu caderno de estudos?”, perguntou.

“Sim”. Menti. E completei rapidamente. “Sou melhor escrevendo do que lendo, então eu prefiro fazer as minhas anotações para entender melhor o conteúdo.

“Eu também sou assim, o professor manda a gente ler um tanto de coisa, mas no fim, as explicações dele são muito mais eficazes”.

Ficamos um tempo considerável conversando sobre as aulas que mais gostávamos, os professores e nossa rede de amigos. Descobri que ele é de poucos amigos, sem muitos com quem conversar, contou que seus amigos de escola não entraram na faculdade porque preferiram fazer cursos para serem policiais e ele teria seguido o mesmo caminho se o pai não tivesse o obrigado a escolher um curso. Pelo pouco que ele me contou, seu pai deve tê-lo criado de maneira muito rígida, e a falta da mãe deve ter influenciado muito na relação e no crescimento dos dois. Não que isso justificasse qualquer pensamento e ação que o pai dele ou ele poderia ter, tantas pessoas com problemas estruturais familiares e não pensam em apoiar uma ideologia repressiva.

Por volta das onze e meia, decidimos almoçar em um restaurante próximo à faculdade, não andamos nem dez minutos para chegar. Por incrível que pareça, quando estamos perto um do outro, não parece que estamos lidando com extremos, eu e ele. Dois extremos que, se tivéssemos coragem, nos matariamos. E o que eu consigo sentir agora é

só alegria e alívio por estar me divertindo um pouco em meio ao caos brasileiro. Enquanto nós nos acomodamos em uma das mesas próximo à saída, por conta a corrente de vento que está fazendo no dia de hoje, eu me peguei comparando duas personalidades completamente diferentes: Chico e Ozório. Meu amigo Chico tinha se tornado muito próximo a mim nos últimos meses, estamos criando uma liberdade de fazer brincadeiras e piadas um com o outro, temos a liberdade de conversar sobre qualquer assunto e sobre nossas próprias famílias, além do fato de ele também ser membro da ALN. Agora, analisando as características de Ozório, eu tinha receio de conversar com ele e deixar escapar algo que possa me comprometer, embora eu me divertisse com ele gostasse de passar momentos juntos. Mas tinha um fator muito importante: a atração que eu sentia por Ozório ia além da compatibilidade de diálogo, algo que eu não sentia por Chico.

Então, naquele momento, eu torcia para que o homem que estava na minha frente me beijasse, daqueles beijos de saudades, de quem passou dias longe da pessoa que gosta. E esse beijo aconteceu um pouco antes da nossa comida chegar.

São Paulo, 1969.
quarta-feira, 27 de agosto.

Tenho tanta coisa para atualizar sobre o último mês. Sei que desapareci por mais de trinta dias, e me desculpe se deu a impressão de que eu tinha sido pega, levada, presa ou morta, a verdade é que muitas coisas na minha vida mudaram. Na verdade não foram tantas coisas assim, se formos pensar em quantidade, mas em qualidade, foi uma mudança considerável. As duas notícias que tenho para contar são boas, pelo menos para mim, isso vai depender do ponto de vista de quem está lendo, e vou começar por aquela que não envolve minha vida pessoal. Eu sei que é feio e errado desejar o mal na vida de alguém, mas existem pessoas que são tão desumanas que merecem todo o mal terreno.

O dia amanheceu com a notícia de que, para muitos, o presidente Arthur da Costa e Silva sofreu um acidente. Pelo que foi divulgado na rádio, ele teve um AVC e está em estado grave no hospital. Embora saiba que esses jornalistas podem muito bem aumentar a história do jeito que eles acham mais adequado, a fiscalização em cima das reportagens está muito grande, por isso creio que seja verídico o estado atual dele que foi anunciado. Eu não acharia ruim se ele viesse a se incapacitar, ser obrigado a deixar suas atividades políticas e quem sabe convocar eleições livres. Seria até cômico, o homem que assinou o Ato Institucional número 5, ser derrotado pelo próprio corpo, pela própria saúde debilitada. A notícia na rádio foi como um colírio para nossos olhos irritados, o repórter anunciou a abertura do jornal com uma incerteza na voz:

“O momento agora é de preocupação e tensão na capital da República, senhores brasileiros, iniciamos esse programa com uma chamada especial no dia de hoje”. Eu estava ao lado de Ozório no momento em que ouvimos esse anúncio, olhei para ele de canto de olho para ver se seu comportamento mudaria. Seu corpo se endireitou na cadeira em que estava sentado, na nossa sala de convivência da moradia, e parou de brincar com a linha solta da camiseta. “O país desperta sob o impacto de uma notícia que altera os rumos da nossa história. O Palácio do Planalto confirma: o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, encontra-se temporariamente afastado de suas funções em virtude de uma grave enfermidade circulatória cerebral.”

O tom de voz muda, conseguimos ouvir uma voz mais baixa, feminina e, sem dúvida, com mais empolgação que a voz anterior.

“O cenário agora é de total incerteza sobre o futuro do nosso país. O que será que podemos esperar nas próximas horas? É importante torcermos e orarmos pela vida do nosso presidente e desejar boa e rápida recuperação, mas a dúvida que não quer calar: podemos começar a pensar em uma mudança política nesse momento? Ou o nosso forte e guerreiro presidente somente quis nos passar um susto? Fique sintonizado nesta estação para novas informações que podem chegar a qualquer momento. O Brasil aguarda o próximo passo dos Ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica. Pelo bem da ordem e da pátria, mantenham a calma”.

Todos estavam paralisados. Na sala, estava eu, Chico, seus amigos, Tina e Ozório, a essa altura da minha relação com ele, Tina começou a se aproximar e conversar mais com o homem que estava presente todos os dias na minha vida, de alguma forma. Sendo assim, Ozório foi obrigado a se retrair com as comemorações feitas pelos meus amigos perante a notícia que acabamos de receber. Eu, sem ao menos lembrar quem estava ao meu lado, comemorei junto a eles, soltando um “esse desgraçado está tendo o que merece”, sem ao menos me dar conta de que, esse “desgraçado” a qual me refiro, é o presidente de Ozório. Não percebo o que aconteceu até ver que ele não está mais sentado onde estava, mas sim, está saindo pela porta para ir embora do CRUSP. E como namorada dele, essa é a outra notícia que eu tinha para atualizar, precisei ir atrás.

Vou detalhar como isso tudo aconteceu, te poupando de alguns detalhes, claro. Estávamos indo jantar pela primeira vez, até então, só tínhamos ido à lanchonetes e restaurantes durante o dia, que é o que nos era permitido dentro das nossas condições, mas, um dia, eu estava sentada no gramado da faculdade lendo um livro e ele chegou com uma rosa retirada de algum lugar aqui do campus. Ele foi a primeira pessoa a me dar flores, e esse gesto pequeno de uma flor retirada do gramado fez eu me sentir amada. E para ser sincera, não me importava com essa atitude até receber uma. “Você pode colocar a melhor e mais bonita roupa que você tiver, hoje vou te levar em um lugar diferente”.

E assim fomos em um restaurante que eu nunca tinha ido na minha vida, tão bonito que nem o nome dele eu me atentei para deixar registrado aqui. Mas o lugar era bem escuro, tinha algumas velas na porta de entrada e uma pequena em cada mesa vazia, as mesas ocupadas tinham as velas apagadas. Ao contrário do que estávamos acostumados a fazer, sentamos em uma mesa mais ao fundo, com mais privacidade e recluso das outras pessoas; assim que sentamos, o garçom já nos trouxe nosso pedido que, aparentemente, já tinha sido reservado por Ozório. Comemos e, para ser sincera, nunca me senti tão especial como nesse dia, três de agosto e, quando estávamos quase indo embora, ele me chamou.

“Ieda, eu sei que estamos passando muito tempo juntos, e estou gostando demais de ficar cada vez mais ao seu lado. Eu te acho tão inteligente e simpática, que fico pensando em

você o dia todo. Eu queria muito que soubesse quão ansioso meu coração fica quando chega a hora de te encontrar e provavelmente, ele não vai aguentar muito mais sem te perguntar se aceita namorar comigo. Então, para o bem da saúde do meu coração, eu te faço essa pergunta hoje, se você aceita namorar comigo”.

Eu aceitei.

Mas aceitei com medo do que eu sentia por ele. Eu gostava muito de Ozório, mas não o amava. Eu gostava da ideia de tê-lo por perto, mas tinha medo de ele saber coisas sobre mim. Isso não é amor. Mas por enquanto, eu deixei ele nomear o que a gente tem como um namoro.

São Paulo, 1969.

quarta-feira, 03 de setembro.

Há um mês, ele me pediu em namoro. Eu aceitei, sem pensar com clareza, sem racionalidade. Hoje, eu estou oficialmente voltando às práticas do movimento da Aliança Nacional Libertadora, da qual eu nunca deveria ter saído. Embora, mais do que nunca, eu tenho que esconder minhas opiniões do homem que deveria ser meu companheiro. Se antes eu já achava complicado e nem gostava de ter que ficar omitindo ou escondendo informações, agora terei que fazer isso ainda mais. Agora que passamos de apenas amigos para um casal, terei que omitir algumas atividades do movimento que com certeza me entregariam para a polícia.

Um dos maiores motivos que me levou a voltar às práticas ativas da ALN foi a angústia de ter perdido minha amiga, uma dor que só cresceu com os dias.

Isso não me deixou em paz. Nem por um segundo. Fiquei todos os dias desde que Jud foi levada pensando que eu não fiz o suficiente para ela ser liberta e estar aqui comigo nesse momento. Não me movimentei, pelo contrário, eu desisti quando a coisa começou a apertar, ela nunca teria desistido tão fácil desse jeito e, quando fui pedida em namoro, por mais que não tenha envolvido tanto desejo tão forte de minha parte, como Ozório demonstrou, eu fiquei empolgada e contente, e queria contar isso para a minha amiga Judith. Ela teria pulado de alegria em saber que ao menos uma de nós estava aproveitando a vida.

Meu coração se partia por saber que minha amiga poderia estar sendo tratada de qualquer jeito. Nós discutimos nas assembleias o que e como eles agiam com os subversivos que eram pegos. Levados para o novo Departamento de Operações de Informações para tentarem extrair informações de funcionamento interno dos movimentos e integrantes. Eu confiava de olhos fechados em Judith e sabia que ela não iria deixar escapar nenhuma informação sobre a ALN ou sobre qualquer coisa que poderia nos prejudicar estando aqui do lado de fora. Por enquanto.

Me arrumei para sair com Tina e Chico para nossa primeira reunião do movimento depois que voltei a participar e parece que estou sendo vigiada o tempo todo, fazendo algo que possa me prejudicar a cada minuto. Saímos do CRUSP com uma mochila nas costas, com o básico que precisamos para uma reunião: um caderno em branco e uma caneta.

Colocamos também um livro da faculdade para que possamos usá-los como desculpa em caso de alguma batida, assim, se perguntarem onde estamos indo, podemos responder que estamos indo estudar. Eu tinha medo de até onde essa desculpa ainda seria válida, porque até então, nossos professores não podiam mais atuar como professores, devido ao tema de nossas aulas. Alguns cursos e turmas ainda tinham aulas, porque não iam de encontro com os ideais repressivos do atual governo. Ainda assim, preferimos arriscar a ideia de estarmos indo estudar.

A reunião de hoje seria feita em um dos blocos que menos usamos na faculdade, por ter menos risco de alguém achar que teria pessoas ali. Quando chegamos, nos reunimos com o pessoal que já havia chegado e nos organizamos sentados nas cadeiras, formando um círculo.

“Que bom ter você de volta com a gente, Ieda, você é parte fundamental nessa luta”. Uma colega me cumprimentou colocando a mão em meu ombro e me puxando para um abraço. “Eu sei o motivo de você estar aqui, e tenho certeza de que ela ficaria muito feliz”. Lucinda estava se referindo à Jud, já havia visto as duas conversando antes mesmo de eu entrar para a ALN, não sabia se elas eram tão próximas nas reuniões, mas no cotidiano da faculdade, elas não estavam muito tempo juntas. Depois de um tempo, Chico se posicionou à nossa frente sentado em uma das cadeiras que estavam dispostas ao canto da sala e deu início à reunião.

“Boa tarde, pessoal, primeiramente quero agradecer por ter me dado a oportunidade de comandar essa assembleia hoje, mesmo sendo membro há pouco tempo. Quero que olhem ao redor. A cada semana que passa nossas reuniões estão ficando mais vazias. E precisamos conversar sobre como vamos resistir à censura e lutar pelo crescimento desse movimento”. Eu não tinha reparado, mas em comparação com as primeiras reuniões a qual Jud me levava, essa tem quase a metade de participantes, eu não os julgo, porque podem ter muitas realidades diferentes. Ou a pessoa não gostou de participar de um movimento ou pode ser que o medo e a insegurança tomaram conta das ideias de lutar, como foi o meu caso. “Precisamos de confidencialidade total. A partir de agora, o silêncio não é só uma regra, é a nossa proteção. O regime aumentou a repressão e a tortura virou algo oficial. Nada de anotações e agendas, o que será passado a partir de agora ficará apenas na sua memória, e quando alguém te perguntar alguma coisa, você deve esquecer tudo o que já conversamos aqui que pode denunciar alguém”.

Cada palavra de Chico ficou gravada em minha memória, ele era excelente em se comunicar com o restante do grupo, quase todos ali olhavam muito atentos para ele,

esperando a próxima pauta. Exceto alguns que, por distração, ficavam o tempo todo olhando pelas janelas, talvez com medo de alguém aparecer.

“A maior segurança que podemos ter uns com os outros é não saber dos detalhes da vida privada de cada um. Assim, se formos descobertos, o que não sabemos não pode ser usado contra nós. Entendemos os motivos pelos quais alguns de nós estão saindo da ALN, mas precisamos de mais pessoas na nossa luta. Nosso movimento não consegue se manter com um grupo pequeno que só diminui. É preciso formar uma massa crítica. E, para isso, não vamos fazer recrutamento com cartazes ou anúncios grandes. O recrutamento acontece nos detalhes, nas conversas e no dia a dia”.

Com isso, ele citou que nós poderíamos anunciar a ALN para pessoas que conhecemos e confiamos, plantar a dúvida e questionamento sobre as ações militares para aqueles que realmente se colocariam a pensar. O maior problema é fazer isso cair em ouvidos errados, porque agora seria assim, o cuidado precisa ser redobrado e cada passo que dermos tem que ser analisado e direcionado. Porque se cair em pessoas erradas, poderia ser o fim para todos nós.

Saímos daquela reunião aos poucos, não em bando. Tina, Chico e eu fomos os últimos a sair. Quando estávamos atravessando a portaria da faculdade, encontrei Ozório vindo em nossa direção. Eu não queria que Chico soubesse do meu namoro com ele, apesar de que deve ter percebido alguma coisa quando nos encontrou na sala de aula. Mas é que parece errado estar nesse relacionamento, pelo seu histórico de pensamento, e não queria que meus amigos se sentissem ameaçados o tempo todo por ele. Assim como eu me sinto às vezes. Viver com essa dualidade entre gostar dele e ter medo das atitudes que ele pode ter, me assustava. Por ora, apresentei Ozório brevemente como um parceiro. Era o máximo que eu podia fazer naquele momento. Depois dali, Chico seguiu com Tina para o CRUSP e eu pedi que fossem na minha frente, para que eu conversasse um pouco com Ozório.

Fizemos o mesmo caminho que os meus dois amigos, só que alguns passos atrás, e vendo-os de maneira afastada, em um mundo ideal e colorido, eles seriam um ótimo par. Digo ideal e colorido porque Tina acabou de perder Gilberto para o regime, quando ele foi levado preso, não sei se essa ferida no seu coração abriria espaço para uma nova oportunidade de ser feliz. Distraída com a fantasia que eu estava criando na minha cabeça, não estava prestando atenção nas falas do meu namorado. Ele falava sobre como o pai cobrava que seguisse seus passos o quanto antes, e como ele se sentia cada vez mais pronto

para, oficialmente, trabalhar na polícia brasileira.. O papel correto de uma namorada seria incentivar seu companheiro a seguir seus sonhos e desejos, mas como eu não poderia fazer isso por ele, apenas falei que se é o que ele quer fazer da vida como profissão, que fizesse.

São Paulo, 1969.
sexta-feira, 12 de setembro.

Pelo visto, um relacionamento é muito mais complicado do que eu imaginava. Você tem que dedicar uma atenção que, às vezes, não está preparada para dar, especialmente a alguém como ele. É difícil não contar para onde vou passar a tarde, com quem conversei a noite toda, o que escrevo neste caderno.

Esses dias, Ozório quase leu minhas anotações. Não sei o que faria se lesse. Talvez jogasse o diário fora, ou me denunciasse. Não acredito que me pouparia só por ser sua namorada.

Naquele dia, ele me disse para não ter medo de mostrar as coisas quando perguntassem, que esconder poderia me prejudicar. Não levei como ameaça, mas respondi: tenho direito de não revelar o que não quero revelar, é um direito fundamental que a ditadura.

Ele só respondeu com um “tudo bem”, seco, plano, sem tom. Não sei o que esconde nessas duas palavras. Algo nos inquietava mutuamente. Hoje não vou escrever muito, acho que devo poupar algumas coisas que possam me colocar em risco caso este caderno seja encontrado. As páginas que escrevi, bom, não posso simplesmente apagá-las, talvez arrancadas e queimadas, mas por ora, vou deixá-las aqui como registro. Talvez, se as coisas piorarem e se der tempo, eu as queimo. O aviso de Ozório me deixou pensativa sobre a possibilidade real de eu ser presa por conta das coisas que escrevo. O que há de mais íntimo no indivíduo, as ditaduras tomam para si.

São Paulo, 1969.
domingo, 21 de setembro.

Hoje foi o pior dia da minha vida.

Estou sentada no pequeno espaço entre o vaso sanitário e a pia do banheiro do local em que me jogaram. Mas vou explicar como tudo aconteceu. Por sorte, esse caderno é pequeno o suficiente para que eu escondesse no estreito espaço entre minhas costas e a calça. Bom, tenho que ser a mais detalhista possível, mas ao mesmo tempo, breve, porque não sei quando serei tirada daqui, e quando isso acontecer, não posso escrever. São Paulo amanheceu no sábado como todos os dias: nublado, vento fresco.

Eu estava prestes a encontrar Ozório na praça do Relógio, por volta das nove e meia. Mas ele se atrasou. Não entendi o motivo já que ele sempre chegava adiantado. Exceto no dia em que me levaram presa. Ali, ele se atrasou. Na realidade, um fato ainda mais esquisito aconteceu: quando o vi chegando, um Opala preto se aproximava dele. Me lembro de começar a nossa conversa pedindo para ele tomar mais cuidado.

“Você viu que tinha um carro atrás de você?” Ele olhou para trás procurando o veículo que eu mencionava e negou com a cabeça. “Tinha um carro bem atrás de você, andando, você precisa tomar mais cuidado”.

Sua resposta foi marcante para mim. “Eu não preciso tomar cuidado, Ieda, acho que quem precisava era você, tomar mais cuidado”.

Entendi que ele se referia ao fato de eu ser estudante e militante da ALN e que eu corria muito mais risco na rua do que ele. Que é um homem e apoiador do sistema repressivo do governo. Fomos caminhando em torno da praça, em círculos porque ele disse que precisava respirar um pouco de ar puro, ter contato com árvores, e como eu não tinha nenhuma opção melhor, concordei. Nos últimos dias minha cabeça estava cansada demais para pensar em passeios com o namorado. Mas então, o vento frio de São Paulo começou a virar um tornado na minha vida. Eu usava uma saia de sarja e uma blusa clara quando fui levada pelos policiais.

Eles chegaram por trás, com o carro à paisana que eu já tinha visto antes, e cercaram Ozório. O ranger dos pneus e o baque seco da porta do carro, escutei alguém gritar meu nome, não como se tivesse uma pessoa me procurando, mas como uma sentença. Foi então que dois homens de óculos escuros e camisas pretas saltaram do carro

antes mesmo do veículo parar totalmente. Uma algema fechou-se em volta do meu braço esquerdo e pude sentir o metal do relógio dele raspando na minha pele, apesar de tê-lo sentindo pegando em meus braços com tanta força, o gelado do relógio me causou arrepios. Senti medo naquele momento, um medo que eu nunca tinha sentido na minha vida e, provavelmente, o mesmo medo que Jud sentiu. Eu não sabia quem eram esses homens, eles não se pareciam com os que pegaram minha amiga, mas sabia que estava sendo presa.

Pensei em gritar, em chutar os homens altos que me levaram direto para o carro, mas eles eram fortes demais e seguravam a minha boca para evitar de eu fazer um escândalo no meio da rua. Olhei para Ozório, buscando segurança e socorro que ele deveria me proporcionar. Mas ele estava ali, de braços para trás, vendo-me ser levada sem intervir. Ele sibilou um “sinto muito” pouco sincero, e deu meia volta para seguir o caminho contrário ao qual eu estava sendo levada. Eu não podia acreditar no que eu estava vivendo. Meu namorado sendo conivente com a minha prisão. Não tive tempo ainda para digerir esse fato, apesar de que o caminho que fizemos foi bem longo até o Rio de Janeiro e eu poderia ter pensado várias coisas a esse respeito, entretanto, tentei ficar ouvindo o que falavam.

Passamos muito tempo dentro do carro, eu chutaria coisa de umas dez ou onze horas, sentada na mesma posição, de joelhos dobrados próximo do meu peito e cabeça baixa, com uma venda em meus olhos que sufocava qualquer sentimento. A sensação de não conseguir ver nada me agoniava muito por não saber onde e com quem eu estava. O carro andava rápido, como se para evitar que houvesse qualquer tentativa de fuga da minha parte.

Eu estava sozinha ali. Ninguém mais sendo levado preso comigo. Senti-me sozinha, errada, fora da lei. Talvez fosse isso o que queriam que sentíssemos, verdadeiramente errados. Minha sorte era que sempre carregava o caderno dentro da roupa. Com ele, não me sentia tão só. Cheguei a pensar em Jesus e até Lhe falei: “Me dê forças para não esquecer quem eu sou. Para que o nome dos meus companheiros não escape da minha boca, não importa o quanto me maltratem.”

Dormi boa parte do caminho. Fui acordada de forma tão agressiva como nunca vivi. E me trouxeram para cá.

Fui colocada em uma sala vazia, que só era feita de concreto e tinha um único banco que, provavelmente, é aqui que vou dormir. Eles me mandaram tirar a roupa para tomar banho, “tirar esses resquícios de subversiva de você”, disseram. Passei boa parte do tempo

procurando um lugar para esconder meu caderno. Foi então que encontrei um defeito no banco de madeira da cela. É um banco de dois lugares, o estofado solto, fácil imaginar onde o escondi.

Depois de encontrar um lugar seguro para o que mais importa, bati na porta para me levarem ao banheiro. E aqui estou, enrolando, enquanto a água gelada do chuveiro finge escorrer sobre meu corpo para enganar os caras lá fora que estou tomando banho. Ainda estou sentada no vaso sanitário esperando que o tempo me tire logo daqui.

Eles me trouxeram para o Doi-CODI no Rio. Quando anunciaram o local, eu sabia do perigo, mas parecia distante, abstrato. Agora, estar aqui torna tudo real. Os medos que Judith deve ter sentido, eu os sinto agora. Aquela angústia do meu diário cair em mãos erradas, acabar prejudicando as pessoas que eu amo, mas não é um medo da morte. E, sinceramente, é a pior coisa que já me aconteceu.

São Paulo, 1969.

sexta-feira, 10 de outubro.

Vou perder meu caderno e este provavelmente é nosso último momento juntos.

Sei disso porque estão recolhendo os objetos pessoais de todos os que prenderam nos últimos dias. Pela ordem das salas, daqui a pouco batem aqui. Não estou com medo, a maior parte dessa minha aflição é acabar entregando as pessoas próximas a mim, embora sinto que cumpri tudo o que deveria cumprir. Já não sei se escrevo um diário ou um testamento.

Amei os meus pais mais do que tudo nessa vida, mais do que eu poderia expressar aqui, fui grata a cada atitude, esforço, amor e cuidado que tiveram por mim. Honrei-os todos os dias e, quando entrei na faculdade, foi graças a eles que não me preocupei em trabalhar enquanto estudava. Preservei amizades que valiam a pena serem preservadas, as mantive por perto nos momentos bons e ruins, então não tem porquê eu ter medo. Desde que eu cheguei aqui, só consegui pensar em três coisas: meus pais, Judith e Ozório. Posso explicar cada pensamento. Me preocupei com os meus pais por não terem notícias minhas, apesar de ser difícil nossa comunicação por eu morar um pouco afastada, eles sabiam onde eu estava porque sempre escrevia cartas para eles. Mas há alguns dias eles não recebem nenhuma, o coração da minha mãe deve estar ficando apertado e desesperado. Não orientei Tina sobre o que fazer caso eu fosse pega, então ela não sabe que poderia escrever aos meus pais.

Um ponto que me deixa muito angustiada é a reação deles ao descobrirem que fui presa, era o maior medo dos meus pais. A coisa que eu mais ouvia enquanto estive lá da última vez, foi tomar cuidado para não ser pega, de forma alguma. E acho que não dei muito ouvidos para isso. Se tivesse dado, eu não teria continuado qualquer relação com Ozório ou voltado a manifestar pela ALN. Falando em Ozório...

Bom, não posso fingir que não sei que foi ele quem me denunciou para a junta militar. O histórico policial de sua família e sua defesa ao governo repressivo que tanto eu tentei lutar, não deixavam dúvidas de que, a pessoa mais próxima a mim que poderia ter feito isso seria ele. Eu e meus amigos tomamos o maior cuidado nas ruas e nas assembléias, sempre tentando disfarçar nossas roupas e materiais, até mesmo nossa postura não poderia denunciar nada sobre nós. Mas mesmo assim me pegaram, justo quando estávamos juntos na rua, justo quando um carro o perseguiu e ele não se

importou. Aquele mesmo carro que andou atrás dele foi o que abriu as portas para me jogar para dentro, enquanto meu suposto namorado ficou parado ao meu lado, assistindo a cena, e pensando que tinha seu dever cumprido. Não duvido que tenham dado três tapinhas em seu ombro antes de darem partida. Ozório era infiltrado da polícia militar e da ditadura, nunca me amou e provavelmente mentiu cada palavra que saiu de sua boca. Cada passeio nas ruas, cada pergunta sobre mim e, ao mesmo tempo, nenhuma sobre ele, cada ação tinha uma explicação agora, era visível, e essa traição me apunhalava a cada lembrança de nós. Embora eu tivesse uma certa desconfiança em relação à ele e à sua história de vida, eu gostava de Ozório, gostava de estar com ele e de como ele fazia eu me esquecer dos problemas pelos quais eu (porque ele era conivente com o governo) enfrentava por conta da ditadura.

Eu não me arrependo de nada do que fiz, só das coisas que deixei de fazer. Lutar mais, gritar mais alto, manifestar mais, ir contra as imposições que nos deram. Fazer parte do movimento desde o começo, junto com Jud, mesmo que isso resultasse em ter sido presa junto com ela, com certeza eu não me arrependeria. Desde que entrei nesse lugar, frio, escuro, sem vida, sem humanidade, eu só consigo pensar que ela pode estar em algum lugar dessas salas, sentada em algum desses bancos. Eu faria de tudo para encontrá-la novamente, bem e saudável se não for pedir muito.

Mas em meio a uma ditadura militar qualquer coisa é pedir muito.

Hoje pela manhã eles nos serviram meio pão e uma caneca de leite puro, colocaram por baixo da porta de grade da minha sala. Não foi um dos cafés da manhã mais felizes da minha vida, mas fiquei satisfeita por comer pão seco com leite puro. Minha sala é grande e solitária, não tem nada além de um banco feito de cimento, e, por mais que seja espaçosa, não tenho privacidade para nada. Inclusive, preciso pedir para ir ao banheiro para conseguir escrever ou aproveitar as noites em que os incompetentes dos guardas pegam no sono. Para isso tenho que ficar acordada. Na verdade, eu quase não tenho conseguido dormir, porque precisamos ficar alertas o tempo todo, quando vão nos acordar para nos mudar de lugar ou para nos importunar.

Já mudei de sala algumas vezes enquanto estive aqui, duas, se eu não me engano. Mas todas são iguais, exceto pela primeira que fiquei que ao invés de um banco cimentado havia uma cadeira de madeira, onde escondia meu livro. Agora ficou mais complicado escondê-lo. Minhas roupas estão sendo um improviso, mas como disse, por pouco tempo. Preciso ser mais breve nos assuntos que escrevo, por conta do pouco tem...

Me desculpe por interromper meu raciocínio no meio, mas, como eu tava dizendo,

os guardas bateram com força na porta do banheiro dizendo para eu andar logo. Eles começaram a desconfiar que eu estava demorando muito, e a desculpa da dor de barriga não durou muito. Inacreditável como até o tempo de banheiro é cronometrado e não pode passar de três minutos, quatro quando a pessoa está com problemas intestinais. Calculei rapidamente na cabeça quando foi minha última menstruação, porque pelo que as presas me disseram, eles não fornecem absorvente. Meu ciclo deve começar daqui dez dias, até lá espero não estar mais presa aqui.

Ontem, na hora do almoço, eles nos levaram em filas para um refeitório e acho que foi o momento em que eu entendi onde estava. Nos primeiros dias eu estava meio anestesiada, desacreditada, sem esperanças, então não consegui assimilar muito bem as coisas. Faziam o que me mandava no automático, *come isso, vai pra sala, anda direito, vai no banheiro, sai do banheiro*. Agora eu consigo pensar com mais nitidez sobre o que está acontecendo e o que pode vir a acontecer. O espaço é enorme, bem alto e com várias portas que, acredito serem salas de prisioneiros. Um corredor tem placas nas portas das quais ainda não consegui chegar perto o suficiente para ler o que está escrito. Eles nos guiam o tempo todo para os lugares, desde quando nos tiram da sala até a hora de sentar para comer. O almoço é feito no refeitório, as demais refeições dentro da própria sala, é nesse momento que eu consigo conhecer mais pessoas que estão presas. É nesse momento que eu passo mais da metade dos minutos procurando por Judith, sem sucesso.

Esse não deve ser o local onde vamos ficar presas em definitivo, porque não parece ter estrutura de uma cadeia. Eles têm mais guardas do que número de presos, a maioria das salas estão vazias, então, imagino que conforme vão trazendo gente para cá, levam os antigos para outro lugar. Aqui é o Doi-CODI, eu imagino. Aquele lugar que ouvimos na rádio, que parecia tão distante. É aqui que vão inventar e tentar me fazer confessar meus crimes e meus cúmplices. Pelo visto, é aqui que eu vou ter que resistir.

Passaram-se algumas horas desde a última vez que escrevi neste diário. Já está escurecendo e a única coisa que me permite enxergar é a luz fraca que ultrapassa o limite da janela, a noite vai ser longa. Ficar acordada não é tarefa fácil, muito menos encarar o medo de não ter consciência dos próximos minutos da minha vida. Eu não tenho medo do que pode acontecer, mas tenho medo de não conseguir mais ser quem sou. Queria poder levar meu caderno comigo para onde eu for, porque por mais que eu não possa expressar meus sentimentos onde estou, posso ainda escrever aqui, mas eles também vão ser confiscados a qualquer momento.

Na cela, bem no alto da parede, há um buraquinho entre os tijolos. Parece que um

deles foi danificado, mas ninguém se preocupou em arrumar. Não é visível para quem não passou dias neste inferno sem nada para fazer.

Houve dias em que meu único entretenimento, além de escrever, era contar os tijolos das paredes. Foi assim que vi aquele quebrado. Então entendi como me desfazer deste caderno. Não podia queimá-lo, como fiz no quarto com minhas coisas. Nem podia deixá-lo aqui para ser encontrado.

A única alternativa: colocá-lo no buraco, empurrá-lo para o outro lado — torcer para que chegasse à rua.

Por sorte, o banco de cimento está bem posicionado. Subi nele, fiquei na ponta dos pés, e fiz o que pude para encaixar o diário no espaço. Poucos minutos depois, ele estava preso no buraco. A capa escura, a falta de luz, ninguém o perceberia ali.

Decidi que ali que vou escondê-lo, a partir de agora e, se vieram fazer a revista, empurrarei-o para o lado de fora. Fico imaginando que alguém pudesse encontrá-lo... Que caia em mãos certas.